

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE ARQUITETURA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

Ana Pitzer

ATÉ QUE A PALAVRA MORAR FAÇA SENTIDO

Belo Horizonte

2022

Ana Paula Pitzer Angelo

ATÉ QUE A PALAVRA MORAR FAÇA SENTIDO

Versão final

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para a obtenção do título de mestre em Arquitetura e Urbanismo

Orientação: Profa. Dra. Ana Paula Baltazar

Área de concentração: Teoria, produção e experiência do espaço

Linha de Pesquisa: Produção, projeto e experiência do espaço

Belo Horizonte, MG

2022

FICHA CATALOGRÁFICA

A584a. Angelo, Ana Paula Pitzer.
Até que a palavra morar faça sentido [manuscrito] / Ana Paula Pitzer Angelo. –
2022.
126 f. : il.

Orientadora: Dra. Ana Paula Baltazar dos Santos

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de
Arquitetura.

1. Arquitetura – Teses. 2. Arquitetura de habitação – Teses. 3. Habitações –
Teses. 4. Espaço (Arquitetura) – Teses. I. Santos, Ana Paula Baltazar dos. II.
Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Arquitetura. III. Título.

CDD 643.1



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO



FOLHA DE APROVAÇÃO

Até que a palavra morar faça sentido

ANA PAULA PITZER ANGELO

Dissertação submetida à Comissão Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Arquitetura da UFMG como requisito para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo, área de concentração: Teoria, produção e experiência do espaço.

Aprovada em 7 de novembro de 2022, pela Comissão constituída pelos membros:

Ana Paula Baltazar
dos
Santos:76107361634

Digitally signed by Ana Paula
Baltazar dos
Santos:76107361634
Date: 2022.11.07 14:00:51
-03'00'

Profa. Dra. Ana Paula Baltazar dos Santos – Orientadora
EA-UFMG

Renata Moreira
Marquez:990638596
00

Assinado de forma digital por
Renata Moreira
Marquez:99063859600
Dados: 2022.11.07 20:57:55 -03'00'

Profa. Dra. Renata Moreira Marquez
FA-I IFMG

Documento assinado digitalmente



IAZANA GUIZZO
Data: 07/11/2022 16:59:08-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Profa. Dra. Iazana Guizzo
FAU-UFRJ

Belo Horizonte, 7 de novembro de 2022.

agradecimentos

à Fernanda, Janete, Bella, Bernardo e outros tantos que passaram pelo Ô de casa e que fizeram esta pesquisa comigo

à Lari, para quem não consegui encontrar palavras que me pareçam suficientes e, sendo assim, vou me contentar apenas em agradecê-la por, junto comigo, fazer o Ô *de casa* acontecer e tornar esta pesquisa possível

à Ana Baltazar, que despertou minha inquietude em relação à arquitetura (e a tantas outras coisas) desde meu primeiro período na graduação. Agradeço a ela por isso e por toda generosidade desde então.

às professoras Ana Gomes, Renata Marquez e Iazana Guizzo pela participação nas bancas e pelo cuidado em ler minhas palavras. Em especial à Renata, que em suas disciplinas me apresentou outros caminhos, outros seres, outras palavras e outros sentidos.

ao Marllon (e ao Rod) que, além das caronas, dos jantares, das visitas, das palavras, do amor, fez a gravação dos vídeos das entrevistas.

à Amanda, com quem divido simultaneamente a descoberta do morar e de se relacionar

aos colegas de mestrado tão angustiados quanto eu: André, Alice, Iara, Emídio, Thaís, Bela.

à minha tia Ró, pelo acolhimento sincero e por ter também aberto as portas de sua casa para o Ô de casa.

à minha mãe e ao meu pai pela presença distante

à FAPEMIG por ter me concedido a bolsa de estudos

ensaios de morar
onde melhor nos convém
experimentos de ajuste
do corpo à arquitetura
ligeiro desconforto
e desamparo infinito

(...)

apenas ficar aqui
por força ficar aqui
até que a palavra morar
faça sentido

Ana Martins Marques,
em *Como se fosse casa*, 2017

resumo

A pesquisa nasce da crítica à lógica formalista e capitalista de produção do espaço e propõe questionar a reprodução pouco inventiva de ambientes que predizem comportamentos hegemônicos. Tem como ponto de partida experimentações práticas norteadas pelo processo de projeto estruturado durante meu Trabalho de Conclusão de Curso: Práticas de arquitetura: desvio do objeto para o processo (co-desenvolvido em 2019 com Larissa Reis e Marllon Moraes e com orientação de Ana Paula Baltazar - EA/UFGM). No processo faz-se o uso de interfaces (como jogos e dinâmicas de sensibilização corporal) para formular demandas e acender nas pessoas a reflexão sobre como poderia ser um espaço que acolha seus próprios modos de viver e atividades cotidianas (atuais e desejadas). O objetivo é, com as descrições de três destas experimentações, com as narrativas dos envolvidos, e com reflexões construídas essencialmente a partir da práxis, evidenciar o potencial de uma prática como esta, em um esforço para repensar o papel do profissional de arquitetura e imaginar novos jeitos de atuar no campo.

palavras-chave: prática de arquitetura, processo, cotidiano, interface.

abstract

The research is born from the criticism of the formalist and capitalist logic of production of space and proposes to question the uninventive reproduction of environments that predict hegemonic behaviors. Its starting point is the practical experimentation guided by the structured design process developed during my graduation final project (co-developed in 2019 with Larissa Reis and Marllon Morais and with guidance from Ana Paula Baltazar - EA/UFMG). In the process, interfaces (such as games and body dynamics) are used to formulate demands and stimulate people's reflection about how a space that welcomes their own ways of living and daily activities (current and desired) could be. The aim is, with the descriptions of three of these experiments, with the narratives of those who were involved, and with reflections built essentially from praxis, to highlight the potential of a practice like this, in an effort to rethink the role of the architect and to imagine new ways of working in the field.

key-words: architectural practice, process, everyday life, interface.

lista de figuras

Figura 1 - Dois diferentes formatos para dinâmica das situações	21
Figura 2 - Dinâmica de expressão corporal	23
Figura 3 - Interface de sistematização das demandas	24
Figura 4 - Reunião de troca de referências	26
Figura 5 - Jogo para simular possibilidades espaciais	28
Figura 6: Print da cena real montada por Bella - palavras noite/cansaço	34
Figura 7: Print da cena ideal montada por Bernardo - palavras noite/cansaço	35
Figura 8: Print da cena ideal montada por Bella - palavras noite/cansaço	35
Figura 9: Print da cena real montada por Bernardo - palavras meio-dia/pressa	37
Figura 10: Print da cena real montada por Bella - palavras meio-dia/pressa	37
Figura 11: Print da cena ideal montada por Bella - palavras meio-dia/pressa	38
Figura 12: Print da cena ideal montada por Bernardo - palavras meio-dia/pressa	38
Figura 13: Dobradura para dinâmica das situações - fernanda	54
Figura 14: Print da cena real montada por Fernanda - palavras manhã/feliz	57

Figura 15: Print da cena ideal montada por Fernanda - palavras manhã/feliz	58
Figura 16: Print da cena real montada por Fernanda - palavras madrugada/empolgada	59
Figura 17: Print da cena ideal montada por Fernanda - palavras madrugada/empolgada	60
Figura 18: Print da cena real montada por Fernanda - trabalho	61
Figura 19: Print da cena ideal montada por Fernanda - trabalho	62
Figura 20: Um dos slides da apresentação de referências selecionadas por Fernanda	64

lista de abreviaturas e siglas

C3M	Céu do Terceiro Mundo
EA	Escola de Arquitetura
FAPEMIG	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais
LAGEAR	Laboratório Gráfico para Experimentação Arquitetônica
MOM	Morar de Outras Maneiras
QR Code	Quick Response Code
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais



até que a palavra morar faça sentido

ana pitzer



sumário

INTRODUÇÃO	13
o processo	19
primeiro contato	19
primeira etapa: atividades e desejos	20
segunda etapa: possibilidades espaciais	24
terceira etapa: simulações das ideias	27
estrutura da dissertação	29
DESCRIÇÕES DOS CASOS	31
Bella e Bernardo (agosto de 2020)	31
primeira etapa: dinâmica das situações cotidianas	32
primeira etapa: expressão corporal	33
segunda etapa: exercício fotográfico precioso/incômodo	40
segunda etapa: troca de referências	41
terceira etapa: o projeto	45
Fernanda (agosto de 2020)	50
primeira etapa: dinâmica das situações cotidianas	53
primeira etapa: expressão corporal	56
segunda etapa: troca de referências	62
terceira etapa: o projeto	66
Janete e Jac (janeiro de 2021)	69
primeiro encontro: troca de referências	75
segundo encontro: simulações das ideias	79
OS MORADORES	81
CRÔNICAS	83

reforma sem caçamba	85
minha casa, minha cara	93
onde fica a geladeira?	106
CONVERSAS COM LEFEBVRE	113
CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
REFERÊNCIAS	126

introdução

No meu Trabalho de Conclusão do Curso de Arquitetura e Urbanismo¹ desenvolvi coletivamente um processo de projeto semi-estruturado. Em contraponto à prática convencional de arquitetura que define rapidamente demandas e as atrela muito imediatamente a soluções espaciais a partir de um “programa de necessidades”, o processo proposto é focado na investigação aprofundada das atividades e desejos dos moradores sem buscar tão imediatamente por soluções no espaço. É um convite para refletir sobre a maneira que se deseja viver, para então formular demandas e, depois, discutir sobre como o espaço pode acolhê-las.

Para elaboração da estrutura desse processo partimos do estudo e experimentação de dois métodos que de certa forma desviam da prática convencional. O primeiro deles é o método do arquiteto argentino Rodolfo Livingston.² Ele considera fundamental que o arquiteto compreenda o espaço de acordo com a visão dos moradores sem trazer opiniões ou soluções precipitadas. Seu método, estruturado em etapas com dinâmicas pré-definidas, tem como objetivo a escuta e participação criativa dos clientes em todas as etapas do projeto.

A segunda e maior inspiração é o processo desenvolvido pelos arquitetos José Cabral e Adriano Mattos e adotado no escritório Céu do Terceiro Mundo (C3M).³ O processo

¹ (Práticas de arquitetura: desvio do objeto para o processo - Ana Pitzer, Larissa Guimarães, Marllon Morais, 2019 - Orientação: Ana Paula Baltazar)

² O método do arquiteto Livingston é sistematizado passo-a-passo em seus livros *Arquitectos de la Comunidad - El Metodo* (2006) e *Cirurgia de Casa* (1990). Durante o TCC, aplicamos o método, com poucas adaptações, em uma reforma para uma família na região metropolitana de Belo Horizonte.

³ Céu do Terceiro Mundo (C3M) foi um escritório experimental de arquitetura que atuou principalmente em Belo Horizonte e Itabirito (MG) entre os anos 1985 e 1990. Foi criado pelos arquitetos José dos Santos Cabral Filho e Adriano Mattos Corrêa (e que teve, mais tarde, participação do engenheiro José Alberto Cunha Gomes e do arquiteto Marcos Antônio Penido Resende). Durante o TCC, para experimentar o processo, sistematizamos a experiência do C3M por meio de três seminários que organizamos e convidamos os professores José Cabral e Adriano Mattos. O vídeo que resume os seminários está disponível no link <https://bitvli.com/YOmY26>

também é organizado em etapas mas com uma estrutura menos rígida que se modifica de acordo com a necessidade de cada projeto. Assim como o método do Livingston, o processo do C3M pressupõe a participação dos clientes nas decisões de projeto, porém, com uma abordagem mais lúdica e subjetiva que aposta na investigação dos hábitos dos moradores.⁴

A experimentação e a pesquisa durante meu TCC não resultaram na formulação de um método propriamente dito. Com isso, quero dizer que não é uma receita a ser seguida, mas sim uma estrutura processual com objetivos e diretrizes definidas que são trabalhadas por meio de interfaces⁵ que devem ser adaptadas ou substituídas de acordo com o contexto e repertório tanto dos arquitetos como dos moradores.

Essas interfaces são instrumentos, no nosso caso dinâmicas e jogos, utilizados com o objetivo de mediar a interação com os moradores. As interfaces pretendem também ampliar o repertório dos moradores para além da percepção habitual possibilitando que realizem, por meio da ação e não apenas do discurso, suas próprias reflexões críticas sobre o espaço, para que formulem e comuniquem suas necessidades e desejos.⁶

O uso das interfaces é o ponto chave do processo. Não nos parecia suficiente apenas pedirmos para que os moradores nos contassem suas necessidades e desejos, porque a tendência são falas repletas de chavões, desconectadas da experiência sensível, reproduzidas sem que haja de fato uma reflexão. Isso porque geralmente os moradores não estão habituados a analisar situações espaciais espontaneamente. Assim, as dinâmicas e jogos propostos são instrumentos fundamentais para um processo de projeto, de fato, colaborativo.

⁴ A descrição dos dois métodos usados como inspiração, bem como a sistematização das nossas experiências e observações sobre eles e o caminho até chegarmos na nossa estrutura de processo estão detalhadas na dissertação da Larissa Reis (*Práticas de arquitetura: Desvio do produto para o processo*, 2022)

⁵ O termo interface se refere ao conceito trabalhado pelos grupos de pesquisa Laboratório Gráfico para Experimentação Arquitetônica (LAGEAR) e Morar de Outras Maneiras (MOM). Interfaces são ferramentas, como jogos, dinâmicas, objetos, que podem ser digitais ou físicas, e tem como objetivo provocar a interação com as pessoas que as experimentam e a ampliação do imaginário para além da percepção habitual (KAPP, BALTAZAR E MORADO, 2008). As pesquisas e produções dos grupos apostam nas interfaces como possibilidade de mudança na prática profissional. Assim, ao invés de desenhar objetos arquitetônicos ou urbanísticos e predeterminar espaços, o papel do arquiteto seria o de criar interfaces para que os grupos sócio-espaciais possam determiná-los, eles próprios.

⁶ KAPP; BALTAZAR; MORADO. *Arquitetura como exercício crítico: apontamentos para práticas alternativas*, 2008

Em vez de basearmos o projeto numa prescrição de eventos, numa antecipação, numa experiência prévia ou em cuidadosas observações, perguntamos como prover instrumentos ou interfaces que permitem às pessoas comunicar os seus desejos: desenhando, construindo e usando os espaços simultaneamente. Tais instrumentos seriam como alfabetos e palavras, talvez com algum traço de regras gramaticais, mas certamente não seriam textos. A arquitetura seria parte da ação, não o seu pano de fundo, tampouco o seu bem definido contorno.⁷

O processo de projeto que nasceu da sistematização da experiência com 4 famílias durante o desenvolvimento do TCC é organizado em três etapas. Na primeira, que durante o TCC chamamos de *Conhecimento e expressão dos desejos*, propomos uma investigação profunda das atividades (atuais e desejadas) dos moradores por meio, principalmente, de jogos (que trabalham com brainstorming e acaso para formular e identificar situações) e dinâmicas de sensibilização corporal como o Teatro Imagem⁸. Na segunda etapa, *Arquitetura como linguagem: tradução dos desejos*, utilizamos exercícios fotográficos e sensoriais com o objetivo de trocar referências espaciais e entender quais elementos da arquitetura podem traduzir os desejos identificados. E a última etapa, *Arquitetura como diálogo: desejos em escala*, é a concepção do espaço em si com jogos para o envolvimento dos moradores em torno de maquetes ou plantas manipuláveis e culminando com a sistematização de possibilidades apresentadas em montagens ou modelos digitais.

A partir de 2020, depois de graduadas, eu e Larissa Reis demos continuidade ao processo e passamos a oferecer profissionalmente esse serviço de arquitetura para reformas.⁹ Com o nome “Ô de casa”, seguimos as diretrizes do processo que desenvolvemos no TCC para estruturar os encontros com os moradores. Os processos de reforma

⁷ KAPP; BALTAZAR; MORADO. *Arquitetura como exercício crítico: apontamentos para práticas alternativas*, 2008, p.7

⁸ Teatro Imagem é uma técnica do método do Teatro do Oprimido sistematizado por Augusto Boal (1991). Também foi usada como inspiração para estruturar as dinâmicas e isto está detalhado também na dissertação da Larissa Reis (*Práticas de arquitetura: Desvio do produto para o processo*, 2022)

⁹ Todas as experimentações referenciadas nesse texto foram propostas coletivamente por mim e Larissa Reis no Ô de casa, é por esse motivo que escrevo na primeira pessoa do plural em vários momentos.

desenvolvidos nesse contexto são o ponto de partida para minha proposta de pesquisa no mestrado.

Durante a experiência do processo com diferentes pessoas que nos procuraram para reformas, em todos os casos, chamam atenção as mudanças nas relações dos moradores com seus espaços à medida que avançamos com os encontros mediados pelas dinâmicas. Quando tiramos do foco imediato a preocupação de encontrar uma solução espacial e provocamos a reflexão sobre as dinâmicas cotidianas, as vontades e necessidades de vida dos moradores, é como se fosse despertada nos moradores uma sensibilidade para o espaço que ocupam levando a um tipo de inversão. As pessoas começam a olhar para as espacialidades a partir de outros referenciais e entendem que são capazes de interferir no espaço para que ele acolha seu modo de viver.

O interessante é que essa inversão não está necessariamente ligada a modificações físicas radicais, mas ao desencadeamento de um processo contínuo no qual as pessoas se vêem capazes de manifestar e articular suas demandas no espaço mesmo que com poucas (ou nenhuma) intervenções físicas. Assim, embora a expectativa da contratação do serviço seja que o processo culmine em alguma proposição espacial, o potencial de um processo como esse tem a ver não apenas com encontrar soluções físicas com a participação dos moradores, mas também com a possibilidade de oferecer ferramentas para conscientização.¹⁰

Faço aqui um paralelo tímido com a proposta de Paulo Freire. A conscientização, segundo Freire, é um processo que se desenvolve pela tomada de consciência e acontece quando o sujeito sai de uma consciência ingênua para uma consciência crítica da realidade. Essa conscientização é possível quando o processo educativo possibilita ao sujeito uma reflexão sobre si mesmo.¹¹ Para tal, o trabalho educativo não deve ser feito *para* o sujeito, mas sim *com* ele, de maneira que ele possa atuar ativamente e, assim, ter a possibilidade de escolher e decidir por si mesmo.

¹⁰ FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*, 1980

¹¹ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*, 1987

Da mesma maneira, em contraponto à prática convencional prescritiva, o pressuposto do nosso processo é que o projeto do espaço, a arquitetura, deve acontecer *com* o morador. Nós, enquanto arquitetas, trabalhamos junto com os moradores na organização das dúvidas e inseguranças que surgem no processo de atuação em seus espaços. À medida que adquirem uma percepção crítica da sua realidade, passam a se ver conscientemente como atuantes no espaço em que moram.

Na prática, à medida que as discussões são provocadas por meio das dinâmicas, fica evidente o processo de reconhecimento das atividades, sensações e desejos dos moradores como aspectos essenciais e norteadores da experiência e das decisões sobre o espaço em que moram. Nesse sentido, a relação dialógica que o processo propõe relaciona o conhecimento técnico do campo da arquitetura com a experiência cotidiana e o contexto das pessoas. Assim, saem de uma posição coadjuvante em relação à produção do espaço definida por outras esferas, e, a partir do reconhecimento de suas demandas genuínas, tornam-se protagonistas e atuantes na transformação de seus espaços.

Inicialmente, quando propus essa pesquisa, meu olhar estava direcionado para a maneira que os moradores ocupam e se relacionam com seus espaços, buscando entender até que ponto conseguem se articular para superar a prescrição e o formalismo e significar o espaço que vivem como casa.

Por meio das discussões que alimentaram meu repertório nas disciplinas cursadas nos Programas de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo e em Educação e nas orientações, construí um olhar mais assertivo para a pesquisa e para a prática do *Ô* de casa. Assim, o que era um vislumbre de proposição, ainda incipiente, de que as interfaces adotadas no processo informam os moradores a partir de um reconhecimento da realidade social e espacial que acontece por eles mesmos, passou a ser visto como pressuposto da prática. Isso ficou ainda mais claro

O objetivo deste trabalho é sistematizar algumas pistas que aparecem nas experiências com os moradores, tecer reflexões sobre elas e evidenciar o potencial de uma

prática como esta em um esforço de repensar o papel do profissional de arquitetura e imaginar novos jeitos de atuar no campo.

“Até que a palavra morar faça sentido” é um verso de um poema de Ana Martins Marques que eu pego emprestado e trago para esta dissertação não como uma meta, mas como uma provocação. O sentido da palavra morar não é algo que cabe a mim enquanto pesquisadora e arquiteta determinar. Aliás, não é algo a ser determinado, porque não é absoluto e nem imutável. O ponto é justamente oferecer meios para que seja possível que cada um dê a essa palavra o sentido que melhor lhe convém, com base em quem se é, no que se quer, e em quando e onde se está.

o processo

Ainda que fundamental, o foco da pesquisa não é na descrição e crítica do processo de trabalho em si ou das interfaces que usamos. No entanto, é importante apresentá-los aqui já que os casos que serão descritos são experimentações desse processo. E ainda, as discussões construídas ao longo da pesquisa implicaram (e podem continuar implicando) reformulações da estrutura do processo e a criação de novas interfaces.

Como já mencionado, trata-se de um processo semi-estruturado em três etapas. Cada uma das etapas tem objetivos definidos, bem como apontamentos de pontos-chaves importantes. Essas diretrizes podem ser trabalhadas por meio de diferentes dinâmicas e interfaces que idealmente devem ser propostas e reformuladas de acordo com o contexto e demanda dos moradores e com o repertório dos arquitetos, resultando em um processo sempre variável.

A seguir, apresento as etapas, suas diretrizes norteadoras e uma breve descrição das interfaces utilizadas que depois serão mencionadas nas descrições dos casos. A estrutura apresentada aqui diz respeito ao contexto de processos do Ô de casa, ou seja, uma variação da estrutura original desenvolvida durante o TCC. Há também que se levar em conta que quase todos os casos descritos aqui aconteceram durante a pandemia de Covid-19 e, por isso, as interfaces foram adaptadas para os encontros on-line. Inclusive, em alguns dos casos, foi necessário reduzir o processo ou pular etapas por conta da indisponibilidade de alguns moradores em consequência da pandemia.

primeiro contato

Para divulgar o serviço, trabalhamos principalmente com a comunicação em vídeos e fotos para a rede social Instagram. A maioria das mídias que produzimos para essa divulgação foca no processo em si, reforçando o envolvimento dos moradores, mostrando dinâmicas e interfaces que já usamos e também os resultados, para exemplificar as diretrizes que norteiam a prática.

Ainda não fizemos nenhum tipo de direcionamento das postagens para atingir um público específico na rede social. Mesmo que ninguém tenha chegado a nós diretamente pelo Instagram, é importante ressaltar que quase todos que contrataram nosso serviço até então, passaram pela página no Instagram, que funciona como um portfólio que consultam quando recebem a indicação. Além disso, quando fazem o primeiro contato conosco via Whatsapp, sempre encaminhamos um vídeo que apresenta o processo de trabalho. Isso quer dizer que todas as pessoas que nos contrataram tinham algum conhecimento prévio sobre o processo que propomos, ainda que possa não ser esse o motivo principal para contratação.

primeira etapa: atividades e desejos

Na etapa inicial a ideia é dar um passo atrás na pré-figuração de soluções espaciais e estimular os moradores a refletirem sobre a maneira como vivem a partir do reconhecimento das atividades e sensações atuais ou que poderiam ser desejadas. Se atrelamos de antemão um hábito a um espaço, nós eliminamos as tantas outras possibilidades (espaciais ou não) que poderiam surgir. O importante nesse momento é, portanto, deslocar o pensamento dos envolvidos dos espaços para as atividades, e, a partir desse desprendimento, trabalhar na formulação das demandas individuais e coletivas.

dinâmica das situações cotidianas

O primeiro exercício é a proposta de uma dinâmica que tem como ponto-chave usar o acaso para identificar tanto possíveis situações do cotidiano atual como situações desejáveis. Geralmente a dinâmica se baseia na combinação dos elementos *horário do dia*

(manhã, madrugada, meio-dia...), *sensação* (pressa, euforia, cansaço...) e *envolvidos* (visitas, crianças, cachorro...). Tal combinação pode acontecer apenas oralmente ou ser estruturada por meio de sorteios ou de um jogo de cartas, por exemplo. A combinação aleatória desses elementos é ponto de partida para os moradores imaginarem e narrarem situações prováveis. A orientação é que não tentem elaborar demais a situação antes de falar, mas que deixem a narrativa fluir com os primeiros insights que vierem à mente. Incluir nessa dinâmica uma ferramenta para marcar o tempo costuma contribuir para a ampliação do imaginário.

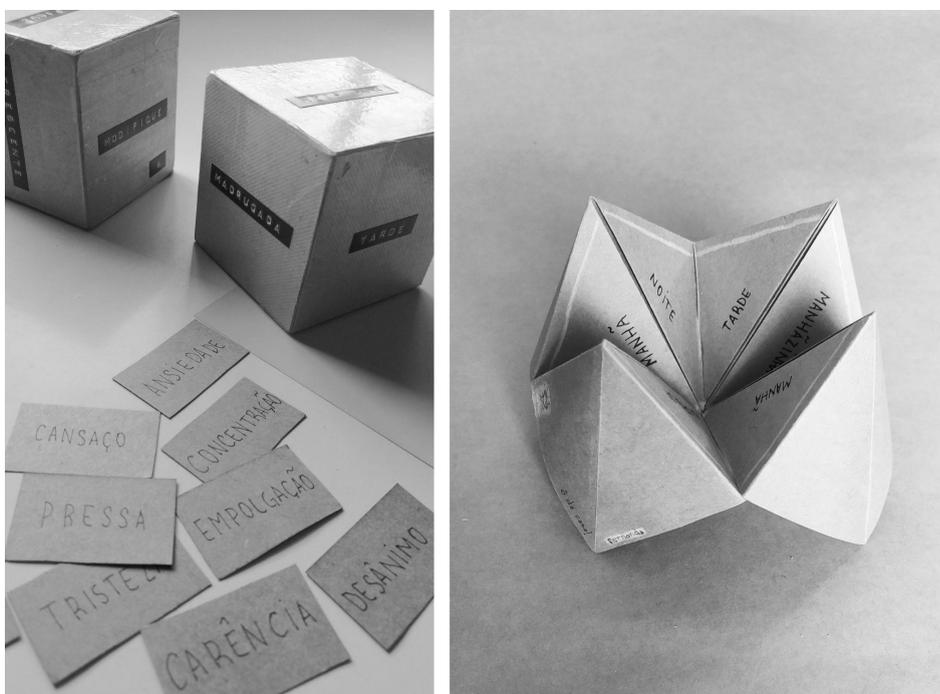


Figura 1 - dois diferentes formatos para dinâmica das situações (autora, 2020)

O objetivo principal é trazer à tona situações que antes poderiam não ser mencionadas (por serem esquecidas ou julgadas como irrelevantes) e ampliar o imaginário para atividades que seriam usualmente impensadas. À medida que as situações são narradas, os moradores naturalmente manifestam incômodos, sensações, comportamentos, aspectos mais gerais e mais íntimos do cotidiano, e começam a problematizar, entre eles mesmos, suas demandas.

dinâmica de expressão corporal

A partir das narrativas da primeira dinâmica, selecionamos de duas a quatro situações que ficaram mais evidentes para aprofundar a problematização por meio da sensibilização corporal. Ao usar a fala, a tendência dos moradores é reproduzir falas desconectadas da experiência e embasadas em comportamentos padronizados. Por isso, trazemos o corpo como meio de expressão para ampliar as possibilidades de diálogo.

A dinâmica que costumamos propor é baseada na técnica de Teatro Imagem. Nessa dinâmica, a fala é inicialmente proibida. Os participantes devem expressar suas sensações a respeito de uma determinada situação ou tema utilizando apenas a posição de seus corpos e suas expressões faciais.

Para começar, escolhemos uma situação ou atividade identificada na dinâmica anterior para ser representada e designamos a um dos participantes o papel de escultor. Em silêncio, o escultor deve conformar uma cena estática para representar a situação utilizando apenas os corpos dos outros moradores como estátuas. O objetivo não é fazer mímicas ou cenas literais para representar situações, mas usar os corpos para comunicar principalmente sensações.

Nesse primeiro momento, ele deve fazer isso pensando em como é para ele a situação no cotidiano atualmente. Essa é a chamada *cena real*. Depois de dispor os demais participantes, o escultor também se posiciona na cena e todos permanecem na cena por alguns minutos. A cada rodada, um dos participantes tem a chance de propor sua própria versão da cena para a situação. Dessa maneira, um participante por vez pode sair da cena, observar e alterar a posição dos corpos para representar a situação sob seu ponto de vista. As diversas versões são muito importantes para iniciar a sensibilização dos moradores para múltiplos pontos de vista sobre uma mesma situação, principalmente em grupos grandes.

No segundo momento, as cenas representadas são as chamadas *cenar ideais*. Os moradores devem montar cenas para representar como idealmente se imaginam

vivenciando a mesma situação. Nesse caso, eles podem, inclusive, imaginar que o ideal é substituir completamente a situação por outra. Nesse momento, deve-se ter em mente que o espaço não é uma limitação, pois trata-se de uma etapa inventiva para formulação dos desejos.



Figura 2 - dinâmica de expressão corporal (autora, 2022)

Apenas depois de experimentar com as cenas é que os moradores podem conversar sobre as representações. É pertinente que os participantes comentem não apenas sobre suas próprias cenas, mas também suas interpretações sobre as cenas montadas por outros, tanto sobre o que sentiram nas posições designadas como o que imaginam que o escultor tentava representar. O diálogo provocado aqui é um momento crucial de problematização coletiva que traz à tona expectativas individuais, toca em questões da convivência e coloca em evidência assuntos cruciais para articular as demandas sócio-espaciais.

Ao fim dessa primeira etapa, as informações são sistematizadas em uma conversa com os moradores para que sejam esclarecidas as demandas e direcionamentos para pensar o espaço. Para essa sistematização desenvolvemos uma interface na qual as atividades cotidianas e temas selecionados como demandas principais são dispostos em um círculo para que sejam feitas conexões entre elas. Geralmente utilizamos um bastidor para bordado, tecido e linhas. Bordamos as palavras na extremidade do círculo e os moradores devem

estabelecer conexões entre elas. As conexões são feitas com linhas de diferentes cores e espessuras que simbolizam conexões fracas, intermediárias ou fortes. A maneira como as atividades são por fim representadas em uma espécie de mandala, contribui para desconstruir com os moradores uma lógica automática de necessidades e de cômodos pré-determinados, estimulando a imaginação de outras possibilidades de configurações espaciais menos coercivas.

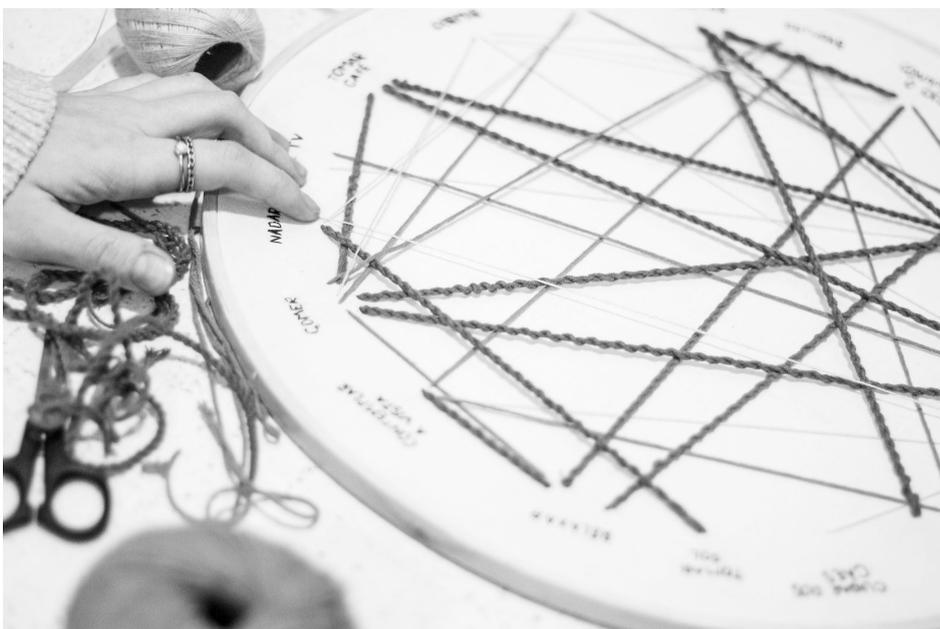


Figura 3 - interface de sistematização das demandas (autora, 2019)

segunda etapa: possibilidades espaciais

A segunda etapa é o momento de começar a tratar mais diretamente sobre possibilidades espaciais à luz das demandas articuladas na etapa anterior. É importante ter claro, tanto para arquitetos como moradores, que o objetivo não é propor de imediato soluções espaciais para supostas necessidades. Ou seja, não se trata de formular uma lista de necessidades a serem atendidas, mas trabalhar com os indícios de demandas mobilizados na etapa anterior. A ideia não é fechar possibilidades, mas informar e discutir possibilidades espaciais para ampliar o repertório dos envolvidos.

exercício fotográfico

Para começar, geralmente propomos um exercício fotográfico por meio do qual cada morador deve representar, com fotografias tiradas por eles mesmos, qualidades espaciais e sensações sobre o ambiente. Aqui podemos pedir que os clientes tentem traduzir com uma foto qualidades espaciais como: iluminado, integrado, amplo, privado, protegido. Podemos pedir também que fotografem no lugar em que vivem algo que represente, por exemplo, *incômodo e precioso*.

Essa dinâmica pretende entender e tornar visível as interpretações de cada um sobre as espacialidades. É o momento de fazer uma espécie de “ajuste de linguagem” entre arquitetos e moradores (e também entre os próprios moradores), já que os contextos são diferentes e naturalmente atribuímos significados diferentes para as mesmas palavras. O que eu considero um espaço iluminado, o outro pode considerar que ainda não é iluminado o suficiente, por exemplo.

troca de referências

A proposta da troca de referências é afinar a linguagem entre arquitetos e moradores (e entre os próprios moradores) para entendermos o que num ambiente traz as qualidades e as conexões que investigamos e começarmos a pensar como esse espaço pode acolher as situações problematizadas. Nesse encontro, cada morador tem a tarefa de selecionar imagens de referências para os espaços. Como é comum que os moradores já tenham acesso a muito conteúdo desse tipo na internet, instruímos que façam uma nova busca baseada nas discussões alimentadas nos nossos encontros. Propomos, inclusive, que as imagens não precisam remeter objetivamente a soluções espaciais, ressaltando a importância de olharem para as referências também como meio de ilustrar as sensações e o papel que imaginam que

os elementos espaciais possam desempenhar. Também orientamos que não devem deixar de levar uma referência por julgarem que seria impossível de colocar em prática. Esse é o momento de colocar tudo na roda.

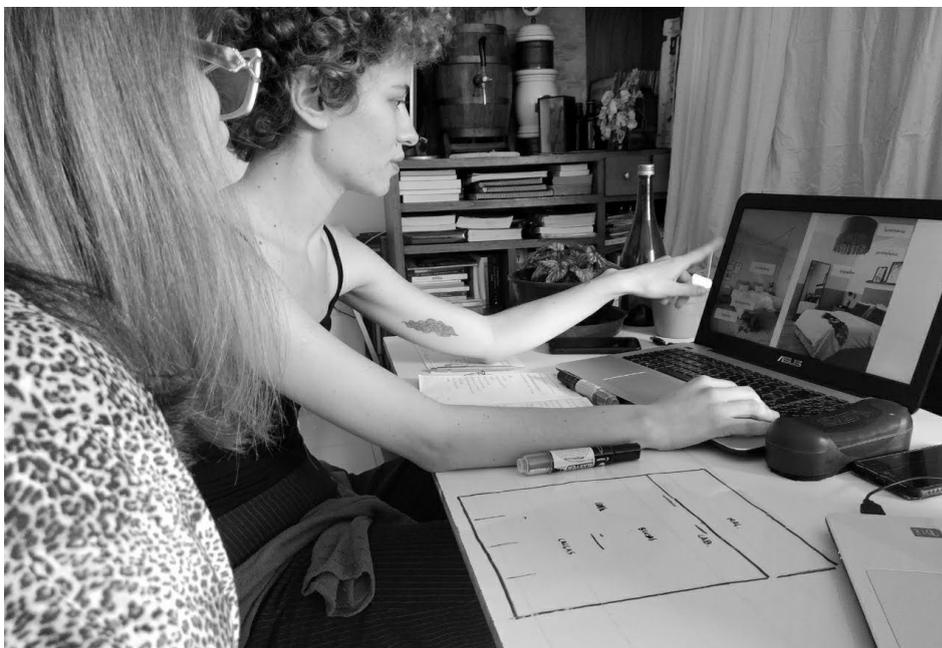


Figura 4 - reunião de troca de referências (autora, 2021)

Para guiar essa seleção, elaboramos algumas questões que devem ser respondidas individualmente por cada morador por meio das imagens. Esses enunciados, baseados em atividades, são pensados para estimular a criatividade sobre as discussões que apareceram. Então, ao invés de pedir referências sobre “dormir”, por exemplo, pedimos referências para “dormir juntos confortavelmente”, e “dormir juntos mantendo a individualidade”. Ao invés de falar de “varanda”, falamos de “transição dentro e fora”, “jeitos diferentes de relaxar”. Essa “especificação” é importante até mesmo para que as pessoas comecem a refletir antes de buscar pela imagem e não simplesmente coloquem uma palavra-chave no Google e escolham a foto mais atraente.

Como é um momento de troca, nós, arquitetos, também apresentamos referências. Selecionamos referências mais adequadas às questões levantadas em cada caso, que provoquem discussões e ampliem o repertório dos clientes, trazendo ideias inesperadas e que os inspirem. Para a apresentação dessas referências, o melhor é organizar todas as

fotografias (deles e nossas) por categorias. Isso pode ser feito numa sequência simples de slides ou por meio de um jogo ou dinâmica. O objetivo é que todos comentem sobre a sua própria referência e as referências levadas pelos demais, explicitando os elementos arquitetônicos ou outras características da imagem que os levaram a escolher aquela foto.

terceira etapa: simulações das ideias

Essa é a etapa final na qual entenderemos, em conjunto com os clientes, como articular as demandas problematizadas até aqui e pensar em possibilidades espaciais que possam acolher as atividades e situações desejadas.

jogo para simular possibilidades

A interface mais utilizada nessa etapa é um jogo com objetivo de experimentar espacialidades para reforma por meio de módulos espaciais em planta ou maquete manipulável. Os elementos do jogo são pensados especificamente para cada caso e variam de acordo com o contexto, como número de moradores.

No geral, o jogo acontece em torno do tabuleiro que é uma representação em planta do espaço atual. Os elementos que podem ser adicionados ao tabuleiro são representações para novas paredes, várias opções móveis existentes e não existentes, peças em branco (que os jogadores podem desenhar outros elementos), e algumas das imagens trabalhadas durante a troca de referências que podem ser recortadas.



Figura 5 - jogo para simular possibilidades espaciais (autora, 2021)

Para guiar a dinâmica elaboramos cartas que determinam as ações dos jogadores. No início, cada jogador recebe uma carta-objetivo. Cada carta-objetivo apresenta uma atividade ou situação (levantada nas etapas anteriores) e o jogador deve deixar o espaço o mais favorável possível para que ela aconteça.

No baralho que fica sobre a mesa tem as cartas *acrescente*, para acrescentar um elemento à planta; *modifique* para trocar de lugar um elemento que já está na planta; *qualifique* para usar as imagens de referência para mostrar melhor como imagina algum ponto do ambiente; *troque de objetivo* que dois participantes devem trocar de objetivo; e a *carta-evento* que descreve uma situação surpresa na qual todos jogadores devem se empenhar em conjunto para modificar a planta para recebê-la (por exemplo: “hoje é aniversário de João, alguns amigos chegaram de surpresa para fazer uma festa”).

Participam do jogo tanto moradores como arquitetos, o objetivo é ter o jogo como interface para discutir mais especificamente as possibilidades espaciais. Ao jogar, os moradores tendem a se desprender de pré-julgamentos e a se posicionar diante de questões sócio-espaciais que vão surgindo. O diálogo é estimulado por meio da simulação do acaso e pela imaginação de outras realidades, contribuindo para chegar a possibilidades espaciais mais interessantes.

o projeto

O último passo é tornar as ideias espaciais conversadas até então mais visíveis no espaço. Para isso utilizamos, na maioria das vezes, a modelagem 3D no programa SketchUp que nós, arquitetas, fazemos sozinhas para depois apresentar aos moradores. Quando chegamos nesta etapa as demandas já foram suficientemente problematizadas e estão claros muitos dos elementos espaciais desejáveis para satisfazê-las. Espera-se que os moradores, a partir das discussões e interfaces propostas nas etapas anteriores, estejam informados sobre as qualidades espaciais relacionadas a cada uma das possibilidades investigadas coletivamente.

O que fazemos nesta etapa é trabalhar mais tecnicamente as ideias, resolvendo detalhes, experimentando tamanhos, proporções e viabilidades. O objetivo não é elaborar um projeto prescritivo em todos os detalhes, por isso, explicamos que a representação 3D é uma simulação simbólica e não necessariamente um modelo a ser copiado. Assim, no dia da apresentação, não levamos um projeto final, mas, conforme proposto por Livingston, levamos possíveis variações para cada ambiente a partir do que discutimos. A partir desse ponto, os moradores, cientes das implicações de cada solução, têm autonomia para experimentar, fazer as escolhas e definir os detalhes.

estrutura da dissertação

A experimentação prática com o Ô de casa é o que inspirou a pesquisa do mestrado e também o que conduziu a escrita da dissertação. Por esse motivo, na primeira parte do texto optei por descrever alguns processos de reforma que realizamos. Essas descrições não pretendem apresentar julgamentos ou enquadramentos teóricos, são apenas descrições do que de fato aconteceu nos encontros a partir da minha percepção. Por meio delas acredito

conseguir deixar mais evidente quais são os atores (humanos e não-humanos) envolvidos, qual o contexto e, dessa maneira, olhar para os casos com mais profundidade e identificar mais aspectos. É também uma forma de registrar e apresentar os fatos para você que me lê e abrir possibilidade para que outras reflexões sejam formuladas (por outros ou por mim em outro momento).

Na segunda parte, te convido a ouvir os moradores, protagonistas dos processos de reforma que descrevo. São vídeos em que falam sobre sua experiência com o processo e são tão importantes quanto os textos. Para gravá-los, fizemos uma entrevista guiada, com perguntas mais abrangentes para que os moradores fossem estimulados a se expressarem e contarem mais livremente sobre suas próprias perspectivas do processo.

A partir das descrições e das percepções apresentadas pelos moradores, na terceira parte apresento minha própria percepção, elaborada em crônicas. As crônicas são reflexões agrupadas em três temáticas que elaboram sobre o processo de trabalho do Ô de casa, seus desdobramentos e diferenças. Colocar minhas reflexões dessa maneira tem a ver com a escolha de trabalhar essencialmente pela práxis, pela reflexão a partir da minha prática de fato, e não por um enquadramento teórico, como explico mais no início desta introdução.

Por fim, para dialogar com essas reflexões, ensaio uma lente teórica a partir da teoria da produção do espaço de Lefebvre estabelecendo um paralelo entre alguns conceitos formulados por ele e dos pressupostos e desdobramentos da prática do Ô de casa.

Descrições dos casos

Durante o tempo de pesquisa, realizamos paralelamente o processo com treze famílias. Para esta dissertação escolhi descrever e aprofundar as reflexões a partir de três destes casos. São casos que trazem alguns pontos que os destacam em relação aos outros e também pontos que representam assuntos e desdobramentos que se repetiram em mais de um processo.

Bella e Bernardo (agosto de 2020)

Bella e Bernardo namoram há pelo menos 5 anos e recentemente se mudaram para um apartamento alugado na região central de Belo Horizonte para morar juntos. Ambos têm por volta de 30 anos e é a primeira vez que moram fora da casa dos pais. Bella é psicóloga contratada por uma empresa e também oferece atendimentos de maneira autônoma. Bernardo leciona biologia para turmas de ensino médio. Além disso, o casal trabalha com confeitaria: eventualmente recebem encomendas que preparam em casa mesmo.

O apartamento tem uma sala grande (15m²) que é o cômodo mais relevante para o casal. Tem uma cozinha bem pequena e um banheiro que também funciona como área de serviço. São 2 quartos: um maior para o casal, e um menor que usam para hóspedes e para guardar algumas coisas. Esse quarto menor não é original no apartamento. Um cômodo maior, provavelmente a antiga sala, foi dividido com uma parede drywall. De um lado ficou esse quarto e, de outro, o que chamam de 'salinha' que é por onde se entra no apartamento. Nessa salinha ficam apenas uma poltrona e um armário que usam como despensa.

Quando Bella nos procurou, fazia pouco mais de um mês que haviam se mudado e queriam, segundo ela, ajuda para organizar os móveis usados que ganharam de presente e que já estavam no apartamento. Bella mencionou no primeiro contato que achou que

“davam conta de organizar tudo sozinhos” mas que não estavam conseguindo “deixar a casa do jeito que a gente quer”.

tô super animada já pra que a gente possa reinventar essa casa, ai menina! tô muito querendo que essa casa tenha a nossa cara assim... porque essa coisa de lugar alugado, cê chega a casa tá com cara de outra pessoa... (mensagem de áudio da Bella ao confirmar a contratação depois de enviarmos material explicando como é o processo)

primeira etapa: dinâmica das situações cotidianas

A primeira etapa do processo, ‘entendendo os hábitos e desejos’, aconteceu online, por conta da pandemia, e ficou dividida em dois encontros. No primeiro encontro trabalhamos com uma dinâmica de imaginar situações possíveis a partir da aleatoriedade para entender o cotidiano do casal. Um deles falava um horário do dia (manhã, tarde, noite, madrugada...) e o outro, imediatamente, falava uma sensação (euforia, cansaço, pressa...). A partir destes dois elementos eles descreviam uma situação cotidiana provável com o máximo de informações relacionadas à ela. Instruímos que a tarefa não era descrever o espaço, mas, ainda que elementos do espaço sejam mencionados, narrar a situação a partir das sensações, pensando nos prazeres e nos incômodos, nos possíveis envolvidos, na maneira como eles se comportam ou se comportariam.

As três duplas de palavras que eles formaram foram: noite/cansaço, meio-dia/pressa, manhã/sono. Para as três combinações, o casal narrou principalmente situações que evidenciam o empenho deles para encaixar momentos de qualidade juntos no dia-a-dia corrido de muito trabalho. Falaram bastante, por exemplo, sobre como gostam do almoço juntos sentados à mesa e conversando.

apesar do momento ser meio apressado por ter horário, o momento de comer e conversar não traz a sensação de pressa. É algo que deixa o coração da gente quentinho para além da comida apenas. Quero que essa sala fique quentinha e confortável quase como uma comida de domingo. (fala da Bella durante a dinâmica das situações.)

A sala, onde fica o sofá, a televisão e a mesa em que fazem as refeições é o ambiente mais mencionado e o que eles mais se apropriam. Dizem que a sala é mais clara, mais aberta, arejada e que “por ter menos coisas, é mais limpa visualmente”. Ainda que o quarto do casal seja praticamente do mesmo tamanho da sala e com a janela virada para a mesma direção, Bella conta que tem a sensação que o quarto é muito mais escuro e apertado. “Tudo é muito grande, o pé direito é alto, o armário vai até o teto, é meio sufocante. A nossa cama também é grande, ainda tem as escrivaninhas... acabou ficando muito cheio”. Bernardo coloca que o quarto é mais um “lugar de funções”, principalmente porque é onde trabalham desde o início da pandemia. Então, a sala é o lugar principal de convívio, onde dizem passar os momentos de lazer, os fins de semana, onde recebem os amigos íntimos para beber, ouvir música, tirar cochilos e passar o dia juntos. Bella diz que “nos fins de semana muda bastante a sensação, aqui na sala fica como se fosse um dia iluminado dentro de casa”.

primeira etapa: expressão corporal

O desejo por esses momentos de qualidade e a sensação constante de pressa, cansaço e sobrecarga permaneceram como assuntos centrais nas discussões do segundo encontro. Nesse encontro foi o dia de fazer a dinâmica com o Teatro Imagem para aprofundar nas questões e entender desejos e expectativas.

Aqui, vale colocar que tanto a Bella quanto o Bernardo se mostraram sempre muito confiantes e abertos em relação ao processo. Foi, de fato, um dos casos em que mais percebemos engajamento no processo, sobretudo na primeira etapa. Tanto é que,

geralmente a dinâmica com Teatro Imagem acontece ainda no primeiro encontro, mas com eles, a discussão rendeu tanto que precisamos dividir essa etapa em dois encontros.

Quando mencionamos que haveria uma dinâmica com o corpo não pareceram em nenhum momento desconfiados ou constrangidos. Pelo contrário, especialmente a Bella manifestou muita empolgação e ansiedade para fazer a dinâmica com o Teatro Imagem. Ela nunca tinha participado mas teve contato com a teoria do Teatro do Oprimido no curso de psicologia.

Depois de alguns exercícios para aquecer o corpo, partimos de dois dos três grupos de palavras que surgiram no primeiro encontro (noite/cansaço e meio-dia/pressa) para agora usar o corpo como interface para manifestar os incômodos e sensações e, principalmente, para imaginar reformulações para essas situações e atividades. Para a dinâmica, o casal ficou na sala de casa, orientamos deixar o espaço mais livre, tratar como um espaço neutro, sem se apegar ao ambiente em si e evitar usar móveis e objetos.

Começamos com a dupla noite/cansaço. Bella começou montando a *cena real* (Figura 6) que representa o cotidiano como é atualmente. Posicionou o Bernardo sentado com os braços cruzados e ela deitada, também com os braços envolvendo o corpo de Bernardo.



Figura 6 - print da cena real montada por Bella - palavras noite/cansaço (autora, 2020)

Depois de verem o print da cena real, partimos para a montagem das cenas ideais, respeitando a regra de não tentar explicar ou fazer comentários até que todas as cenas sejam montadas. Bernardo começou fazendo esta transição da cena real, montada por Bella, para o

que ele considera que seria uma *cena ideal* para a situação em questão (Figura 7). Ele posicionou a Bella deitada com a cabeça em algumas almofadas e depois se colocou em cena também deitado, com as mãos cruzadas sobre a barriga e apoiando sua cabeça no colo da Bella. Por fim, posicionou a mão dela em sua cabeça, como quem faz um carinho.

Na vez da Bella propor sua cena ideal (Figura 8), ela trocou de posição com Bernardo, colocando ele deitado com a cabeça nas almofadas e, ao invés de apoiar apenas sua cabeça no colo, colocou todo o seu tronco sobre ele, soltando seu peso e relaxando o corpo. Para todas as cenas propomos que eles permanecessem na posição por alguns minutos, entendendo as sensações de estar naquela posição, fechando os olhos e imaginando possibilidades e cenários.



Figura 7 - print da cena ideal montada por Bernardo - palavras noite/cansaço (autora, 2020)

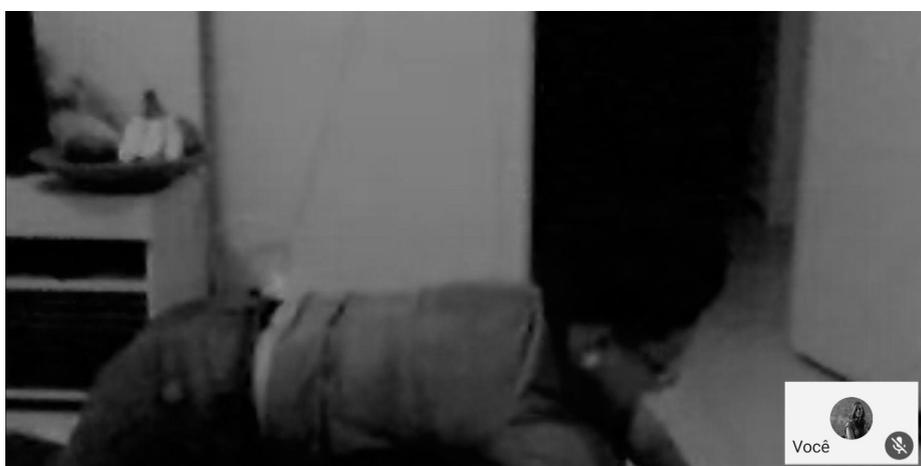


Figura 8 - print da cena ideal por Bella - palavras noite/cansaço (autora,2020)

No momento de conversar sobre as cenas, Bella explicou que com a cena real, quis representar como lidam com o cansaço ao fim do dia. Comentou que a noite costumam mesmo deitar no chão, colocam um colchão para assistir TV e conversar.

Eu quis mostrar, com os braços cruzados, que o cansaço deixa a gente mais ‘fechados’, no sentido de não querer fazer nada. Mas eu quis mostrar também que ao mesmo tempo é um momento confortável, como se tivesse algo fofinho (se referindo a ter se posicionado deitada abraçando o Bernardo).

Bernardo disse que o espaço vai se modificando ao longo do dia e que gosta de como conseguem adaptar o espaço para várias atividades.

Eu costumo treinar (artes marciais) na sala, aí eu arredo todos os móveis. Quando chega de noite a gente traz os colchões pra deitar, às vezes a Bella trabalha aqui na mesa, as vezes ficamos os dois juntos aqui fazendo coisas diferentes e também é aqui que a gente faz todas as refeições. Gosto muito desse potencial.

Sobre sua cena ideal, Bernardo disse que imaginou um lugar arejado e macio que não precisa necessariamente ser grande, mas que ele gosta da sensação de poder “se espalhar e movimentar”. Disse que pensou muito no momento que estão deitados na sala antes de ir para o quarto dormir, mas que queria um lugar mais confortável, “que pudesse ficar por horas”. Bella disse que quando estava ali deitada na cena que ele montou, ela pensou também em um lugar bem arejado e também pensou em um ambiente colorido.

Em sua cena ideal, Bella contou que deitou sobre Bernardo para representar como se ele fosse uma superfície bem macia e como se ela fosse uma coberta. “Eu pensei na noite, pensei que eu gostaria de deitar em algo confortável perto do chão. Poderia ser uma rede baixa, mas poderia ser também tipo um puff gigante que meio que abraça e cobre a gente também”.

As palavras meio-dia/prensa foram as próximas a serem trabalhadas no Teatro Imagem. Eles já entendiam melhor a proposta e tocaram em mais pontos e despertaram ainda mais questões do cotidiano do casal, inclusive incômodos e vontades que ainda não haviam sido mencionados.

Bernardo começou montando a cena. Para a primeira cena (Figura 9), a cena real, ele usou o corpo da Bella para representar movimento e se posicionou como se a estivesse guiando. Retratou também, com os objetos na mão da Bella (uma manga e uma almofada) a sobreposição de atividades focando principalmente no comer. Bella quis propor também a sua versão da cena real (Figura 10): ela os posicionou sentados com expressões felizes e olhando atentamente um para o outro.

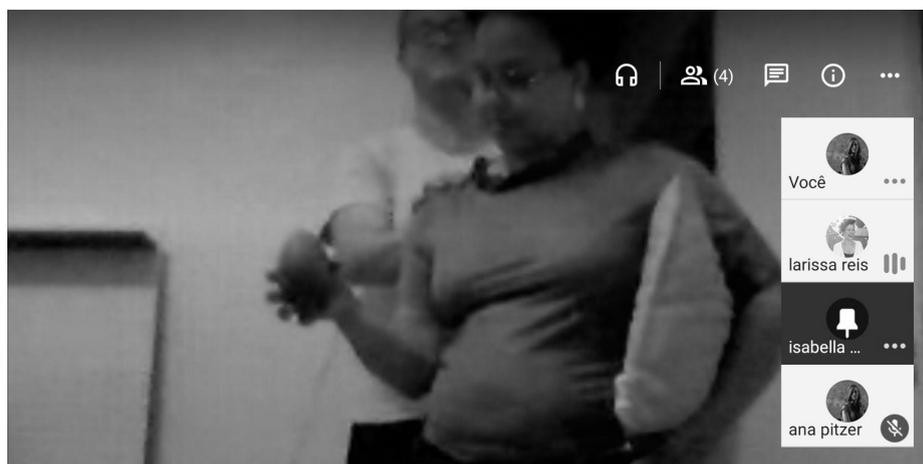


Figura 9 - print da cena real por Bernardo - meio-dia/prensa (autora, 2020)



Figura 10 - print da cena real por Bella - palavras meio-dia/prensa (autora, 2020)

Na montagem das cenas ideais, Bella começou posicionando o Bernardo com os joelhos e os braços apoiados ao chão e se colocou com os braços apoiados nas costas dele, gesticulando como se estivesse comendo algo (Figura 11). Na cena proposta por Bernardo (Figura 12), eles estão um ao lado do outro, se olhando, com os joelhos flexionados e gesticulando com as mãos.



Figura 11 - print da cena ideal por Bella - palavras meio-dia/prensa (autora, 2020)



Figura 12 - print da cena ideal por Bernardo - palavras meio-dia/prensa (autora, 2020)

Ao conversar sobre as cenas reais, Bernardo diz que tentou mostrar com a cena como ele tem a sensação que este momento do dia, de fazer refeições, é sempre muito desorganizado desde a hora de preparar a comida. Foi nessa dinâmica que apareceu, pela

primeira vez, o incômodo do casal com a cozinha do apartamento. A cozinha é muito pequena e sentem falta de espaço para cozinhar e dizem ser impossível até mesmo ficar os dois ao mesmo tempo no ambiente.

É tudo muito apertado, sinto falta de espaço para apoiar as coisas, fica tudo empilhado na pia e no fogão. Não gosto de acumular as coisas assim, sinto que tem sempre alguma coisa pra fazer e isso fica na minha cabeça. (fala do Bernardo)

Bernardo contou que quis também representar como o horário de almoço da Bella é rápido, que ela logo tem que voltar a trabalhar. “Durante o dia ela não ocupa a casa, ela só passa pela casa e às vezes eu vou atrás dela pra ir organizando a casa e meio que ajudar ela nessa passagem”. Bella disse que ao experimentar essa cena realmente se lembrou da sensação de pressa para comer mas que, “quando o Bê entrou na cena, quando ele colocou a mão no meu ombro, eu senti a sensação de um pouco menos de pressa, um conforto”.

Esse conforto foi o que Bella quis mostrar em sua cena real. (Figura 10) Que, apesar do tempo curto, esse é um momento tranquilo no dia dela, principalmente porque sentados à mesa, conseguem aproveitar a vista da janela. Comentou que escolheu alugar o apartamento principalmente por causa da vista, mas que sente falta de olhar pela janela na correria do dia. O apartamento fica no 29º andar e dá pra ver grande parte da cidade de lá. Mencionou também que quis mostrar na cena que o momento é agradável, mas que sente falta de conforto. “Estas cadeiras aqui são ergonômicas mas elas não são confortáveis, mesmo assim a gente prefere comer na mesa do que no sofá porque daqui da mesa dá pra ver a vista”.

Partindo disso, Bella explicou que na sua cena ideal ela colocou o corpo do Bernardo representando uma mesa, um espaço de refeições que fosse mais confortável. “Eu coloquei o Bê como se fosse uma mesa porque ele é fofinho e eu queria isso, uma mesa que fosse confortável, macia, um lugar pra comer, pensar, aproveitar a vida. Uma mesa que eu poderia ficar horas mesmo depois de comer”. Bernardo concordou que, ao experimentar com as cenas, também pensou que gostaria que esse lugar fosse confortável o suficiente para fazer outras atividades além de comer. “E eu coloquei a Bella mexendo as mãos porque é uma

mania dela. Ela sempre fala gesticulando quando está muito animada e feliz, eu quis mostrar que a gente estava em um lugar que deixa a gente feliz.”

segunda etapa: exercício fotográfico precioso/incômodo

No terceiro encontro, já na segunda etapa do processo, pedimos que cada um deles levassem, além das referências para o novo espaço, duas fotos: uma de algo precioso no apartamento e uma de algo que considerem um incômodo.

Ambos levaram uma foto da vista como algo precioso. Como já haviam mencionado algumas vezes, é de fato o motivo principal para terem escolhido o apartamento. Comentaram que gostam da luz que entra pelas janelas e da amplitude da vista, de como dá pra ver praticamente a cidade inteira e as serras. Bella disse que a vista traz “uma sensação de conforto, o parque Municipal parece ser o quintal da nossa casa. Eu amo principalmente os dias de muito sol, a gente olha pra cima e parece que o tá dentro do céu”.

Para o incômodo, Bella trouxe uma foto do banheiro (que também funciona como área de serviço). Esse assunto ainda não havia surgido no processo, mas os dois manifestaram várias questões sobre o banheiro nesse momento.

Eu odeio esse banheiro, é um caos. Ele é minúsculo, e tem tanta coisa dentro dele, máquina de lavar, tanque, pia... é uma sensação de que tem tanta coisa que o nosso banho dura um minuto, não é bom tomar banho nele. E o box é muito pequeno, pra vocês terem ideia só eu consigo lavar, o Bernardo não cabe agachado pra lavar o box. (fala da Bella)

E Bernardo continua comentando: “Não tem lugar pra nada, as coisas ficam caindo no chão. E a janela é fixa, não abre nem entra luz”.

Bernardo trouxe uma foto da cozinha para mostrar seu incômodo, que eles já haviam manifestado na dinâmica com o Teatro Imagem.

Eu passo bastante tempo na cozinha e por isso me incomoda muito. Ela é minúscula também, não tem espaço para cozinhar direito, cortar as coisas... falta espaço de apoio, tudo fica empilhado e fica muito difícil de limpar, acumula muita sujeira.

A cozinha é de fato muito pequena, tem 2,8m², quase nenhum espaço de bancada. A pia é bem pequena e não tem nenhum armário embaixo, tem apenas dois armários aéreos. O basculante dá pra um fosso do prédio e, por isso, não tem nenhuma iluminação natural. A posição da geladeira (que é a única possível) inutiliza uma porta de entrada e, quando a geladeira está aberta obstrui totalmente a entrada da cozinha. Em cima da geladeira é onde colocam o microondas e alguns potes de mantimentos. Atrás dela é o lugar das vassouras, rodo e varal de chão.

segunda etapa: troca de referências

Nesse terceiro encontro foi também o dia de fazer a troca de referências. Enviamos antes os enunciados para guiar a seleção de imagens e orientamos que eles fizessem a atividade separadamente, para conversarmos juntos no nosso encontro.

A partir desse dever de casa que nos passou, já tô aqui viajando como a casa poderá ficar e o que trabalhamos nos outros dois encontros ficou ainda mais concreto. A partir dessa relação com as referências. (mensagem da Bella sobre a seleção de referências alguns dias depois que enviamos os enunciados.)

Abaixo, as perguntas propostas. Para cada uma delas uma imagem deveria ser selecionada, mas o que é mais importante, na verdade, são os comentários durante a apresentação.

- o que te traz a sensação de amplitude + aconchego?
- o que um ambiente precisa para ser flexível, com potencial de acolher várias atividades?
- como seria um ambiente confortável para passar o dia com amigos?

- onde você quer estar após um dia estressante/cansativo?
- como você imagina um espaço ideal para cozinhar no dia-a-dia?
- como tornar o momento de fazer as refeições mais agradável ainda?
- o que é necessário ter no espaço para você trabalhar?
- como seria o quarto dos seus sonhos?

Para a primeira pergunta, sobre a sensação de amplitude e de aconchego ao mesmo tempo, Bella focou mais nas cores. Disse que o que pra ela mais traz a sensação de amplitude são “cores mais claras mas com pequenos objetos coloridos. Cores e estímulo visual fazem muito sentido pra mim, pra deixar o ambiente mais alegre e aconchegante”.

Tanto para essa primeira pergunta quanto para segunda (sobre um ambiente flexível), Bernardo trouxe imagens de futtons, para indicar que gosta da ideia de algo macio e que sejam fáceis de remover quando for preciso deixar o espaço mais livre. “Para mim é importante ter um espaço que eu possa me esparramar, mas que seja um espaço que possa ser facilmente liberado, preciso conseguir transitar sem me esbarrar”. Bella trouxe uma imagem parecida para mostrar sua ideia de flexibilidade, com almofadas no chão em uma varanda com muita planta. “Essa foto é o espaço dos meus sonhos. Essa varanda cheia de plantas dá a sensação de estar fora de casa. Eu gosto de andar descalço, sentar no chão e estar em roda com as pessoas”.

Para pergunta sobre um ambiente para passar o dia com os amigos, também trouxeram imagens bem parecidas. Ambientes com uma diversidade de móveis para sentar, focando principalmente em redes de tecido e dando destaque também para presença de plantas e objetos na decoração como livros, quadros e outros pequenos objetos. Bernardo acrescentou sobre a importância de ter lugar para apoiar comidas e bebidas e disse que pensou nas redes como “mais um possibilidade pras pessoas se esparramarem, eu quero que todo mundo possa se esparramar num lugar macio, com conforto, pra comer, beber e bater-papo por horas”

Apresentando as fotos selecionadas para a pergunta “onde você quer estar após um dia cansativo?” foi o primeiro momento que trouxeram para discussão momentos mais individuais do cotidiano. Bernardo apresentou uma foto de um ambiente pequeno, um canto com uma cadeira suspensa próxima à uma janela. Disse que nos dias mais cansativos tem a tendência de ficar mais isolado, que gostaria de ficar em um canto reservado e confortável. “Gosto de me retirar do mundo e ficar um tempinho ali”. Bella disse que também pensou na atividade de leitura, que gostaria de um lugar bem iluminado e aconchegante o suficiente para que ela pudesse cair no sono ali mesmo. “Eu gostaria também que fosse um lugar com alguns objetos que tragam a nossa identidade pra trazer uma sensação de segurança.” Eles manifestaram também gostar muito da ideia de estar próximos à janela, de ver a vista quando estão em momentos de descanso e mais reflexivos, como se fosse em uma varanda.

Sobre o espaço de trabalho, Bella falou sobre seu incômodo com a maneira que acontece atualmente. Eles trabalham no quarto, cada um com uma pequena mesa.

Agora na pandemia eu tenho a sensação de estar trabalhando 24hrs por dia, eu sinto que estou sempre ligada ao trabalho. Queria poder me desconectar, que eu trabalhasse e as coisas ficassem lá, eu sempre fico carregando elas de um lado pro outro. (fala da Bella)

Ela disse gostar de trabalhar próximo a janela e que gosta de um ambiente “arejado e estimulador”. Bernardo comentou que só precisa do que tem hoje mesmo, uma mesa e um computador, mas que não está satisfeito:

a mesa fica virada pra janela, fica muita claridade nos olhos. Sem contar que é tudo meio apertado, a mesa da Bella fica ali do lado e às vezes eu acabo ocupando um pedaço. Eu sou meio desorganizado né, e a Bella briga comigo.

Para as referências para as atividades de comer e cozinhar, ambos selecionaram fotos de ambientes com cozinhas compactas, mas sempre com uma mesa grande no mesmo ambiente. Bernardo disse que queria mesmo uma cozinha que tivesse pelo menos um pouco

mais de espaço e que fosse fácil de limpar. “Facilitaria muito o dia-a-dia e ia permitir que a gente preparasse as refeições com mais qualidade. Sem contar quando tem encomenda da confeitaria online, a gente precisava de uma bancada, aqui é muito difícil.”

O jeito como reclamam da cozinha deixa transparecer como é um incômodo muito presente no dia-a-dia mas que encaram como algo impossível de resolver. Ao apresentar suas referências Bella disse:

Se fosse pra sonhar eu queria mesmo era jogar tudo no chão e fazer uma cozinha nova, enorme, cheia de bancadas, integrada, com uma mesa enorme. Mas não tem jeito né, o apartamento não é meu, é alugado, então a gente tem que conviver com esse inconveniente.

Por fim ela disse que gosta de fazer as refeições na sala, principalmente por causa da janela, mas voltou a dizer que queria uma mesa mais confortável e trouxe uma referência em que ao invés de cadeiras, a mesa acompanha uma espécie de sofá para sentar. Ela disse rindo: “a minha mesa de comer dos sonhos seria uma mesa que eu pudesse comer e dormir ao mesmo tempo, que se eu quiser eu fico lá comendo e jogando conversa fora o dia todo”.

Os dois comentaram várias vezes que gostariam muito de poder conversar enquanto cozinham. Bella comentou: “Gosto muito da ideia de fazer a comida e já meio que ir servindo as coisas, comer e cozinhar, tudo junto” e Bernardo completou “Só que aqui em casa não cabe nem nós dois ao mesmo tempo na cozinha, mal cabe a geladeira, quem dirá fazer isso”.

nossas referências

Além de, claro, selecionar ideias levando em consideração os mesmos enunciados que propomos para eles e com as reflexões dos primeiros encontros em mente, aproveitamos esse momento para trazer para discussão questões que eles não mencionaram até então. Selecionamos imagens para conduzir para assuntos como: suas necessidades em

relação à atividade de lavar/secar roupas, suas demandas para o quarto de hóspedes e, principalmente, sobre possibilidades para a salinha de entrada do apartamento, o cômodo indefinido. Utilizam como passagem, para os rituais de pandemia (colocar e tirar máscaras e sapatos aos sair e chegar) e tem um armário. Apenas depois de perguntarmos qual a função desse armário que eles mencionaram que usam para guardar, principalmente, alimentos e utensílios da cozinha.

Como essa salinha fica ao centro do apartamento, na passagem da cozinha para a sala de convivência, onde fazem as refeições, ela poderia funcionar no dia-a-dia como um espaço de apoio para a cozinha. Assumir, de fato, como um espaço com armários para guardar as coisas, que poderia ter bancadas e ser também onde ficaria o microondas, a geladeira, e outros eletrodomésticos, pensando em liberar mais espaço na cozinha.

Ao apresentar referências para o espaço de cozinhar, além que mostrar soluções como pinturas, bancadas dobráveis e substituições de armários para dar uma sensação de amplitude à cozinha, levamos algumas propostas menos convencionais, mostrando, por exemplo, essa possibilidade da geladeira estar mais próxima às áreas de convivência.

Quando mostramos essas ideias e explicamos que assim a cozinha ficaria com mais espaço para bancadas e para que os dois pudessem cozinhar juntos, com certo entusiasmo eles concordaram. Logo Bernardo disse, que, na verdade, eles já tinham pensado nessa possibilidade. “Sabe que a gente chegou a pensar nisso, em tirar a geladeira dessa cozinha e colocar ela ali do lado do armário (na salinha de entrada). Ia até ser mais rápido para pegar as cervejas.” e Bella completou “é, a gente pensou nisso, só que não é muito normal né? colocar a geladeira na sala, na entrada assim...”

terceira etapa: o projeto

Para este caso, o encontro para troca de referências foi bastante esclarecedor para identificar possibilidades espaciais para acolher os desejos e demandas do casal. A ideia era procurar inspirações que não envolvessem grandes reformas, já que o orçamento do casal é

baixo e que, alterações na planta não seriam possíveis, uma vez que o apartamento é alugado. Desde o início eles colocaram que haviam nos procurado para “ajudar a organizar nossas coisas” e “deixar a casa com a nossa cara”. E, de fato, as possíveis soluções discutidas na troca de referências, que partiram tanto deles quanto de nós, arquitetas, tiveram a ver com pequenas alterações nos móveis: algumas trocas de posições (poucas porque a planta do apartamento, em quase todos os cômodos, não oferece muitas possibilidades por conta da posição das portas e janelas e dos armários embutidos) e ideias para outros tipos de móveis mais flexíveis, prateleiras para os objetos afetivos, têxteis e plantas.

Outras ideias discutidas para suprir demandas como a sensação de desconforto com o pé-direito alto, o desejo por um ambiente similar à uma varanda e a necessidade de demarcar melhor o espaço para trabalho, tiveram mais relação com estratégias de pintura para as paredes e teto dos cômodos. Antes do processo, o casal não tinha pensado sobre pintar o apartamento. Como acontece em muitos casos, por ser alugado, eles não tinham certeza se era algo que podiam fazer e nem se valeria a pena o investimento em um “lugar que não é deles”. Nas nossas conversas eles refletiram que tinham acabado de se mudar e que, muito provavelmente, passariam pelo menos alguns anos da vida ali. Além disso, estava no contrato com o locatário que, de qualquer maneira, precisam fazer uma nova pintura para entregar o apartamento.

Depois da troca de referências, é iniciada a terceira etapa do processo, que já é a etapa de projeto. Muitas vezes, no início dessa etapa, utilizamos alguma interface para discutir com os moradores as soluções no espaço. Geralmente levamos um jogo, sempre com adaptações para cada caso. No entanto, para o caso da Bella e Bernardo, optamos por não fazer o encontro com o jogo. Primeiramente porque estava em um momento bem crítico da pandemia, demandaria, portanto, adaptações para o funcionamento online que não conseguimos encaixar na agenda na época. Além disso, como mencionado, o espaço desse caso não passaria por grandes reformas ou alterações nas posições dos móveis que já não tenham sido bem discutidas na etapa das referências.

O que resolvemos fazer foi aproveitar melhor o inevitável encontro para fazer o levantamento para esclarecer detalhes pontuais, conversamos principalmente sobre os móveis que têm e pretendem manter e os que pretendem substituir. Fora do contexto da pandemia é possível que já teríamos visitado para fazer presencialmente um dos encontros, mas no dia do levantamento, foi a primeira vez que visitamos o apartamento. Foi importante ter a vivência do corpo no espaço e real noção dos tamanhos antes de propor as alterações, mas sentimos como o processo foi suficiente para assimilar as demandas e sensações sobre o espaço, e ainda mais interessante, já que partiram sobretudo da experiência dos moradores.

Para fazer o projeto, fizemos a modelagem 3D do apartamento no programa SketchUp. As ideias foram sedimentando durante o processo e já tínhamos conversado diretamente sobre a maioria das soluções propostas, que ficaram bem claras durante a troca de referências. Ao modelar, localizamos melhor essas soluções no espaço, resolvemos questões de proporções e tamanhos, propomos algumas variáveis de posições para os móveis existentes, sugestões para novos móveis (como prateleiras) e para pintura das paredes.

A apresentação desse modelo aconteceu, online, cerca de dois meses depois de encerradas as primeiras etapas do processo. Explicamos, antes, que a ideia é ser uma conversa ainda processual, para visualizar juntos as possibilidades, fazer testes. Explicamos que fazer a reforma é um novo processo, por isso o modelo não corresponde 100% a realidade. Os elementos que aparecem na simulação são “simbólicos” e devem servir como guia para as transformações e não como uma receita a ser copiada. O importante é que entendam os porquês das propostas e as qualidades espaciais relacionadas a cada uma delas e que eles terão autonomia para escolher os detalhes como qual móvel comprar, qual o melhor layout para cada momento, qual cor usar etc.

Vou aqui fazendo uns exercícios de respiração para conter a minha ansiedade...rsrs. Tô bem animada com a possibilidade de ver como ficou. Tenho certeza que será uma delícia, assim como foi todo o processo! Então nos encontramos domingo. (mensagem da Bella antes do encontro para apresentar o modelo 3D)

No dia da apresentação eles estavam de fato bem animados, principalmente Bella que tem um comportamento mais eufórico. Como mencionado, os dois se engajaram muito no processo e se mostraram bem curiosos para ver as discussões tomando forma. No geral, e assim foi para esse caso, os moradores ficam bem entusiasmados para ver a casa deles modelas em um programa 3D, geralmente há essa expectativa ao contratar o serviço.

À medida que íamos apresentando cada cômodo eles manifestavam sempre algum sinal de euforia. Expressaram muita facilidade em entender a linguagem do modelo e identificar as alterações. Apresentamos cada detalhe das propostas, conversamos sobre as sugestões para que eles ficassem cientes das possibilidades e para que pudessem fazer suas escolhas para as decisões mais fixas.

Perdemos os registros desse encontro, mas lembro de uma das falas do Bernardo em que ele confessou estar com algum receio de que o projeto fosse modificar completamente a casa, os móveis. Mas quando viu o projeto, como estava tudo diferente e sem quebrar nenhuma parede, ele quase não acreditou, disse que estava “sem palavras”.

Depois dessa conversa, enviamos o pdf com as imagens do projeto para conversarem melhor entre si, mostrar para outras pessoas, refletir se não têm mesmo alterações para apontar e pensar sobre as decisões ainda em aberto no projeto. Eles ficaram com a tarefa de pensar melhor, por exemplo, sobre os armários de marcenaria propostos, qual a quantidade e o tipo de espaço de armazenamento que realmente precisam e sobre as cores das paredes. Chegamos a fazer uma nova reunião, desta vez presencialmente, duas semanas depois, para esclarecer esses detalhes já que eles contrataram também nosso serviço para produzir os desenhos técnicos que seriam demandados para marcenaria de alguns móveis.

Nesse dia, quando entramos no apartamento, vimos que eles já tinham feito algumas pequenas mudanças que tínhamos conversado no processo. A mais importante delas é que eles já haviam optado por trocar a geladeira de lugar. Ela e o microondas estavam na salinha de entrada e não mais na cozinha. Além disso, também giraram a posição da mesa na sala e separaram as mesas de trabalho no quarto. Compraram e penduraram algumas plantas e colocaram um mural e um espelho nas paredes. Uma prateleira que antes ficava guardada, agora estava na sala com livros, porta-retratos e outros objetos dos dois (as miniaturas de Star Wars do Bernardo e as imagens de Iemanjá da Bella).

Pouco tempo depois da última etapa do processo, Bella e Bernardo adotaram dois filhotes de cachorro de porte grande que não se adaptaram bem ao apartamento. Sem espaço ficaram agitados, faziam muito barulho e estavam causando estragos no apartamento. O casal persistiu um pouco e chegou, inclusive, a executar as pinturas sugeridas no projeto. Porém, eles refletiram sobre a mudança da rotina com os cachorros, algumas questões de trabalho e sobre outros pontos que já havíamos conversado nos nossos encontros e, aproximadamente 4 meses depois, decidiram mudar de apartamento.

Fernanda (agosto de 2020)

Fernanda tem 26 anos, trabalha com comunicação em uma agência de publicidade, estuda fotografia e oferece o serviço como freelancer. Ocupa parte do seu tempo também criando origamis e tem bastante interesse em plantas. Ela divide um apartamento no centro de Belo Horizonte com dois amigos e dois gatos. Não temos uma relação muito próxima mas já nos conhecemos, estudamos juntas durante o ensino médio, mas ela não tinha conhecimento sobre o processo de arquitetura que propomos.

Quando me procurou, fazia quase 5 meses que havia se mudado para o apartamento. Ela e os amigos conversaram sobre a possibilidade de contratar serviço de arquitetura para todo o apartamento, mas que seria um plano para o futuro, depois que conseguirem economizar juntos algum dinheiro.

Eu tava tendo uma ideia com os meninos aqui em casa, porque a gente tem ficado meio pra baixo com a casa, porque ela não tá do jeito que a gente gosta ainda sabe? Mas a gente não tem ainda como comprar muitos móveis... e tem coisas que não dá pra fazer por que a gente mora de aluguel, mas aos pouquinhos vai indo e aí, com um projeto pra nortear seria lindo. Será que você toparia fazer um projeto pra gente? Se for do seu interesse, né...
(mensagem da Fernanda sobre o projeto)

O apartamento é alugado e, para eles, é um desafio organizar a casa.

Como a gente mudou pra um apartamento que é de aluguel, a gente tava querendo soluções para decoração e tal que possam ser ajustadas para o caso da gente mudar pra outra casa, nada que dependa do espaço físico aqui pra funcionar, sabe? A gente queria ressignificar o espaço que é alugado, uma coisa que fosse mais a nossa cara e pra gente se sentir à vontade, porque a gente já vai pro quarto ou quinto mês que a gente tá morando aqui e ainda não conseguimos achar um norte pra começar, sabe? Tipo, todo mundo tem o mesmo acordo de materiais, cor, paleta... mas a gente não sabe ainda qual seria o ponto de partida para isso. (transcrição mensagem de áudio da Fernanda)

Por fim, Fernanda decidiu não esperar até conseguirem contratar o serviço para o apartamento completo e escolheu já fazer o processo sozinha, para reformar seu quarto. Disse que sentiu uma certa urgência de organizar melhor o quarto para se sentir mais à vontade.

Meu quarto é o espaço que eu mais passo tempo, e que eu quero me sentir mais confortável... porque quando a gente divide casa com alguém né, divide os espaços em comum... de vez em quando a gente quer ficar sozinha, né? Então eu quero o meu quarto sendo tipo a minha casa dentro do apartamento. (transcrição mensagem de áudio da Fernanda)

Nessas primeiras conversas, dá para entrever como ela estava aflita para se identificar melhor com o quarto mas, como ela disse, que não é muito claro pra ela como fazer isso.

Porque hoje em dia, como ele ainda não tá do jeito que eu quero, eu entro no meu quarto e eu não consigo fazer os meus hábitos de rotina que eu gostaria, do jeito que eu gostaria, sabe? Então às vezes eu entro e fico muito incomodada com o jeito que ele tá... mas também acho que é porque faz pouco tempo que eu mudei, né?

[...]

Porque eu me identifico muito com o tamanho dele, mas eu não sei como deixar ele mais aconchegante... eu já vi várias referências e tal. Então é mais isso assim, de transformar o meu quarto no meu cantinho de meditar, de estudar, de fazer meus projetos de foto e tal, de concentrar.

Como é de praxe, enviamos por whatsapp um vídeo curto que explica nosso processo, as etapas e o orçamento. Fernanda não demorou muito para aprovar o orçamento e fechar a contratação.

Primeiro eu queria falar que eu achei muito legal esse modelo que vocês estão aplicando... acho que o projeto tem tudo pra dar muito certo. Dá pra ver que vocês tratam o projeto com uma gentileza muito grande. É muito legal os detalhes que vocês colocam no vídeo, passa uma sensação de segurança e de que vocês vão cuidar do espaço e não só estudar e só aplicar um projeto. É muito legal que mostra o envolvimento de vocês, isso de entender os hábitos, conhecer os clientes, é muito legal. - (transcrição mensagem de áudio da Fernanda sobre o material de apresentação e orçamento)

Combinamos de dar início ao processo que aconteceu quase completamente de forma online. Inicialmente ela nos mandou um vídeo para apresentar o quarto, mostrar os móveis e objetos que já tem, o que pretende substituir e o que ainda não comprou. O quarto tem mais ou menos 15 m² e é em formato de L. No vídeo ela explica que “ainda está tudo meio improvisado” e mostra muitos objetos ainda encaixotados desde a mudança, 5 meses atrás.

Já tem definido que quer substituir a cama (usa uma cama de solteiro que trouxe do seu quarto de infância na casa dos pais) por uma cama de casal estilo ‘tatame’ e mostrou uma arara que ganhou de um amigo e está reformando (levou para soldar e está cobrindo a estrutura metálica com corda de sisal) para colocar suas roupas. Afirmou com segurança sua decisão de não ter guarda roupa, porque ocupa muito espaço e gostaria das roupas mais visíveis.

Durante o vídeo ela menciona várias vezes sobre a paleta de cores para o quarto e mostra a relevância do assunto para ela.

Eu comprei essa cadeira (amarela) porque tava pensando numa paleta mais puxada para o amarelo, laranja... esses tons mais pastéis mas que ao mesmo tempo são tons quentes, sabe? Você pode ver que eu tenho várias coisas amarelas, que é minha cor preferida. E os móveis queria nesse tom mais neutro de madeira crua, tipo o sisal que tô passando na arara, e brincar com as cores mais em outros elementos, acessórios, paredes, nas texturas...

Mostrou também que precisa melhorar a mesa que usa para trabalhar. Na verdade, desde que precisou trabalhar de casa por conta da pandemia, o que usa como mesa é uma tábua apoiada em dois cavaletes que comprou em uma promoção. A tábua tem apenas 30cm de profundidade e seu comprimento é desproporcional ao tamanho dos cavaletes, que são muito largos e têm que ficar na diagonal para caber a cadeira entre eles. Sobre essa tábua ficam o monitor e o notebook que precisa diariamente e vários itens de papelaria, pastas e cadernos, tudo muito apertado.

Por questões de agenda, só seria possível iniciar as etapas do processo com ela cerca de um mês depois desse primeiro contato, e demoraria ainda mais até que o projeto ficasse pronto e executado. Como o problema da mesa pareceu algo urgente, propomos orientá-la para resolver essa situação o quanto antes, para não precisar esperar todo o processo para fazer a troca. Ela queria continuar usando os cavaletes que havia comprado mas disse que não sabia onde comprar um tampo para mesa e que não sabia qual tamanho era bom.

Antes de sugerir a compra do tampo, enviamos um pequeno guia para ela tirar algumas medidas do quarto para saber o tamanho adequado de mesa que o cômodo comporta. Para entendermos as demandas com a mesa (e para que ela mesma pudesse refletir melhor e imaginar possíveis situações), enviamos algumas perguntas básicas sobre os hábitos e objetos que a mesa precisaria acolher. Mais ou menos uma semana depois ela já comprou o tampo e estava trabalhando na mesa nova. “Já tô na mesa nova, a minha postura já é outra menina, estou chocada! Só de poder esticar os braços já me deu uma sensação bem melhor”.

primeira etapa: dinâmica das situações cotidianas

Para o processo com a Fernanda, além de fazer adaptações para acontecer de maneira remota, foi a primeira vez que propomos um processo para uma única pessoa. Assim, precisamos pensar elementos para instigar aleatoriedades, diálogos e dissensos que costumam aparecer a partir da dinâmica dos moradores entre si.

Para a conversa sobre os hábitos e situações no primeiro encontro, fizemos uma dobradura do tipo ‘abre e fecha’ e deixamos na portaria do prédio para que ela usasse no nosso encontro online (Figura 8) Nas abas externas escrevemos horários do dia (madrugada, manhã, meio-dia, tarde...) e na parte de dentro sensações: ansiosa, desanimada, focada, triste, com pressa, empolgada, cansada e feliz.

Assim como são as regras tradicionais da brincadeira, Fernanda escolhia um primeiro número que corresponde ao número de vezes que ela deveria abrir e fechar a dobradura até parar em uma posição para então escolher um dos quatro horários disponíveis. Depois, escolhia uma outra aba para abrir e encontrar uma sensação. Com a combinação de palavras que surgia dessas ações ela deveria, sem pensar muito, narrar uma situação cotidiana provável, descrevendo o máximo de elementos que conseguir.

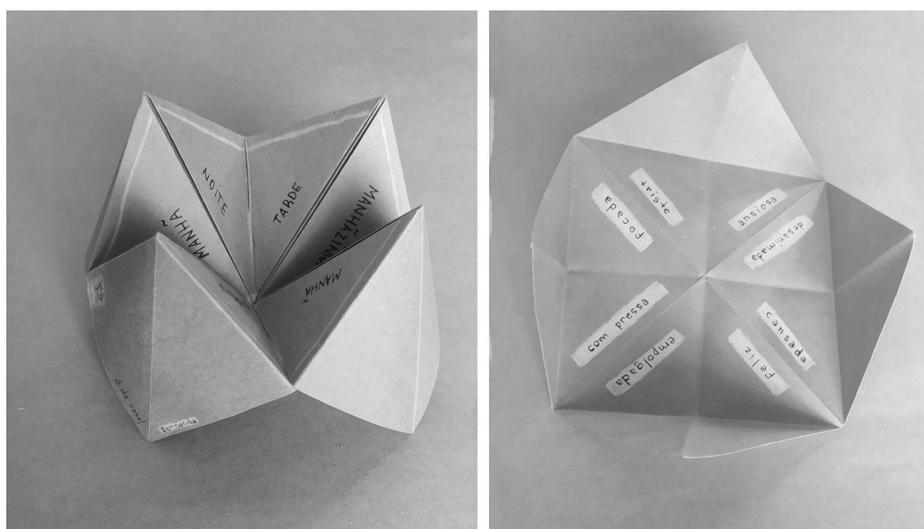


Figura 13 - dobradura para dinâmica das situações (autora, 2020)

Sorteamos 5 situações diferentes. Desde o primeiro sorteio, seguindo as orientações, Fernanda entrou no clima da dinâmica e começou a descrever imediatamente as primeiras coisas que vieram à sua cabeça depois de ler as palavras. A primeira combinação foi *manhã* e *feliz*. Ela contou principalmente sobre sua prática de Yoga.

Quando acordo mais disposta eu gosto de ir logo me preparar para fazer um pouco de Yoga. Geralmente quando eu acordo mais cedo, acordo mais feliz. Gosto de sentir a primeira luz do sol, me conectar com o que eu to sentindo, sentir que estou aproveitando mais o dia e projetar isso até o fim do dia. Só depois que eu saio do quarto pra comer, tomar banho, e volto para me arrumar.

A dupla de palavras seguintes foi *noite e pressa*. Disse que fez ela pensar nos piores dias, estressantes, que sente um alívio ao chegar no quarto para ler um livro ou algo parecido, mas que sente falta de ter hábitos noturnos para relaxar antes de dormir. “Me lembra muito também quando eu tenho um dia super cansativo e estou doida para ir dormir logo só que chego em casa e o quarto está todo bagunçado, é horrível.”

Na terceira rodada as palavras sorteadas foram *tarde e cansada*. Imediatamente ela começou a falar sobre as adaptações que precisou fazer para trabalhar de casa durante a pandemia.

Quando vejo essas palavras só consigo pensar no trabalho. Como eu tô tendo que trabalhar aqui no quarto, to com muita dificuldade de desassociar o trabalho do meu quarto em si. Eu acabo ficando sempre tensa aqui no quarto e aí sinto que não to conseguindo aproveitar ele bem para outras coisas, pra descansar.

A quarta dupla de palavras foi *manhãzinha e desanimada*. Ela contou que nos dias em que se sente mais preguiçosa, costuma se demorar mais na cama mexendo no celular, mas que não gostaria de ter esse hábito. “Às vezes eu resisto à tentação e, mesmo que eu esteja desanimada, eu faço uma meditação deitada na cama mesmo.” Comentou também que vez ou outra chama os meninos que moram com ela para passar um tempo no quarto dela, deitados na cama ou sentados no chão conversando.

A última situação partiu das palavras *madrugada e empolgada*. Assim que sorteou ela comentou que achou interessante esse resultado porque é algo que realmente acontece bastante com ela, ficar animada mesmo de madrugada.

Às vezes eu demoro muito pra ir dormir e eu fico ali apoiada na janela observando o céu, a lua quando ela aparece, vendo as janelas dos vizinhos... às vezes até puxo uma cadeira e rascunho algumas ideias.

Mencionou sobre a presença da música no seu cotidiano e que gosta muito de dançar e costuma dançar sozinha no seu quarto. “Eu tenho até uma playlist da madrugada, me ajuda a manter ou mudar o meu humor.”

primeira etapa: expressão corporal

Para a segunda parte do encontro, que corresponde à dinâmica com o corpo inspirada no Teatro Imagem, escolhemos três das situações sorteadas para explorar melhor as sensações, incômodos e desejos. Nesse caso, foram necessárias algumas adaptações para a dinâmica funcionar com uma só pessoa. Fernanda foi ao mesmo tempo escultora e escultura. Ela se colocava na cena real, ou seja, na cena que ela criou para representar como é o cotidiano atual dela no quarto e depois montava a cena ideal, que foca nos seus desejos e nas novas possibilidades. A cada cena montada, tiramos um print na vídeo-chamada para que ela tivesse a oportunidade de observar de fora a cena, principalmente para fazer a transição da cena real para a cena ideal.

A orientamos a montar a cena em silêncio, sem explicar. Depois de já posicionada em cada cena, tanto real como a ideal, pedimos para ela permanecer por alguns segundos para observar ou imaginar o ambiente. Em seguida, pedimos para ela qualificar esse espaço. Isto é, para as cenas reais, observar e falar sobre as qualidades (ou incômodos) presentes no ambiente que afetam diretamente a situação representada e, nas cenas ideais, falar sobre as características que imagina que o ambiente poderia ter para favorecer a cena que ela criou. Ao fim de cada dupla de palavras representadas, fizemos uma conversa para ela falar sobre as montagens das cenas, o que quis transmitir e o que imaginou.

As primeiras cenas foram para as palavras *manhã* e *feliz*. Fernanda levou um tempo pensando sobre como montaria a cena antes de começar. Orientamos que ela não se preocupasse em formular uma ideia antes, que ela poderia já ir experimentando com o corpo mesmo que não soubesse ainda o que gostaria de representar. A partir daí, ela se posicionou sentada sobre a cama e foi testando algumas posições. Por fim, na sua cena real, ela está sentada na cama com as pernas cruzadas, as mãos juntas à frente do peito e o rosto virado para cima. (Figura 14)

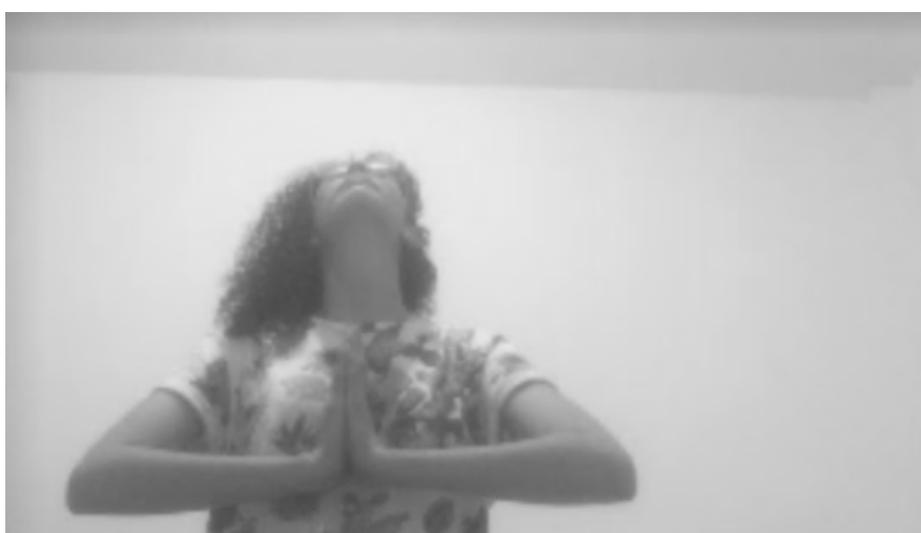


Figura 14 - print da cena real montada por Fernanda - palavras manhã/feliz (autora, 2020)

Ao qualificar essa cena, Fernanda disse imaginar um conforto provocado pelo calor do sol, sensações térmicas mais quentes e um ambiente iluminado. Durante a explicação, ela disse que representou o seu momento de fazer yoga ou meditação.

É um momento que eu não consigo ter sempre, mas que me dá uma sensação de liberdade, de estar projetando coisas além, um momento para imaginação. Apesar de sempre ter alguns barulhos que atrapalham na concentração.

Comentou que fica realmente mais disposta quando o dia está mais ensolarado e que fica menos confortável para esse hábito em dias nublados ou quando está de noite.

Para cena ideal, Fernanda se sentou no chão, com as pernas cruzadas e, durante a montagem fez vários movimentos com os braços esticados. Por fim, se posicionou com a coluna reta, os dois braços bem esticados em lados opostos e os olhos fechados. (Figura 15)

O que vem na minha cabeça é uma sensação de amplitude, mas ao mesmo tempo acolhimento e calor. Imagino um campo gramado ou uma praia. Quero ter o conforto de esticar todos os extremos, esticar os braços sem me preocupar em esbarrar em alguma coisa e conseguir me sentir à vontade, sem me limitar.

Aqui ela voltou a falar sobre as cores, que quer usá-las para ter essas sensações. “Eu fico pensando em cores vivas, no amarelo, nos tons terrosos que me lembre natureza e esse calor sempre no meu quarto, mesmo que o dia lá fora esteja meio feio”.



Figura 15 - print da cena ideal por Fernanda - palavras manhã/feliz (autora, 2020)

A segunda dupla de palavras escolhida para dinâmica foi *madrugada/empolgada*. Dessa vez ela começou imediatamente a testar o corpo em cena. Foi para perto da janela do quarto, se sentou de frente para ela em uma cadeira e foi testando algumas posições com os braços, pernas e usou bastante das expressões faciais para representar o que queria (Figura 16)

Aqui eu sinto que é um momento diferente do yoga, é um momento menos do corpo físico, sabe? Tenho uma sensação de intimidade, é uma conversa interna. Eu tento ficar mais largada, tranquila, e, pensando nessa coisa da *madrugada*, mesmo que eu esteja olhando pra fora, pros outros prédios, eu gosto que eu não me sinto observada.

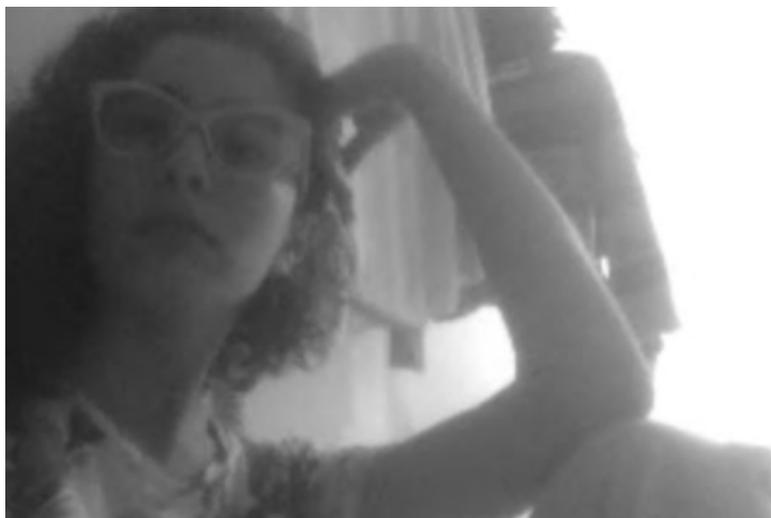


Figura 16 - print da cena real por Fernanda - madrugada/empolgada (autora, 2020)

Para cena ideal, Fernanda saiu da cadeira próxima a janela e se deitou esticada na cama, com os olhos fechados (Figura 17) Ao qualificar, disse vir à cabeça uma sensação de pertencimento com o espaço. “Como se nada pudesse interromper o que eu tô sentindo nesse momento”. Ela explicou que se deitou na cama, mesmo que para indicar o hábito de ficar na janela, porque queria transmitir a sensação de conforto que ela sente com essa atividade, e também mostrar seu desejo por um ambiente mais acolhedor para tal.

A sensação que eu tenho ali na janela é o mesmo conforto, é como se eu tivesse deitada num lugar muito confortável. Eu sinto como se fosse algo insubstituível, um momento de escape mesmo, de ficar comigo mesma e que eu não trocaria por nenhuma outra atividade.



Figura 17- print da cena ideal por Fernanda - madrugada/empolgada (autora, 2020)

Vale colocar aqui um comentário que Fernanda trouxe para conversa durante a dinâmica. Nessas duas primeiras situações, o que fica mais evidente nas representações não são os incômodos ou o desejo por grandes mudanças. Ela aponta hábitos e atividades, que embora não aconteçam sempre, já são introduzidas no seu cotidiano e que representam momentos de bem estar, mesmo nas cenas reais. As cenas ideias não demonstram necessariamente a substituição dessas atividades, mas reforçam as qualidades e a relevância delas para a moradora.

Em uma mensagem de agradecimento posterior a esse encontro, Fernanda comentou sobre o hábito de ficar na janela representado na dinâmica.

Eu tinha meio que esquecido desse momento de parar pra ficar na janela comigo mesma, do quanto que eu gostava de fazer isso na minha vida, desde que eu morava com meus pais, e no iníciozinho quando eu me mudei e não tava de home office. Com aquela dinâmica do corpo isso veio à tona de novo, como se eu tivesse lembrado com meu corpo, e agora eu tô valorizando esse momento muito mais.

Para a última rodada do Teatro Imagem escolhemos o hábito *trabalhar*. Ela se posicionou na cadeira, em frente ao computador, onde de fato fica para trabalhar (Figura 18). Disse que a primeira coisa que vem à cabeça é a sensação de tensão.

Meu corpo fica tenso, nunca relaxado. Mesmo que não seja real, é todo o tempo uma sensação de cobrança, de pressa, como se eu estivesse sempre encolhida, igual eu tô mostrando, meio reprimida. Acho que a altura dessa cadeira é ruim nessa mesa.

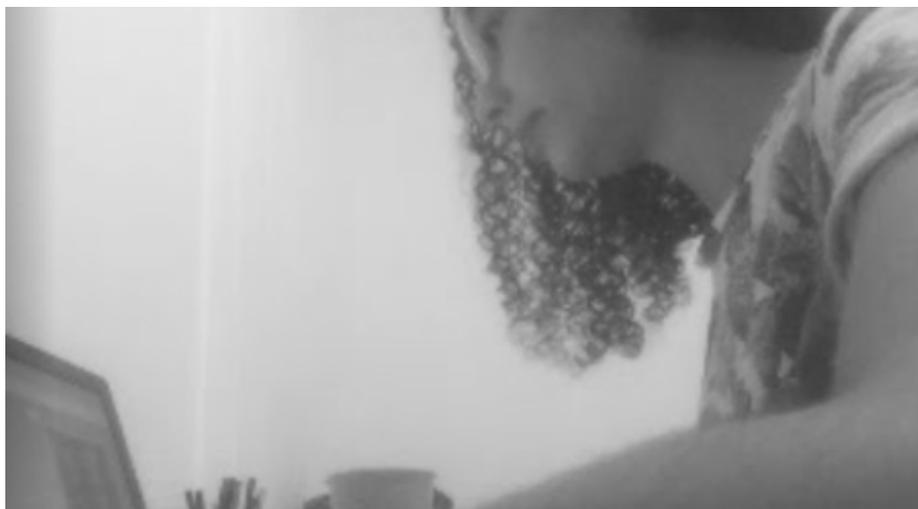


Figura 18 - print da cena real montada por Fernanda - trabalho (autora, 2020)

Nesse momento ela comentou também sobre, agora na pandemia, ter que usar a mesma mesa para seu “trabalho formal” e para seu “trabalho prazeroso” (suas criações pessoais de origamis e fotografia).

Esse trabalho prazeroso é menos tenso, mais ativo, sabe? Eu ficava mais descontraída, levantava da mesa, ficava no chão às vezes. Mas agora com essa coisa de trabalhar pra agência (trabalho formal) de casa deixa essa sensação de incômodo o tempo todo, meio que afeta até o que era pra ser mais prazeroso. Eu gostava de ter mais espaço na mesa para os origamis, espalhar as fotografias, colocar minha câmera.

Para fazer a cena ideal, Fernanda foi para a cama. Ficou sentada com as pernas cruzadas, apoiou o queixo em uma das mãos enquanto manipulava objetos com a outra (Figura 19). Disse que assim vem uma sensação de liberdade, se sente mais solta, com o corpo mais relaxado.

Eu gosto dessa liberdade com as pernas, de não me sentir limitada pela altura da mesa nem pelo espaço dela e tal. Pensando no meu ideal, seria um lugar que eu possa mudar de posição mais livremente, e que eu possa também descansar a vista olhando pra janela, ter uns momentos de conseguir aliviar essa tensão de trabalho.



Figura 19 - print da cena ideal montada por Fernanda - trabalho (autora, 2020)

Esse encontro teve a duração de cerca de duas horas. Antes de finalizar a chamada Fernanda comentou: “Já sinto que tenho respostas pra perguntas que eu nem tinha antes”. No dia seguinte também enviou uma mensagem de agradecimento. “Queria agradecer pela nossa troca de ontem. Já acordei com outra visão sobre os meus espaços. Foi mágico”.

segunda etapa: troca de referências

Fernanda já havia comentado algumas vezes que tem o hábito de sempre salvar referências para a casa em sites como o Pinterest e o Instagram. Baseadas em experiências anteriores, ficamos com receio dela nos apresentar uma seleção muito numerosa de imagens que ela guardou com o tempo e que, provavelmente, não refletiu com atenção sobre elas. Por isso, orientamos para ela manter em mente as reflexões que surgiram no primeiro encontro para guiar sua seleção de referências a partir dos enunciados que propomos.

Explicamos que as imagens de referências são, claro, para ela nos mostrar ideias e elementos espaciais que se identifica e imagina para o quarto. Mas que é importante olhar para as referências também como meio de ilustrar as sensações que discutimos nas dinâmicas anteriores, se apegando menos nas soluções espaciais em si, e mais no papel que ela imagina e deseja que os elementos espaciais tenham.

Os enunciados enviados para ela foram:

- espaço que te traz sensação de amplitude + aconchego, liberdade + conforto
- onde você quer estar após um dia estressante/cansativo
- o quê num espaço te traz ânimo?
- um ambiente que te traz a sensação de pertencimento
- como gostaria de trabalhar com as criações pessoais (origami, fotografia)
- organização dos objetos e roupas

Alguns dias antes do nosso segundo encontro, Fernanda nos enviou suas referências organizadas em um arquivo de apresentação que nos surpreendeu. Ela preparou uma playlist para acompanhar a apresentação, para cada slide com imagens ela escolheu uma música para, segundo ela, “trazer as sensações que pensei para escolher as imagens”. Além disso, ela colocou imagens que não remetem objetivamente à soluções espaciais. Selecionou fotografias de natureza, ilustrações de figuras humanas, algumas fotos de seus trabalhos com dobradura e fotos de momentos de convivência com seus amigos. No dia da reunião, ela apresentou os slides, explicando o porquê de cada seleção.

Em um dos slides, por exemplo, ela colocou fotografias de mar, (acompanhadas também com um som ambiente de mar e pássaros) e explicou:

A água, para mim, tem a ver com essa questão da concentração, da imersão, da imensidão. Tem muito a ver também com uma fluidez, em nada ter um lugar fixo e determinado, deixar as coisas fluidas como a água mesmo.

No slide seguinte (Figura 20), ela colocou a imagem de uma piscina, um fundo de mar com peixes e uma mergulhadora e a foto de uma pessoa na cama.

Aqui tem a ver com essa solidão da água, sabe? que é a sensação de solidude, estar em uma cama confortável sozinha, imersa, e com essa conexão com a água e natureza. E não só a sensação, quero ter coisas que remetem também literalmente ao mar no quarto.



Figura 20 - um dos slides da apresentação de referências selecionadas por Fernanda (autora, 2020)

Ela comentou sobre essa “sensação de solidude” em várias das imagens e músicas que selecionou. Para representar seu momento de fazer yoga, escolheu a foto de uma pessoa sentada na beira do mar em uma praia vazia. “Aqui mostra o espaço livre que eu quero ter para fazer yoga, brincar com meu corpo. E um lugar onde eu possa me deixar cair, sabe?”. Para mostrar a sensação que ela tem quando fica na janela observando a vista, ela colocou a ilustração de uma pessoa em um balanço. “Quando eu fico ali na janela quero me sentir relaxada, como se eu estivesse flutuando.”

Fernanda também selecionou algumas fotografias que ela mesmo tirou profissionalmente, algumas de seus amigos, de seus origamis e outros objetos para, segundo ela, mostrar como é importante que o espaço tenha a ‘cara dela’ e que é importante para o seu processo criativo, apontou elementos como iluminação, a vista e combinação de cores.

Nos últimos slides ela mostrou mais fotografias de ambientes e falou mais sobre as soluções espaciais em si. Exemplos de como gostaria da cama, da mesa, prateleiras e tapetes. Comentou sobre a paleta de cores mais quentes “para trazer uma sensação de calor e conforto pro quarto” e objetos de decoração como suas próprias dobraduras, quadros, espelho e plantas “para remeter ao mar, à natureza”.

Eu gosto de trazer para decoração coisas que são úteis também, sabe? As roupas na arara, por exemplo, pra mim é como se elas fizessem parte da decoração do quarto. E também algumas coisas penduradas na parede que não são fixas, que eu posso ir trocando sempre.

Seguimos a conversa com as referências que nós, arquitetas, selecionamos baseadas no primeiro encontro e também a partir da própria seleção que Fernanda fez. Para selecionar as imagens, temos em mente que este é o momento para avançar para as soluções espaciais mas que, é importante não responder tão objetivamente às demandas, mas ampliar o imaginário e fomentar novas discussões. Aproveitamos para tocar em assuntos que ainda não estavam muito claros como usar a pintura nas paredes para trazer as sensações desejadas, maneiras de organizar a mesa de trabalho, possibilidades para a cama e outros mobiliários para relaxar.

Nessa troca de referências, já articulamos juntas ideias e soluções para o ambiente. Dentre outras decisões, a ideia de fazer do canto próximo à janela o novo espaço para os hábitos mais introspectivos (e que Fernanda definiu como seus hábitos principais) como meditação, leitura, relaxamento e contemplação do céu. Essa ideia surgiu quando apresentamos alguns exemplos de como a pintura das paredes pode trazer sensações como acolhimento e demarcar ambientes.

Eu adorei essa ideia, agora eu fiquei pensando numa pintura em tudo aqui perto da janela, ia ser a minha varandinha... com as plantas, uma rede, o chão macio e eu ainda ia poder colocar todos os meus objetos favoritos, como se fosse um altarzinho pra essas memórias.

As apresentações abriram espaço também para conversarmos sobre o mobiliário surgindo discussões sobre a organização deles no espaço, maneiras de aproveitar melhor o espaço e uma ideia de trabalhar com a diferença de níveis para ter diferentes visões da vista da janela. Depois dessa reunião, Fernanda seguiu mandando algumas mensagens com ideias para o espaço que encontrava na internet ou que ela mesmo elaborava.

Nossa, eu pensei agora num detalhe aqui que pode ser uma solução legal. Aquela ideia de ter algo mais suspenso para ver a janela, talvez pode ser tipo um baú com acolchoado em cima, que vai ficar tipo um sofazinho e vai ter mais espaço pra guardar coisa, isso dá certo? (mensagem da Fernanda minutos depois de encerrado o encontro de troca de referências)

terceira etapa: o projeto

O processo com a Fernanda aconteceu em um dos períodos mais críticos da pandemia e não foi seguro fazer encontros presenciais, o processo precisou ser online do começo ao fim. Isso afetou mais diretamente a etapa final do processo, etapa de elaboração das proposições espaciais. Idealmente fazemos um encontro para discutir e experimentar junto dos moradores soluções levantadas na troca de referências, por meio de colagens, de maquetes ou plantas manipuláveis, módulos de móveis e outros elementos.

Na época não conseguimos adaptar a tempo essas interfaces para o encontro com Fernanda e, como em outros casos, focamos em discutir mais minuciosamente as ideias durante a troca de referências. Assim, no segundo encontro conseguimos já imaginar com Fernanda sobre como articular no quarto as ideias trazidas nas referências.

A partir das imagens definimos o que era essencial para materializar as demandas e desejos sistematizados desde o início do processo. Por exemplo, o potencial das cores e texturas nos elementos e a distribuição das funções (trabalho, descanso, atividade criativa,

atividade física) no ambiente. Também fica claro o desejo pelo que a própria Fernanda chama de flexibilidade.

Até aqui eu consegui me organizar melhor com as nossas conversas, e fiquei pensando que é mesmo essencial pra mim ter flexibilidade, não quero nada muito fixo. Eu quero sentir que eu tô em casa, mas também que eu posso mudar as coisas de lugar às vezes e que, quando eu mudar desse apartamento, eu vou poder carregar as coisas comigo e conseguir adaptar elas em uma casa diferente.

Para dar início à representação, elaboramos um guia para Fernanda fazer o levantamento de medidas do espaço e dos móveis existentes. Esse guia nada mais é que um PDF com uma planta simbólica do quarto (que desenhamos a partir das fotos e vídeos) com indicações das medidas necessárias e algumas instruções básicas (como a posição correta da trena). Ela não nos comunicou dificuldades em fazer as medidas ou entender o desenho em planta. Inclusive, para nos enviar fez um novo desenho à mão com medidas e localização de pilares e quinas que não havíamos identificado nas fotos.

A partir dessas informações trabalhamos na modelagem do espaço em SketchUp. Esse foi o momento de testar objetivamente as ideias conversadas, solucionando tamanhos, proporções e alternativas. E, para o caso da Fernanda, foi essencial para entender melhor a dimensão do espaço, uma vez que não visitamos presencialmente.

Vale reforçar que, o fato das ideias espaciais serem construídas em conjunto com a moradora, não quer dizer que o produto será um projeto definitivo e totalmente resolvido. Por tanto, o foco dessa modelagem não é determinar soluções, mas experimentá-las. No modelo fizemos diferentes testes (pintura das paredes, sugestão de móveis/objetos e posições dos mesmos) e na apresentação focamos em mostrar a diversidade de possibilidades para ela. Assim, Fernanda ficou à vontade para comentar todas as ideias representadas e inclusive questionar alguns detalhes e fazer sugestões. “Essa pintura aqui atrás da cama, por exemplo, pensei que eu poderia fazer ela continuar nessa parede lateral também, né?”.

Ela também ficou especialmente feliz de ver representadas soluções que ela mesmo trouxe, como uma espécie de banco-baú para sentar próximo à janela, que combinamos com outras ideias e fizemos módulos móveis que para dar a possibilidade de serem usados em outras posições e funções.

Isso ficou muito legal, era esse tipo de flexibilidade que eu queria, sabe. Meio que esse ir e vir das coisas, que tem muito a ver com a coisa da água que eu trouxe no início, essa fluidez. E também, se eu me mudar daqui, é o tipo de coisa que eu vou conseguir encaixar em qualquer lugar.

No dia da apresentação, ela também trouxe a novidade de terem adotado dois gatos filhotes para casa. Para essa nova demanda, ela mesmo já articulou algumas soluções para recebê-los melhor no quarto e foi localizando suas ideias à medida que via as imagens (como uma espécie de rede entre as pernas do cavalete da mesa e arranhadores nos pilares).

Eu tô muito feliz, ver tudo assim organizadinho, e todas essas ideias juntas me dá uma sensação de alívio muito grande, uma sensação de que esse quarto é meu mesmo, sabe. Desde o começo do processo, né? Eu falei pra vocês no primeiro encontro que eu tive respostas pras perguntas que eu nem sabia que tinha, e agora eu vejo que a gente respondeu aqui tudo que conversamos desde o início.

Janete e Jac (janeiro de 2021)

Janete se apresenta como “uma mulher negra e professora de história” e fala que isso já diz muito sobre ela. Tem a constante companhia das artes, da música, da literatura e tem como prioridade de vida viajar. Mora há quase 20 anos em um apartamento próprio na zona leste de Belo Horizonte. Durante todo esse tempo, ela divide o apartamento com a irmã Jac, recém-aposentada.

Das viagens, sempre traz lembranças e a casa é recheada delas. Muitos objetos, quadros, fotografias, uma coleção de discos, uma coleção de garrafas, uma coleção de pequenos oratórios. O apartamento tem 3 quartos, um para cada irmã e um terceiro, que Janete chama de “quarto de estudos”. É onde ela trabalha e guarda seus papéis e livros.

Ela recebeu a indicação do nosso serviço por meio de uma amiga, procurou informações no Instagram e entrou em contato no início de 2021. Disse que pretendia “fazer uma pequena reforma em alguns pontos do apartamento”. Ela queria um projeto para sala, seu quarto e principalmente para o quarto de estudos. Nas primeiras mensagens comentou também que gostaria de trocar o piso do apartamento com urgência.

Como de praxe, para fazer o orçamento, pedimos que ela nos enviasse um vídeo mostrando melhor o espaço. Ela mandou três vídeos grandes e um áudio, ao todo foram uns 30 minutos de material. “Ei Ana, eu fui gravar como você me pediu e me empolguei. Sou historiadora, sabe como é, né? Eu falo muito. Mas são coisas que considere importante.” Em um dos vídeos ela filmou a si mesma enquanto se apresentava e explicava sobre os seus gostos.

Eu achei bom nesse momento falando do lugar mas falando um pouco de mim também, das coisas que eu gosto, que eu valorizo e que eu gostaria de valorizar na casa, tá? (...) Por que já dá pra você me conhecer, porque vocês não sabem nada de mim (risos)... então você vão me conhecer um pouco mais, ver as coisas que eu tenho... (transcrição mensagem de áudio da Janete via whatsapp)

Nos vídeos ela contou sobre sua história enquanto professora e da importância que tem a música, as artes e as viagens em sua vida. Ela conta que tem muitos objetos que compra em suas viagens e que também ganha muitos presentes de seus alunos. Mas diz que não sente que esses objetos são valorizados como gostaria, que muitos estão guardados e pouco visíveis na casa. Ela diz ter uma vontade muito grande de que esses objetos sejam expostos, assim como objetos e fotografias que têm uma memória de sua família.

Ela comenta em vários momentos dos vídeos sobre como sente que “a casa está estagnada há muito tempo”. “Eu amo a minha casa, mas já vivemos muita coisa aqui, ela precisa muito de uma renovada. E tem que ser uma coisa moderna, mas aconchegante ao mesmo tempo”. Escutando ela falar, fica visível que quer fazer mudanças mas que gosta muito do apartamento no geral. A maior parte do tempo ela não comenta muito sobre incômodos e foca em mostrar os móveis e objetos que tem, dando bastante ênfase sobre o afeto com esses objetos e com as memórias e identidade que eles representam.

Janete explica que ela e a irmã pensaram em reformar o apartamento várias vezes ao longo dos anos, mas que “nunca sobra nem tempo nem dinheiro” para o investimento. Mas que agora, durante o isolamento por conta da pandemia de Covid, por mais que ainda estejam “sem tempo e sem dinheiro”, elas sentem que não tem mais como adiar.

A gente fica muito tempo em casa, estamos em isolamento total e trabalhando aqui eu fui percebendo que precisa mesmo de uma reforma, de fazer alguma coisa. Coisa de casa, organizar, limpar... nunca foi muito minha praia, sabe? Viajar sempre foi minha prioridade de vida, mas agora com a pandemia isso teve que mudar, né? Então eu tô pensando assim: o que eu gastaria lá fora, viajando, eu vou gastar aqui dentro (transcrição fala de vídeo da Janete via whatsapp)

Enquanto mostra o apartamento no vídeo, ela fala com muita convicção sobre o que quer para cada ambiente e ideias que já elaborou sozinha ou junto da irmã. Na sala, pensa em instalar algumas prateleiras para expor seus objetos e explica que gostaria de ter mais coisas na parede para ter mais espaço livre no chão. A sala é o espaço de convivência da

casa, onde recebem os amigos e fazem as refeições diariamente. Optaram por não ter uma TV nesse espaço, mas sim um som potente e um tocador de discos antigo. Segundo Janete “TV é no quarto, sala é lugar pra conversar, receber gente e ouvir música”.

Ela comenta sobre a disposição atual dos móveis e sua vontade de abrir mão de alguns deles e reformar outros. “A sala tá assim há anos, mas na verdade eu acho meio careta demais desse jeito: um rack de frente pra um bufê e um sofá no meio, sem mais nada”. Conta que pensou em fazer um “cantinho das mulheres”, espaço na sala onde poderia colocar só artes e objetos que remetessem “às grandes mulheres da nossa história e também às mulheres guerreiras da minha família”. Para sala, fala bastante também sobre as cores, diz que tem muitas coisas coloridas, que ela e a irmã gostam muito de cor, mas ficam na dúvida se, por conta disto, é melhor que as paredes sejam mais neutras ou se podem “ser mais alegres também”.

Ao apresentar seu quarto, a primeira coisa que diz é que não quer mudar a cama de lugar porque é o que mais gosta dali. “Porque deitada aqui, mesmo que lá longe, eu tenho uma vista da Serra e isso me dá uma paz quando acordo ou quando estou aqui lendo.” O quarto não é muito grande, ela tem uma cama de casal, uma mesinha de cabeceira, uma TV fixada na parede e um guarda-roupas embutido. Na frente da cama, tem um aparador com alguns objetos, algumas caixas no chão e outros objetos empilhados, que impedem o acesso à janela. A janela é meio coberta por uma persiana que está visivelmente estragada. As paredes do quarto são todas em um tom claro de verde água e, na parede atrás da cama, tem alguns adesivos de borboletas colados.

Ela acha o quarto “sem personalidade” e diz que tem muitos objetos lá que poderiam contar a história dela mas que estão escondidos, que não estão “valorizados como mereciam”. Esses objetos são coisas como lembranças de viagem, fotografias, miniaturas, esculturas e quadros. Ela fala também que sente que o quarto é visualmente muito confuso, que não gosta da combinação de cores do armário, com a parede e com os outros móveis. “Eu quero meu quarto mais neutro, mais suave. Eu amo cor, mas acho que aqui talvez tenha que ser menos colorido, menos confuso... eu quero entrar no meu quarto e descansar, sabe?”

Janete deixa pra mostrar por último o seu quarto de estudos. Com certo constrangimento, ela abre a porta do cômodo e diz: “Este aqui é o meu sofrimento, porque ele nunca fica organizado, e agora, trabalhando de casa, menos ainda. Eu perdi o controle desse espaço”. Desde que precisou trabalhar integralmente de casa, tem se sentido “muito mal e afetada de trabalhar com o quarto do jeito que está”. Ela diz que tem que fazer tantas atividades no quarto que não sobra tempo nem para organizar minimamente antes de trocar de tarefa e nem mesmo para fazer as chamadas de vídeo.

O quarto é pequeno e absolutamente ocupado por livros e papéis empilhados na mesa, nos armários e no chão. Não sobra espaço para circular mais que uma pessoa. Disse que quer que o espaço seja melhor aproveitado, com o máximo de armários possível nas paredes mas que sabe que tem coisa demais no quarto, e que está decidida a começar “uma limpa”, separar coisas para doação e coisas que podem ser descartadas.

Outro ponto que elas já estavam decididas a mudar é o piso do apartamento. Janete diz que essa é a prioridade e que já começou a fazer alguns orçamentos. Uma das primeiras mensagens que ela me mandou ela pergunta, inclusive, se poderíamos conversar primeiro sobre a troca do piso, antes de falar sobre o restante do apartamento.

A prioridade nesse momento é trocar o piso, então talvez seja a coisa mais rápida que nós precisamos fazer, porque o piso está todo estragado, tá aqui desde a construção do apartamento e ele tá muito ruim, ele já desgastou completamente, e ele é muito amarelão, não gosto dele. Me diz se a gente pode trocar o piso ou se você acha que a gente precisa conversar antes de trocar. (transcrição áudio da Janete via whatsapp)

Porém, nos vídeos e fotos que ela enviou, eu não consegui identificar os problemas que ela mencionou na mensagem e, na verdade, me pareceu que o piso estava muito bem conservado. Combinei de ver o piso presencialmente no dia da visita e expliquei que com o processo, e pensando nas demandas como um todo, poderíamos ter mais clareza para escolha de um piso que seja o mais adequado. Ainda assim, algumas semanas depois, quando enviei o orçamento, ela me disse que ela e a irmã tinham recebido uma indicação de

mão de obra e já tinham se decidido sobre o novo piso porque, segundo ela, estava muito ansiosa para “começar a resolver as coisas do apartamento”.

Quando fizemos a visita no apartamento, achamos que o piso realmente não estava "destruído" como Janete mencionava. Resolvemos ser um pouquinho mais insistentes e, depois, enviamos uma mensagem falando sobre a possibilidade de contratar uma empresa de revitalização para fazer alguns reparos e que isso sairia mais barato. Mas elas estavam decididas e não conversamos mais sobre o assunto. A resposta de Janete:

“Oi Ana, então... nós olhamos isso, mas realmente ele está muito destruído, principalmente nas portas. Nós já compramos o piso novo e vamos trocar em breve. Era algo que a gente sempre quis fazer mesmo. Tá? Vou te mandar foto do que compramos.”

Além do piso, Janete disse que não quer e não vê necessidade de substituir os móveis por novos e nem “ficar comprando muita coisa”.

Eu não quero comprar móveis, sabe? A não ser se vocês acharem alguma coisa muito legal... mas eu não quero, e também não tenho dinheiro pra fazer muitos gastos. É mais uma questão mesmo de algumas estantes (prateleiras) que tenho ideia de fazer. Reorganizar as coisas que eu já tenho, que estão muito dispersas e vê o que pode entrar ou não... (transcrição áudio da Janete via whatsapp)

Ela explicou que resolveu entrar em contato com o Ô de casa justamente porque, nos projetos que estavam divulgados no Instagram, “eram reformas que não substitua tudo e mudava a casa da pessoa completamente”. Nessa mesma mensagem de áudio, ela contou sobre uma experiência que a família dela teve com um profissional de arquitetura.

O pessoal da arquitetura consegue ler as vontades da gente melhor do que a gente mesmo, né? Eu sou testemunha disso. Há uns anos atrás um arquiteto fez um projeto pra casa dos meus pais. Meu pai comprou uma casa muito simples mas muito boa. Nós falamos para o arquiteto que a gente queria, que a gente gostava de cozinha... e esse cara redesenhou toda casa do meu pai e agora ela parece outra. É a casa que nós mais amamos hoje... Então eu sei o valor que vocês têm, e a inteligência, e a competência... os estudos que vocês têm pra pôr a casa da gente com mais a cara da gente, né? (transcrição áudio da Janete via whatsapp)

A última coisa que trás como uma demanda inicial para o projeto, mas que diz ser uma das coisas mais importantes, é que ela está decidida que vai comprar um piano. Ela explica que esse é o “sonho de sua vida” e que há algum tempo tem o dinheiro guardado para realizá-lo.

Eu vou comprar um piano esse ano Ana, agora está decidido. Não vai ser um piano de cauda, é claro (risos) mas um piano digital. Eu não comprei ainda porque nunca parece ter espaço pra ele e minha irmã é reticente quanto a colocar ele na sala. Mas eu não queria mais abrir mão dele... se a gente conseguisse colocar uma estante, algum espaço aqui no quarto de estudos eu poderia colocar ele, ainda não sei como fazer. (transcrição áudio da Janete via whatsapp)

Duas semanas depois do nosso primeiro contato, enviei para Janete um orçamento com duas opções de serviço. Ela já havia perguntado se tínhamos um outro tipo de serviço “mais parecido como uma consultoria” e que fosse mais barato e com o tempo mais reduzido, porque gostaria de fazer toda a reforma durante suas férias. Com receio dela desistir da contratação, no orçamento enviamos uma proposta para o processo de projeto completo (com as 3 etapas principais) e uma proposta de consultoria.

Na proposta de consultoria, que de fato foi a que ela contratou, reduzimos o processo para apenas dois encontros. Um primeiro encontro (presencial) para uma breve conversa inicial, para a Troca de Referências e para o levantamento fotográfico e de

medidas. E o último encontro, com apresentação de montagens digitais em fotos do ambiente atual para simular algumas ideias para os espaços. Ainda que resistentes em reduzir o processo, nos reconfortamos no fato de que Janete, já nas conversas iniciais e no vídeo que enviou, falava não apenas no espaço em si, mas, pelo contrário, em seu discurso coloca em relevância sua subjetividade e o cotidiano dela e da irmã no apartamento. Exemplo disso é o fato de que, quando pedimos o vídeo inicial para orçamento mostrando o espaço que gostaria de reformar, ela também fez um vídeo falando sobre si.

Para fazer o cronograma, perguntamos sobre a disponibilidade de agenda dela e da irmã. Ao responder, ela disse que combinou com Jac que ela mesma cuidaria de todo o processo. Explicou que Jac “não tem muita paciência” e que tem ficado temporariamente na casa dos pais para cuidar deles durante a pandemia e que, paralelamente, ela conversaria com a irmã sobre as decisões para a sala.

O único lugar que eu tenho que ouvi-la, que ela pode se manifestar é a sala, né? Então eu vou mostrar pra ela o que eu tô pensando e o que conversar com vocês. O quarto de estudos é meu e no meu quarto é óbvio que ela não vai dar opinião nenhuma. Aliás, ela pode até dar alguma ideia, mas quem vai tomar as decisões sou eu. (transcrição áudio da Janete via whatsapp)

primeiro encontro: troca de referências

Geralmente a troca de referências é feita online. No entanto, com a redução do processo com a Janete, fizemos presencialmente no apartamento dela. Além de reduzir o número de encontros porque já poderíamos fazer o levantamento, achamos que assim conseguiríamos estender um pouco mais a conversa e ter mais clareza sobre as atividades e expectativas dela no espaço.

Alguns dias antes, enviamos os enunciados para a busca das referências baseados nos vídeos e mensagens que trocamos. Explicamos, como é de praxe, que para fazer a seleção ela deveria pensar sobre as atividades que faz (ou que gostaria de passar a fazer) nos espaços e

as sensações que ela gostaria de ter durante essa rotina. Pedimos que ela se atente aos materiais, cores, texturas e disposição dos elementos.

Os enunciados enviados foram:

- ambiente aconchegante e ao mesmo tempo mais moderno
- jeitos interessantes de mostrar e valorizar histórias, lembranças e memórias familiares
- um quarto suave que possibilita o descanso mas com personalidade
- espaço de estudo bem organizado, agradável aos olhos e gostoso de trabalhar
- ambiente agradável e confortável para tocar piano

Diferente de outros casos, Janete não nos enviou previamente suas referências. Ela combinou que nos mostraria em seu computador no dia do encontro. E assim foi feito. Quando chegamos, ela nos recebeu muito animada e foi logo nos apresentando todo o apartamento. Repetiu algumas coisas que já tinha falado nos vídeos e apresentou com mais detalhes suas coleções e alguns objetos “especiais”. Nos levou para ver a vista da janela do seu quarto e mostrou o seu quarto de estudos. Ela já havia começado a “limpa” que prometeu, separando o que permanece e o que ela vai se desfazer.

Aproveitamos esse momento, caminhando pelo apartamento, para fazer algumas perguntas mais pontuais, em uma tentativa reduzida de provocar que ela reflita sobre coisas que ainda não nos falou. Conversamos sobre alguns assuntos que ela não havia mencionado ainda, como a ventilação e a forma como o sol bate nos cômodos, sobre as visitas constantes de seus sobrinhos que brincam na sala e como ela e a irmã fazem as refeições.

Para a apresentação de referências, Janete selecionou apenas 5 imagens para nos mostrar. Embora tenha dito que leu os enunciados para a seleção de referências e pensou sobre eles, as imagens que apresentou contemplam os enunciados mas não foram selecionadas especificamente para respondê-los.

Selecionou exemplos de ambientes de escritório com estantes e prateleiras para guardar livros e objetos e disse que gostou dos livros estarem expostos porque “são úteis,

têm histórias e deixam a casa mais bonita também”. Com as imagens explicou também que gosta da mesa de trabalho grande e livre.

“Essa minha mesa hoje não cabe eu e meus livros. Às vezes eu tô dando aula e tenho quatro ou cinco livros abertos, um caderno, papéis, meu computador... e eu preciso de tudo ao mesmo tempo e que possa ser de um jeito mais confortável.” (fala da Janete durante a apresentação de referências)

Também mostrou dois exemplos de pintura para as paredes que Jac que havia mostrado para ela. Um com pinturas coloridas e geométricas que Janete disse que gostou muito da ideia para, junto com uma iluminação, “dar foco em objetos importantes” e que pensou algo assim para a parede onde monta a sua coleção de oratórios. E outro exemplo que a pintura se estende até a porta e que ela diz que gostou muito e que com certeza quer fazer porque é “criativo e diferente”.

Para o quarto mostrou um exemplo com paredes claras e com quadros na parede. Disse que acha que gostaria de expor mais coisa no quarto porque é um jeito de deixá-lo com “mais personalidade sem pesar demais”. Comentou também sobre o armário, que no exemplo que trouxe tem uma cor mais parecida com a da parede e gosta da “suavidade” que isso traz.

Apesar de ter selecionado poucos exemplos, a apresentação foi bem esclarecedora porque Janete partia das imagens para fazer comentários que iam além. Em todas as imagens que apresentou, comentava sobre o que gostava mas também comentava sobre o que faria diferente. Gostou da pintura na porta, mas faria de outra cor e talvez em outro formato; gostou do exemplo de mesa, mas faria mais larga e com gavetas. Enfim, ela parece compreender as referências de fato como exemplos, e não como modelos a serem reproduzidos. A partir das fotos faz comentários e traz detalhes sobre suas preferências e suas intenções para os ambientes. E assim foi também quando nós apresentamos as referências que selecionamos.

Separamos alguns exemplos com o intuito de conduzir a conversa para assuntos como suas necessidades na hora de trabalhar, quais atividades gostariam que a sala comportasse e como gostariam de receber as visitas.

Dos exemplos que mostramos ela ficou especialmente encantada pelas possibilidades de usar a pintura das paredes como forma de instigar determinadas sensações para os espaços como amplitude, aproximação e separação. Ficou animada também com uma referência que mostrava uma rede em uma sala. Disse que nunca tinha pensado nisso, mas amaria ter porque “deixa o apartamento com cara de casa”. Comentou bastante também sobre a presença de plantas nos ambientes, disse que ela não tem paciência para cuidar mas que Jac gosta bastante e, vendo nas fotos, ficou com vontade de “espalhar várias plantas e flores pela casa”.

Apresentamos várias possibilidades de armários e estantes para os livros e objetos. Nesse momento conversamos bastante sobre maneiras de armazenar as coisas, e ela chegou a conclusão de que gostaria de algo mais fixo e planejado para o ambiente de trabalho, mas, para a sala e seu quarto, gosta que as prateleiras e móveis possam ser ajustados de acordo com as necessidades. Quando apresentamos um exemplo com prateleiras fixadas em cremalheira (régua que permite a movimentação das prateleiras) ela ficou empolgada com a possibilidade de fazer ajustes à medida que compra ou ganha novos objetos para decorar. “Acho que essas coisas que não são tão fixas me dão uma paz, sabe? Acho que ia ser divertido poder brincar com minhas coisinhas nessas prateleiras”. Quando viu em uma das referências um chapéu e um bule em uma prateleira, ela comentou que percebeu que objetos que não são necessariamente objetos de decoração podem ficar expostos.

No fim do encontro, fizemos o levantamento fotográfico e de medidas dos cômodos e Janete ficou com a tarefa de mostrar as referências para Jac e conversar com ela sobre os assuntos relacionados à sala. Alguns dias depois ela nos enviou uma mensagem para mostrar o novo piso que escolheram e disse que ficou pensando sobre a referência da rede na sala. “Bom, não sei quanto a rede, mas se tiver como colocar uma cadeira acapulco na sala nós vamos amar”.

segundo encontro: simulações das ideias

Para o serviço de consultoria contratado por Janete, optamos por não fazer o modelo 3D dos ambientes. Como resultado do processo elaboramos montagens digitais feitas sobre as fotos dos ambientes atuais. Nessas montagens usamos principalmente elementos dos exemplos discutidos durante a troca de referências. O intuito principal das montagens foi testar e simular no ambiente as soluções pensadas durante o processo. Por isso, para cada cômodo fizemos de duas a cinco montagens de diferentes ângulos para mostrar as diversas possibilidades para que sejam analisadas. Elas mostram ideias e sugestões de pintura, de disposição de móveis e objetos, iluminação, etc. Mantivemos nas colagens os móveis que elas já tinham, a não ser as prateleiras e armários novos que Janete já tinha demanda.

O encontro para apresentação do material aconteceu via chamada de vídeo e Jac estava presente desta vez. Elas estavam muito animadas. Cada vez que avançávamos o slide e uma nova montagem aparecia elas davam gritos de empolgação. Nós intercalamos as montagens com ilustrações que representam em planta as posições dos móveis. Para cada caso explicamos os prós e contras sobre os layouts e comentamos sobre os pressupostos e intenções das soluções testadas de pintura, objetos e móveis.

Primeiro conversamos sobre a sala. Apresentamos diversas montagens com três tipos de pinturas diferentes e com testes de cores para cada uma delas. A primeira coisa que Janete disse foi “Ai, me passou uma sensação de casa mesmo, sabe? Era isso que eu queria. Essa cor verde quase me faz sentir um cheirinho de casa, de casa de interior”. À medida que iam vendo as possibilidades elas conversavam e, ansiosas, já tentavam decidir quais gostavam mais.

Sobre a posição dos móveis da sala Janete comentou que gostou de ver todas as opções porque “Não gostaria de fazer um modelo e ficar do mesmo jeito eternamente, a gente pode ir trocando.” Além de posições para o sofá e mesa, mostramos as possibilidades de encaixar a rede e a cadeira acapulco que Janete comentou. Nesse momento Jac, que

estava também encantada, entreviu e comentou rapidamente que só não conseguiria aceitar o sofá encostado na janela porque tem medo de lagartixas e que não sabe se concorda com “essa história de rede na sala”.

Quando chegamos no slide com as montagens para o quarto de estudos Janete ficou muito emocionada. “É só uma imagem mas vendo assim eu já sinto que descansei, agora eu vou ver esse quarto arrumado e posso envelhecer tranquila.” Ela gostou especialmente de ver que, com os armários, sobraria espaço para colocar seu piano e uma poltrona para leitura que ela comentou diversas vezes que desejava de ter.

Ao fim da apresentação, Jac comentou que ficou encantada de ver seus móveis nas montagens, ao invés de novos e que como, ainda assim, tudo parece renovado. “Pequenas coisas que mudaram, parece que mudaram a visão da casa toda”. Janete nos agradeceu e disse que fomos condizentes com o que prometemos. “O que eu esperava de vocês, vocês me trouxeram, que são mudanças simples mas de um jeito que eu reconheço a minha casa. Meu medo era estar entrando em um cenário, mas eu sinto que essa daí é a minha casa”.

Ao fim, combinamos de enviar o material com as montagens para que elas pensem sobre as soluções e decidam como vão fazer as intervenções. Janete ficou com a tarefa de pensar sobre os espaços de armazenamento que seriam necessários no seu quarto de estudos: o que gostaria de guardar em gavetas, em armários fechados e o que ficaria exposto. Após esse encontro fizemos os desenhos técnicos para execução da marcenaria desses armários e prateleiras. Todo o restante da execução foi rapidamente providenciada por Janete. Ela entrou em contato com pintores que reproduziram algumas das ideias que representamos nas montagens. Fez algumas mudanças na iluminação com a ajuda do irmão e ela e Jac fizeram a instalação dos quadros, plantas e objetos nas paredes.

os moradores

Agora, te convido a ouvir os moradores que constroem esta pesquisa comigo. No link e QR code abaixo você acessa o material em vídeo, editado por mim a partir de entrevistas guiadas que fizemos com os moradores dos casos descritos no capítulo anterior.¹² Nas entrevistas fizemos algumas poucas perguntas mais gerais, para que fossem estimulados a se expressarem mais livremente.

Fernanda, Janete, Jac, Bella e Bernardo contam sobre si, sobre sua experiência com o processo, desdobramentos e sobre os sentidos que cada um deles atribui ao *morar*. Como as vozes dos moradores trazem camadas que vão além do que é possível captar nas transcrições, optei por incluir os vídeos e não transcrever as entrevistas.

Cada entrevista resultou em um material com 30 a 60 minutos que editei em vídeos de até 12 minutos com as falas que conversam mais diretamente com os temas que destrinchei no capítulo seguinte. Para a seleção dos trechos durante a edição, optei por focar nas falas mais relacionadas ao processo de fato e aos desdobramentos decorrentes dele e me atentei a temas que se repetiram de alguma forma em mais de um caso. Essa repetição e a evidência que os moradores atribuíram a determinados temas em suas falas, foi o que direcionou a minha escolha dos temas que são trabalhados nas reflexões escritas posteriormente. Justamente por esse motivo, sugiro que os vídeos sejam assistidos antes do prosseguimento da leitura.

¹² As entrevistas foram feitas e estruturadas por mim e pela Larissa Reis. Os vídeos foram editados por mim e filmados com o apoio de Marllon Moraes e editados por mim.

acesso aos vídeos: <https://bit.ly/3Dj23sU>



crônicas

O material apresentado até aqui sistematiza o processo de trabalho que vimos elaborando no Ô de casa a partir de um ponto de vista particular meu, que começa pela apresentação das etapas do processo e passa pela descrição de três casos e da escuta sobre as percepções das pessoas envolvidas nos casos descritos com objetivo de elucidar a prática e os atores envolvidos nesta dissertação. Essa sistematização tenderia a avançar aqui para o diálogo com autores do campo da arquitetura. Contudo, diferentemente do que é usual à prática de arquitetura e ao próprio universo acadêmico, escolhi tecer reflexões a partir de informações que são construídas na prática e trazidas pelos próprios moradores.

Se a parte anterior traz a voz dos moradores envolvidos nesse processo, nesta parte, trago as minhas percepções. Percepções essas que, claro, são resultado da fusão da minha subjetividade, das coisas que li e ouvi enquanto estudante, do que experienciei enquanto pesquisadora e da minha prática enquanto arquiteta. Principalmente impulsionada pelas falas dos moradores (durante o processo e nas entrevistas), estabeleço correlações entre os casos e tento identificar como o processo mediou certas situações e provocou determinados desdobramentos. O objetivo é evidenciar aspectos potenciais desta proposta de prática de arquitetura alternativa.

Faço essas reflexões e as apresento no formato de crônicas. Na verdade, faço muitas reflexões e apresento algumas. E imagino que, com o material que apresento, você que me lê também poderia contribuir com mais algumas dezenas delas. Aqui, apresento três crônicas. Na primeira, “Reforma sem caçamba”, que tem como título uma frase que Janete mencionou, fala sobre a possibilidade e importância da prática de arquitetura contribuir para que as pessoas mudem sua relação com seus espaços, ainda que não sejam feitas grandes intervenções físicas. Na segunda, “Minha casa, minha cara”, faço reflexões sobre o desejo que os moradores nos comunicam com frequência de expressarem suas identidades

no espaço. E, por último, na crônica “Onde fica a geladeira?”, escrevo sobre uma situação que aconteceu no processo com Bella e Bernardo que exemplifica como a prescrição dos espaços e as influências externas podem atravancar o cotidiano das pessoas e como o processo que propomos pode acender essa reflexão para que pensem seus espaços a partir de suas particularidades.

Para escrever, mantive no horizonte o formato de crônicas, que por definição são “textos do cotidiano” e, de certa forma, é também do cotidiano que trata essa pesquisa e eu não gostaria de fazer um texto absolutamente acadêmico para tal. Antônio Cândido, escritor e crítico literário, em seu texto *A vida ao rés do chão*, diz que o fato da crônica “ficar tão perto do dia a dia age como quebra do monumental.”

Parece mesmo que a crônica é um ‘gênero menor’. Graças a Deus — seria o caso de dizer, porque sendo assim ela fica perto de nós. A crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas (...) pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. E a sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés do chão.¹³

Assim, resolvi tentar esse tipo de escrita também como forma de manter a coerência e não me afastar demais dos moradores que fizeram esta pesquisa comigo. A escrita segue a maneira como é a prática de arquitetura que defendo neste trabalho, que não deve ser projetada ‘do alto de uma montanha’.

¹³ Antonio Candido. *A vida ao rés do chão*, 1992)

reforma sem caçamba

“Mas como você vai fazer uma reforma sem caçamba?”. Essa pergunta em tom espantoso foi feita por um amigo de Janete enquanto ela contava sobre seu processo de reforma. Janete mora há quase 20 anos em um apartamento próprio na zona leste de Belo Horizonte que divide com a irmã, Jac. Durante todo esse tempo não fizeram nenhuma intervenção no apartamento, embora pensassem constantemente sobre uma reforma. Dizem nunca terem conseguido se organizar para isso. “Nunca sobra tempo, nem dinheiro, né?”.

Porém, no início de 2021, ainda que não estivesse na melhor das fases financeiras e trabalhando mais do que nunca, Janete tomou a decisão de fazer uma reforma. Ela e a irmã se deram conta de que precisavam fazer alguma mudança no apartamento e que não era mais cabível adiar. “Tem 18 anos que estamos aqui nesse apartamento então, a casa pra gente já tá assim... (gesticulando confusão/aperto) e apartamento não tem muito o que mexer, né? Não tem pra onde cê fugir...”

O que fez as irmãs decidirem repentinamente sobre fazer uma reforma no apartamento? Fiz essa pergunta para elas mesmo que eu já imaginasse a resposta. Já tinha se passado mais de um ano em situação de isolamento por conta da pandemia de Covid-19. Janete estava trabalhando de casa e Jac, recém aposentada, também ficava em casa a maior parte do tempo. Elas disseram que mesmo que já tivessem motivos e até ideias para uma reforma há muito tempo, o momento de pandemia foi determinante.

Estar o tempo todo em casa fez surgir novos incômodos com o espaço e tornou mais constantes e evidentes desconfortos antigos. Essa parece ser uma constatação unânime entre as pessoas que conversei nesse período. No caso de Janete, por exemplo, ela é professora universitária e já tinha em casa um cômodo (que ela chama de quarto de estudos) para corrigir trabalhos e preparar suas aulas. Como na pandemia precisou trabalhar integralmente de casa, o uso desse cômodo ficou mais intenso e novas necessidades surgiram. Em consequência, veio a constatação de que aquele espaço não estava

funcionando daquele jeito, ou melhor, com as palavras dela, que ela mesma não estava funcionando bem naquele espaço para fazer as suas atividades.

No vídeo que nos enviou para apresentar sua demanda, com certo constrangimento ela abre a porta do quarto de estudos e diz: “Este aqui é o meu sofrimento”. Comenta que o quarto nunca fica organizado e em seguida uma constatação: “Eu perdi o controle deste espaço”.

Se prestarmos atenção nessa frase, pode até soar estranho uma pessoa dizer que perdeu o controle da sua própria casa. Dá uma sensação de que o espaço precisa ser domado e não que está ali passivamente para dar suporte às atividades. Janete indica até que ela não apenas perdeu o controle, mas, de certa forma, é como se seu quarto de estudos passasse a controlá-la, quase como uma disputa. “Eu entrava no meu quarto para trabalhar e eu não conseguia, porque eu tinha que arrumar o espaço antes de fazer as coisas”.

Assim como acontece em vários outros casos, com Janete, em pouco tempo de conversa já dá para perceber o peso que a configuração espacial tem na definição de sua rotina, ditando como se dão as atividades ou quais são as atividades que o espaço permite. Por exemplo, Janete sempre quis ter um piano. Desde as primeiras mensagens que trocamos ela fala sobre esse assunto e diz ser “o sonho de sua vida”. Há algum tempo já tem o dinheiro guardado para comprar um piano digital, mas conta que não comprou ainda porque não sabe onde poderia colocá-lo. “Eu não queria mais abrir mão dele... se a gente conseguisse colocar uma estante, algum espaço aqui no quarto de estudos eu poderia colocar ele, mas eu não sei como fazer”. Pode até parecer um exemplo simples, mas foi um pouco chocante ver ela falar repetidamente e com tanta empolgação sobre a possibilidade de ter um desejo realizado e adiá-lo por anos porque entende o espaço da sua própria casa como um obstáculo para tal.

E Janete não é um caso isolado. Fernanda, que também decidiu fazer uma reforma durante a pandemia, mora em um apartamento compartilhado e sentiu necessidade de orientação para melhorar seu quarto. Em uma fala surpreendentemente parecida com a de Janete ela diz: “Porque hoje em dia, como ele ainda não tá do jeito que eu quero, eu entro no

meu quarto e eu não consigo fazer os meus hábitos de rotina que eu gostaria, do jeito que eu gostaria, sabe? Então às vezes eu entro e fico muito incomodada com o jeito que ele tá, não consigo relaxar, não consigo fazer yoga...”

Nos dois casos, elas não faziam tudo o que desejavam nem como desejavam, porque a configuração, a desorganização do espaço impedia essa realização e foi o confinamento provocado pela pandemia que deixou isso mais claro. Fernanda praticava yoga todos os dias de manhã, mas de repente o chão foi ocupado por objetos que precisaram liberar espaço para os equipamentos do trabalho remoto; Janete gasta mais tempo do que gostaria com o trabalho porque tem que estar constantemente lidando com a organização do espaço.

O isolamento em casa forçado pela pandemia trouxe o tom de urgência de quem se dá conta que algo precisa ser feito. Mas, se é urgente, como fazer isso “sem gastar um dinheiro que eu não tenho?”, como disse Janete. Ou, como algumas pessoas costumam nos perguntar, “como fazer uma reforma em um apartamento alugado? Como fazer isso se eu não posso quebrar paredes?”.

Embora Janete sentisse que precisava de algum tipo de orientação, inicialmente não estava pensando sobre contratar um serviço de arquitetura. Ela e a irmã tiveram uma experiência anos atrás com um arquiteto que fez o projeto de reforma da casa de seus pais. Sempre falam com bastante satisfação desse projeto e contam que o arquiteto “redesenhou toda a casa e agora ela parece outra”. No entanto, como elas sabiam que não queriam nem podiam fazer uma reforma deste tamanho no apartamento, não achavam que seria o caso de contratar um arquiteto.

Até que Janete conheceu o Ô de casa por meio da indicação de uma amiga. Elas contam do espanto da Jac recebendo a sugestão que parecia ser totalmente descabida: “Ai, contratar arquiteta?? Pra fazer uma reforma no apartamento??”. Felizmente, ainda assim, Janete se interessou em procurar informações sobre nosso serviço no Instagram e quando viu as fotos, ficou com a sensação de que condizia com o que elas queriam. “Quando eu vi, achei que era parecido com o que nós queríamos porque a gente não queria essa coisa de

sair comprando móveis novos, nem aquelas reformas mirabolantes. A gente queria uma coisa mais orgânica mesmo.”

Quando perguntei para ela o que quer dizer quando descreveu a reforma como “uma coisa orgânica” respondeu prontamente que é porque não são ambientes que parecem ser “uma loja de shopping, uma loja de decoração, parecem ser a casa de alguém mesmo”. De fato, se olharmos para fotos de muitos projetos residenciais de arquitetura, fica fácil entender o que Janete quer dizer. Muitas vezes são sequências de “antes e depois” nas quais os ambientes reformados parecem ter sido substituídos: novas configurações, novos e brilhantes revestimentos, novos móveis, novos objetos de decoração. Tudo isso seguindo uma certa estética que parece querer transmitir uma sensação de algo caro, sempre usando os mesmos elementos e soluções “da moda”. As fotos também sempre parecem retratar um ambiente sem uso, com nenhuma marca de que alguém vive ali, exatamente como um showroom de loja.

Bom, fato é que, muitas pessoas que chegam até nós não estão em busca de uma “reforma mirabolante” ou uma “reforma com caçamba”. Muitas vezes nem chegam a usar o termo “reforma” porque, no imaginário comum, parece remeter imediatamente a uma obra: quebra de paredes, construção de novos cômodos, substituição de revestimentos. E, por mais que às vezes seja o que as pessoas desejam (e talvez o que de fato seria uma boa opção), arcar com grandes transformações materiais é algo distante da realidade da maioria. Seja porque não têm possibilidades financeiras, porque não estão dispostas a lidar com a logística de uma obra, ou porque não moram em um imóvel próprio, por exemplo.

Como muitos projetos de reforma divulgados por escritórios de arquitetura geralmente estão vinculados a transformações que exigem grandes investimentos, muitas pessoas ficam com a sensação de que o serviço “não é para seu bico”. Fernanda, por exemplo, embora estivesse certa que precisava de um norte para organizar seu espaço, provavelmente só considerou contratar um serviço de arquitetura porque nos conhecemos em outra situação e acabamos conversando sobre o assunto. Ela mora em um apartamento compartilhado e alugado, e nos primeiros contatos sobre a demanda foi logo dizendo: “A

gente tem ficado meio pra baixo com a casa porque não tá do jeito que a gente gosta ainda sabe? Mas a gente não tem ainda como comprar muitos móveis...e tem coisas que não dá pra fazer por que a gente mora de aluguel. Será que você toparia fazer um projeto pra gente? Se for do seu interesse, né...”. É curioso notar a maneira como nessa fala ela parece se justificar por não conseguir cumprir com o que imagina ser premissas ou pré-requisitos para fazer um projeto de arquitetura.

Tanto Janete quanto Fernanda parecem querer driblar o que é convencional na prática, ainda que provavelmente não assumam essa postura conscientemente. Não as interessa seguir um modelo formal e estético que estabelece como deve ser seu próprio espaço. Quando Janete e Jac dizem se identificar com as fotos que vêm no nosso Instagram, é porque são fotos que mostram que ambientes foram transformados mas não parecem substituídos por um "showroom de loja", como descreveu Janete. Ainda que algumas imagens tenham algum impacto visual por conta de uma nova pintura, por exemplo, as irmãs dizem reconhecer nas transformações que as particularidades são preservadas e até mesmo evidenciadas nos ambientes. Não poderia ser diferente em uma prática como a nossa na qual, ainda que no horizonte esteja uma renovação material do ambiente (uma reforma, de fato) há uma preocupação não apenas com as soluções espaciais, mas também, de forma particular em cada caso, com o caminho até elas. Olhando para a prática que desenvolvemos no Ô de casa, me é até estranho pensar que muitos projetos de escritórios convencionais chegam a prescrever elementos como cores, móveis e até objetos de decoração. E ainda pensar que, muitas vezes, essas escolhas são definidas a partir de um jogo capitalista de parceria com marcas e uma necessidade por seguir tendências que deixam o espaço fotogênico e atribuem a ele uma “cara” de projeto de arquitetura.

Quando Janete compara esse tipo de projeto com uma loja de shopping é porque ela não consegue se visualizar ali. Ela não enxerga sua vida acontecendo em um espaço como aquele e isso era uma preocupação para ela. Tanto que, quando apresentamos as montagens finais para a reforma, a maneira dela mostrar que estava satisfeita foi dizer que, olhando

para as imagens, reconhecia sua casa. “Meu medo era estar entrando em um cenário, mas eu sinto que essa daí é a minha casa.”

Fernanda trouxe esse mesmo assunto afirmando que não queria que seu quarto seguisse “um padrão de mercado”. Ela explicou dizendo que não conhece de perto outros escritórios de arquitetura, mas que pelos projetos que vê na internet, imagina arquitetos que “chegam com uma receitinha pronta para o cliente só comprar as coisas e ainda dizem que tem que comprar em tal loja, com tal fornecedor, de tal cor...”. Disse que para ela nosso processo teve o diferencial de poder dividir o que ela gosta. “Porque em momento nenhum vocês ficaram induzindo minha escolha só porque vocês estão fazendo o projeto, seja escolha estética, de cores, do que comprar...foi legal porque foi colaborativo e eu me senti pertencente ao projeto.”

Essa sensação de pertencimento a qual Fernanda se refere, é um retorno comum que recebemos das pessoas que experimentam nosso processo. Justamente porque os moradores são estimulados a refletir sobre suas atividades para formularmos as demandas para o espaço e, à medida que isso acontece, começam a ter mais segurança sobre suas intenções ali. Comentei sobre Fernanda dizer que não consegue fazer sua rotina no quarto dela, sobre Janete não conseguir trabalhar no seu quarto de estudos, mas nada garante que elas conseguiriam se seus quartos e suas coisas fossem magicamente transformados como em um programa de decoração, daí a importância do processo junto de quem mora.

Na primeira parte do processo com Fernanda, realizamos o jogo das situações, que conta com o acaso para provocar a narração de situações cotidianas (atuais ou desejadas) a partir de dois elementos: período do dia e sensação. Em seguida, as mesmas duplas de palavras foram representadas com o corpo na dinâmica de expressão corporal. As últimas palavras sorteadas para Fernanda foram “madrugada” e “empolgação” para as quais ela representou o ato de contemplar o céu da janela.

Poucos dias depois dessa dinâmica ela enviou uma mensagem para dizer que o encontro tinha sido “mágico”, que estava com uma outra visão sobre o seu espaço. Ela comentou que, na verdade, o hábito de ficar na janela havia se perdido quando precisou

começar a usar seu quarto também para trabalhar e, que, “com a dinâmica do corpo isso veio à tona de novo”. “É como se eu tivesse lembrado com o meu corpo, e agora eu já tô valorizando esse momento muito mais”.

Ou seja, ainda que tenhamos trabalhado depois em soluções espaciais, o mais relevante foi a reflexão provocada nesse encontro, que foi capaz de mudar sua percepção e relação com o espaço mesmo antes de qualquer alteração física. Nesse caso, o processo foi revelador de uma memória e particularidade que foram resgatadas e se tornaram ponto de partida para o projeto. Sendo assim, o resultado é discrepante do modelo estético e formal que é insistentemente oferecido.

O que parece fazer o processo ser cativante para Janete e para Fernanda é justamente reconhecerem os encontros como um compartilhamento de informações que trata a reforma como um processo, de fato, e não como a convencional oferta de um produto. O serviço proposto não é simplesmente oferecer soluções, mas criar meios para levantar questões e pensar a reforma junto com quem mora. Para tal, as dinâmicas cumprem o papel fundamental de trazer para a roda informações que são particulares à vida de cada morador. Assim, o que informa o projeto não são apenas o conhecimento técnico e o repertório de nós arquitetas. Há o reconhecimento dos moradores como fundamentais para pensar o projeto e, a partir daí, é como se eles se sentissem validados a olhar para as espacialidades a partir de outros referenciais e assim entenderem que são capazes de interferir no espaço para que ele acolha seu cotidiano.

Esse reconhecimento de uma capacidade imaginativa, é o que torna possível chamar de reforma mesmo interferências mínimas do ponto de vista físico e até mesmo aquilo que não é necessariamente material, como no caso de Fernanda que a partir da dinâmica mudou a relação com o quarto ao retomar um hábito que havia perdido. Uma reforma poderia ser o começo de um processo contínuo no qual moradores se vêem capazes de articular e manifestar suas vidas em seus espaços. Isto é, o reconhecimento como produtores desse espaço e não apenas como usuários ou receptores. Exemplo disso é quando Janete conta sobre as transformações do quarto da sua irmã: “A gente viu que reforma pode ser coisas

pontuais, mas muito focais. A Jac por exemplo não fez o projeto do quarto dela com vocês, mas o quarto dela hoje não é o mesmo que antes, ela mudou porque ficou estimulada”.

A partir da decisão de contratar nosso serviço, de investir tempo numa reforma, pensar no espaço se torna uma prioridade pela primeira vez. E é interessante acompanhar como são evidentes e rápidas as mudanças que surgem daí. Sempre lembro da visita que fiz no apartamento da Janete algum tempo depois do nosso último encontro. Dentre as várias coisas que ela me contou, e as várias mudanças visíveis no apartamento (pintura das paredes, novas prateleiras, todos seus quadros e objetos expostos, o quarto de estudos impecavelmente organizado) ela me contava com especial satisfação sobre a sua cama.

“Ana, tá vendo a minha cama arrumada? Não é porque você veio, tá? Eu não arrumava a cama, mas agora todo dia de manhã eu acordo e arrumo. A Jac fala que agora eu tô mais organizada, essa é uma mudança que essa reforma promoveu, porque eu quero cuidar das minhas coisas”. Poderíamos chamar isso de reforma? Não importa a hora que você chegar na casa de Janete, a cama do quarto dela vai estar arrumada. Pode parecer ínfimo e é claro que tal ação sozinha não quer dizer muito. Mas para Janete, que agora chama o mesmo apartamento que mora há 18 anos de “casa nova”, essa é uma mudança bastante significativa.

“Porque talvez, uma coisa boa dessa reforma, que vocês passaram pra gente e que a gente compreendeu, é que reforma não precisa ser uma coisa muito pesada. Quando meu amigo perguntou se a caçamba já tava aqui na porta de casa eu falei surpresa: ‘Caçamba, o que isso!! Não é assim não...’ Porque eu entendi que reforma na verdade é uma expressão do que a gente é nesse momento... e isso ajudou muito, e achei muito bacana como o trabalho de vocês foi mediador disso”.

minha casa, minha cara

Bella e Bernardo exemplificam o caso típico do casal que decide que é o momento de morar junto e aluga um apartamento com a expectativa de uma nova etapa da vida e do relacionamento. O casal, de classe média, escolheu o apartamento que tem um valor possível em uma localização favorável e que julgaram atender suas necessidades básicas pensadas mais imediatamente (como a quantidade de quartos).

Não é o caso de afirmar que o casal tenha se arrependido da escolha, mas fazem questão de deixar transparecer que se incomodam com a configuração do apartamento em vários aspectos, por exemplo, com o fato de não ter uma área de tanque e o banheiro ser muito pequeno. Bella, principalmente, não esconde que foi conquistada pela vista, que tornou o apartamento muito mais atraente para ela que qualquer outro que seria possível encaixar no orçamento. O apartamento fica no 29º de um prédio icônico no centro de Belo Horizonte e da janela a sensação é de ver a cidade inteira.

Essa expectativa da vida nova como “recém-casados” está diretamente ligada ao espaço. Quando um casal decide dividir uma casa, sabe-se que é um marco no relacionamento, tanto para o casal quanto para quem vê de fora. Assim, geralmente a preocupação não é apenas de adquirir ou alugar uma casa, mas ocupar e dar sentido àquele espaço que será compartilhado pelos dois. Escolher um bairro e um imóvel, escolher e decidir a posição dos móveis, dividir as tarefas domésticas, são etapas inevitáveis para um casal que decide “se juntar”.

Para além das decisões mais práticas e burocráticas, no caso de Bella e Bernardo, construir e compartilhar a vida em um novo espaço, esbarrou em algo que impulsionou o interesse, principalmente de Bella, pelo nosso serviço de arquitetura: o desejo de sentir que a casa tem uma identidade. Quando perguntei sobre a expectativa do casal em relação ao serviço, Bella diz que “a intenção era de fazer um projeto que tivesse a nossa identidade, tem a ver com fixar em um lugar. É nosso primeiro apartamento, a gente ainda tava se

adaptado enquanto relação... Então pra nós o ambiente estar de maneira mais coerente com a gente fazia muito sentido.”

Quando começamos a conversar, eles haviam se mudado a pouco mais de um mês. Não é muito tempo, mas Bella estava insatisfeita e bastante inquieta. Sua primeira mensagem dizia que ela “achou que dava conta de organizar tudo sozinha” mas que não estava conseguindo deixar os ambientes do jeito que queria. “Tô muito querendo que essa casa tenha a nossa cara assim... porque essa coisa de lugar alugado, cê chega a casa tá com cara de outra pessoa...”

A questão do apartamento alugado é um assunto que costuma aparecer logo nos primeiros contatos e geralmente é uma questão central quando a pessoa mora num imóvel que não é próprio. Especialmente no caso de Bella e Bernardo é um tema muito presente porque é reforçado pela relação com o proprietário que é bastante incisivo e faz questão de deixar marcado a regra comum ao mercado imobiliário de que o apartamento deve ser devolvido exatamente como no dia em que foi ocupado. O proprietário mantém todas as paredes do apartamento em um tom rosado que diz ser uma cor de mais fácil manutenção porque “não encarde com o tempo”. Segundo Bella, essas paredes em “rosa-encardido” a deixava “enlouquecida” e era uma das coisas que mais dificultava que ela intervisse naquele espaço. Havia uma dúvida sobre até que ponto valia a pena investir, por exemplo, em uma pintura que precisaria ser desfeita depois, mas ao mesmo tempo, as paredes rosadas eram um lembrete perturbador de que aquela casa não era sua.

Fernanda, que também alugou, com um amigo, um apartamento no centro de Belo Horizonte, chegou até nós com intenções similares às de Bella e Bernardo. De maneira muito semelhante, Fernanda dizia estar angustiada com o “apartamento em branco” e ansiosa para fazer algo que a fizesse sentir que esse espaço é agora a sua casa, ainda que não seja sua propriedade, ainda que não seja fixo.

Em umas de suas primeiras mensagens explicando sua demanda para uma possível reforma no apartamento, Fernanda disse que ela e o amigo buscavam “ressignificar o espaço que é alugado”. Ela explicou: “a gente queria uma coisa que fosse mais a nossa cara e pra

gente se sentir à vontade, porque já vamos pro quarto ou quinto mês que estamos morando aqui e ainda não conseguimos achar um norte pra começar, sabe? (...) A gente não sabe ainda qual seria o ponto de partida para isso”. Assim como Bella e Bernardo, Fernanda chega até nós no meio de um processo, até então frustrante, de transformar em “casa” um espaço alugado.

Outro ponto em comum, é que tanto o casal quanto Fernanda moravam antes na casa dos pais. Isto significa que estão lidando não apenas com o fato de estar em um novo apartamento. Pela primeira vez, têm independência para tomar todas decisões sobre o espaço e, também por isso, o desejo de ter a sensação de pertencimento e identificação é tão mencionado por eles. Isso fica bem claro no caso da Fernanda, que fala da mudança para o apartamento como um marco de uma nova etapa da vida, fora da casa dos pais. Agora, que tem um espaço seu, ela se vê um tanto animada (e também um tanto paralisada) pela sensação de, pela primeira vez, estar na posição de “criar as próprias regras”. Naturalmente isso se reflete no espaço, especialmente no que diz respeito ao seu quarto. Fica claro a sua busca por materializar algo que seja particular seu e que seja diferente do que viveu na casa dos pais. “Na casa dos meus pais, era um conforto mas não é um conforto que foi construído por mim... eu me adaptei a um conforto da minha família. Quando eu vim começar do zero, ao mesmo tempo que me impulsiona pra fazer muita coisa, eu fiquei travada e meio confusa porque parece que é uma página em branco (...) é tanta opção que não sei por onde começar.”

Diferente de Bella e Bernardo, Fernanda já tinha um pouco mais de direcionamento sobre o que queria para o espaço quando entrou em contato conosco. Ela já tinha organizado pastas de referências em sites como Pinterest, já falava em paleta de cores, em trocar de cama e já estava até fazendo projetos manuais para decorar seu quarto. Ainda assim, sentia necessidade de uma orientação, de, como diz ela, “um projeto para nortear”. Fazia tempo que estava planejando o seu quarto e diante de tanta informação e de tantas possibilidades ela se pergunta o que disso tudo realmente tem a ver com ela e faria ela sentir que o quarto é de fato seu, que tem sua identidade.

Abrindo um parêntesis, o termo “identidade” aparece em muitas conversas ao longo dos processos e é o que liga a história de Fernanda a de Bella e Bernardo. Certamente esse conceito alcança uma complexidade de significados muito maior do que eu teria capacidade de tratar aqui. Estou considerando que muitos moradores trazem esse termo associado a um desejo de um reconhecimento de si no espaço que vivem, de conseguir se ver representado neste espaço. Acho que o que querem dizer se explica bem pelo repetido uso da expressão que diz algo como “quero que minha casa tenha a minha cara” que frequentemente é entoada quando falam desse assunto.

Pensando assim, essa questão da identidade no ambiente pode parecer um desejo bem objetivo. Ora, minha casa, quero que saibam que é minha casa, quero que tenha elementos aqui que digam que esse espaço é meu. Mas na prática não é tão simples. De alguma forma, a tentativa de materializar uma identidade no espaço faz aparecer a complexidade desse tema. Muitos questionamentos surgem, sobretudo nesses casos em que acabaram de se mudar para um novo espaço que marca o início de uma nova etapa na vida. Questionamentos esses que vão além de questões espaciais. Agora que vou começar do zero, agora que posso ser qualquer coisa, o que eu vou ser? Como minha casa vai ser? O que eu quero que seja representado aqui?

É claro que há também um obstáculo que diz respeito ao morador não possuir conhecimento técnico para solucionar determinados problemas espaciais ou simplesmente não ser munido de um repertório de possíveis soluções que contemplariam suas demandas. De fato, uma orientação nesse sentido é o que a maioria das pessoas parecem esperar com a contratação de arquitetas. Fernanda, Bella e Bernardo, por exemplo, reconheciam que haviam feito sozinhas uma tentativa de organizar o espaço para o qual se mudaram recentemente, mas, ainda insatisfeitas, queriam novas ideias e orientação para articulá-las e executá-las com mais segurança.

Não tenho dúvidas de que, se as circunstâncias tivessem levado Fernanda, Bella e Bernardo a fazer o projeto com um escritório de arquitetura convencional, eles também iriam se sentir muito mais confortáveis do que antes. Provavelmente passariam pelo

chamado “programa de necessidades” no qual as demandas mais gerais seriam listadas e resolvidas espacialmente. Uma sala confortável e armários perfeitamente planejados para a cozinha de Bella e Bernardo, um home office para Fernanda na paleta de cores que ela gosta. Realmente não acho que ficariam insatisfeitos. Investir em contratar alguém para fazer um projeto para o apartamento que alugou, em certa medida, é também uma maneira de se sentir um pouco “dono” desse espaço. No entanto, a reflexão que quero propor aqui, é como a proposta de um processo de pensar o espaço juntos, arquitetas e moradores, é capaz de ir além e avançar com mais clareza e assertividade na direção da sensação de conforto e pertencimento que buscam na ideia de identidade.

Bella e Bernardo deixam claro que é importante que, além de atender as necessidades básicas do dia-a-dia, o novo apartamento torne evidente a identidade que estão construindo enquanto casal. Da mesma forma que, no caso de Fernanda, há um desejo claro de chegar em algo que seja próprio e particular. Ou, como ela costumava descrever desde o início, um ambiente “customizado”. Após o processo, inclusive, ela chegou a comunicar com muita clareza uma certa recusa a algo que seja totalmente prescritivo. “Foi bem legal porque foi colaborativo. Esse foi um diferencial pra mim. Talvez outras pessoas, em outros modelos de aplicar projeto, já dita meio que uma receitinha pronta pra o cliente só praticar, só comprar as coisas...eu me senti pertencedora do projeto.”

Pensando nisso, como o serviço de arquitetura pode auxiliar nesse processo subjetivo e ir além de uma espécie de seleção e organização de produtos, ideias e conceitos espaciais? Em primeiro lugar, acho importante termos em mente que inevitavelmente estamos inseridos em uma lógica onde somos acostumados a reproduzir comportamentos e que nosso imaginário é o tempo todo embaçado pela publicidade, por normas e convenções. Sabendo disso, criar meios para questionar o que está posto é um passo importante para reconhecer o que são desejos que vem de fora e o que são vontades e necessidades próprias e, assim, contemplar as particularidades. Gosto de pensar que para isso há muitos caminhos possíveis e temos praticado apenas um deles.

O convite que nosso processo fez a Fernanda, Bella e Bernardo é de dar um passo atrás e, por um momento, parar de procurar por respostas tão rapidamente e dedicar tempo em formular as perguntas certas. É para formular essas perguntas que inicialmente "proibimos" os moradores de falar em soluções espaciais e propomos antes refletir sobre o próprio cotidiano, olhar para as atividades em si. E, sem dúvidas, o que torna essa provocação possível no nosso processo, é a mediação das conversas pelas dinâmicas que propomos nos encontros.

Por meio das dinâmicas que contam com o acaso e a expressão corporal, direcionamos a reflexão para as situações que fazem (ou que eles gostariam que fizessem) parte do dia-a-dia naquele espaço. São ferramentas capazes de, com sutileza, estremecer o discurso linear formatado que os moradores reproduzem sem muita ponderação. Conseguimos assim identificar especificidades e ir além de demandas automáticas e simplistas como "preciso de um home office" que contaminam a fala dos moradores. Fernanda, por exemplo, conta como com a imprevisibilidade das dinâmicas, ela começa a pensar sobre elementos que ainda não havia considerado. "Porque não tinha como eu me programar pra responder as perguntas, elas iam surgindo no meio do caminho. São coisas que se fossem de uma forma linear tipo uma entrevista ou um roteiro, talvez não teria sido tão natural. Então acho que foi uma dinâmica divertida e que deixou mais leve também do que se eu desse respostas já esperadas... Eu acho que eu consegui me provocar de não dar respostas óbvias."

É claro que essa proposta pode não ser exatamente o que espera alguém que contrata um serviço de arquitetura. Muitos colegas de profissão me perguntam se os moradores se engajam nas dinâmicas do processo. E a resposta é sim, na grande maioria das vezes sim. Se há disponibilidade, as pessoas gostam de falar sobre si e de descobrir coisas sobre elas. Mais de uma vez já recebemos comentários de moradores sobre sentir que o processo foi pensado especialmente para eles e isso gera bastante engajamento.

Especialmente Fernanda, Bella e Bernardo, foram absolutamente dispostos aos encontros. A sensação que ficava a cada encontro é que estavam sempre muito curiosos e

animados, como quem está topando um desafio. Quando começaram a se envolver com o processo vejo que eles se dão conta de várias questões que ainda não haviam parado pra pensar e isso tira de foco a ansiedade que principalmente Fernanda e Bella tinham de ver o espaço “resolvido”.

Fernanda, a cada encontro, parecia estar mais disposta e comprometida com o processo de criar intimidade consigo no seu novo espaço, que, como expliquei, simbolizava uma nova fase de sua vida. Ela caiu de cabeça no processo e sua experiência foi bastante imersiva, também por conta de sua mudança para a nova casa e todos nossos encontros acontecerem em um momento de total isolamento por conta da pandemia. “Foi como um autoconhecimento, porque se não fosse essa oportunidade acho que eu nunca teria reparado qual é a minha relação com o meu quarto, nunca teria parado pra pensar... Eu me reconhecer dentro do ambiente que estou ocupando e o que minha presença modifica no entorno também... isso me marcou muito.”

Ela usa essa expressão: “nunca teria parado pra pensar” e acho que isso diz muito sobre o processo com ela. Assim como a mensagem que mandou logo após finalizarmos a primeira etapa de expressão do processo: “Já sinto que tenho respostas pra perguntas que eu nem tinha antes”. Isso por que ela chega, como já disse, com muitas pré-figurações. Porém, tudo que tinha eram coisas abstratas, relacionadas a um imaginário estilístico que ela foi construindo nas suas buscas na internet desde que se mudou. A sensação que ficava é que ela dizia querer muitas coisas, mas não sabia exatamente o porquê de nenhuma delas. Inclusive, antes do processo ela não tinha mencionado informações importantes para o projeto, como o fato dela receber visitas constantemente no quarto e de praticar yoga. A partir do momento que as dinâmicas voltam seu olhar para os seus processos cotidianos ela começa compreender os seus desejos e suas necessidades, para então descobrir suas demandas a partir da experiência, do dia-a-dia, e não de suposições “terceirizadas”.

Esse processo de sensibilização acaba se tornando para ela um momento apaziguador no qual ela entende que não precisa fazer definições tão rígidas e certeiras para o espaço, que pode ser algo mais fluido. Ela diz que percebeu que se preocupava muito em

representar essa “identidade” como a definição de uma estética para o quarto, mas compreendeu que esse não deve ser o ponto de partida, mas é uma consequência das manifestações da sua vida, da sua rotina ali.

Assim, ela que já começa o processo com muitas ideias prontas e objetivas para o espaço, se abriu para reformular suas demandas e trazer elementos de outras ordens para informar o projeto. Tanto que, na troca de referências, momento do processo que de fato começamos a olhar para possibilidades espaciais, ela nos surpreendeu escolhendo muitas imagens que nem sequer remetem objetivamente a elementos espaciais. Trouxe fotografias de momentos de convivência com os amigos, imagens de natureza, de água. Fez inclusive, uma seleção de músicas e sons para apresentar, segundo ela, as sensações que pensou para cada enunciado que formulamos para ela.

Esses enunciados, são as frases que enviamos para guiar a seleção de referências do morador. E, no caso da Fernanda, acho que foi fundamental para abrir esse leque de possibilidades e não apenas trazer o que já tinha pré-selecionado. As frases são formuladas especificamente a partir das situações cotidianas que apareceram na primeira etapa, justamente com o objetivo de provocar uma reflexão, acessar a imaginação e não simplesmente fazer uma busca no Google e escolher o resultado mais literal e fotogênico. Por isso, ao invés de pedir que ela procure “referências para cama”, por exemplo, pedimos que ela nos mostre “onde quer estar após um dia estressante e cansativo”.

No caso do casal, Bella e Bernardo, os encontros acabam cumprindo também um papel de criar circunstâncias para que eles entendam e comuniquem um ao outro suas sensações e expectativas em relação ao apartamento. Bella mesmo pontua que, como nunca tinham morado juntos, o processo coincidiu com o momento em que eles estavam “se conhecendo com uma outra perspectiva”.

Com as dinâmicas, uma estrutura para o diálogo é criada e faz a comunicação ficar menos óbvia e também mais equilibrada. Isso ficou muito visível na dinâmica de expressão corporal, por exemplo. Foi Bella quem nos procurou e é naturalmente mais falante que Bernardo. Quando estabelecemos a regra de que a fala deve ser suspensa e que devem se

comunicar com o corpo, estabelecemos uma outra lógica de diálogo. Essa lógica é novidade para os dois, assim, é como se ficassem “no mesmo nível” e a comunicação fica muito mais balanceada. Bernardo chegou a comentar depois sobre como essa dinâmica foi esclarecedora. “Tem muitas coisas que a gente sente mas não necessariamente a gente consegue verbalizar, né? Ou perceber em nível de palavras assim... Então nesse aspecto foi esclarecedor mesmo, essa questão de você poder manifestar coisas que estão no segundo plano... Traz uma perspectiva nova, né?”

Foi nessa dinâmica com o corpo que vieram à tona incômodos que o casal não havia sequer mencionado até então. Como por exemplo o incômodo com o fato da cozinha do apartamento ser muito pequena. É Bernardo que diariamente prepara as refeições e, até esse momento, ele ainda não tinha elaborado que seus incômodos e necessidades relacionados à atividade de cozinhar poderiam ser trabalhados no projeto.

Na segunda etapa do processo, onde já começamos a conversar sobre soluções espaciais, também foi um momento que o casal estabeleceu conexões que eram novidade para eles. Principalmente porque, a seleção das imagens para a troca de referências é feita individualmente. Assim, quando fizemos a apresentação eles se surpreendiam tanto em momentos que selecionavam referências extremamente parecidas quanto quando selecionavam imagens de ambientes bem diferentes. Isso fazia com que eles se engajassem em assuntos que nunca haviam discutido e conseqüentemente ainda não havia aparecido como uma demanda para o espaço. Como por exemplo, o momento que Bernardo, ao comentar sobre uma das referências que selecionou, fala sobre sua necessidade de momentos mais introspectivos e comenta sobre a possibilidade de ter um canto onde poderia ficar mais isolado.

Desde o início ficou claro que a vontade de investir no espaço e iniciativa de nos contratar partiu de Bella. Mas é interessante notar nesses exemplos como Bernardo, que inicialmente parecia assumir uma posição de coadjuvante nas decisões do apartamento, se engajou nos nossos encontros e foi muito aberto às propostas do processo. Isso foi uma surpresa até mesmo para nós, mas, o que acontecia é que, como disse Bella, eles se

divertiam muito com as trocas e descobertas que aconteciam entre eles durante as dinâmicas. “O pré, pra chegar assim em qual que é a nossa identidade, para criar um projeto que fosse a nossa cara, foi muito divertido assim, com as dinâmicas, enquanto a reflexão da nossa relação e da relação com a casa”.

Bernardo mesmo conta que no início, ele topou fazer o projeto mais por conta da angústia de Bella em relação ao apartamento do que por uma vontade sua. Ele comenta que, quando foram morar juntos, ele se preocupava mais com questões práticas, como a localização, do que com o ambiente em si. Ele atribui isso ao fato de, durante a sua vida, já ter se mudado de casa 12 vezes. “Eu mudei muito, e minha família é grande, sempre morei com muita gente. Então pra mim esse aspecto da casa ter minha identidade, ter os meus traços nunca foi parte da minha rotina.”

Bella, por exemplo, já tinha muito claro desde de antes do processo que era importante para ela mudar a pintura do apartamento. Já Bernardo não comunicava claramente nenhum desejo em relação ao espaço porque, segundo ele, simplesmente não se ocupava em fazer essa reflexão. Ele admite que nem compreendia porque Bella achava que seria tão necessário fazer a pintura no apartamento, por exemplo. Foi só a partir dos nossos encontros que ele diz ter começado a refletir sobre o espaço em si, sobre a casa que gostaria de ter e, à medida que as mudanças começaram a ser executadas no espaço que ele ia ficando mais convencido. “Mudou a sensação de entrar em casa, a gente descansou mais, dormiu melhor... eu não percebia por exemplo que antes eu ficava tão cansado visualmente, que aquela cor (das paredes) me incomodava assim, até que mudou e eu realmente percebi o impacto ruim que tinha (...) a maneira como foi pintado depois ressaltou partes do apartamento que eu nunca tinha nem pensado a respeito... e veio muito essa percepção a partir das dinâmicas que vocês fizeram, que foi quando de fato eu comecei a pensar a respeito.”

As pinturas das paredes, resultado do processo, foram feitas poucas semanas depois do nosso encontro de apresentação do projeto final. Mas, menos de quatro meses depois da execução, Bella e Bernardo se mudaram do apartamento. Lendo essas informações em

sequência você pode estar imaginando que eles se arrependeram ou que o processo e o projeto foi um fracasso. Não é nada disso, é claro. O que acontece é que a vida é mesmo imprevisível. Novas circunstâncias no trabalho e a adoção de dois cachorros mudaram a dinâmica de vida do casal. Eles refletiram sobre essas mudanças e sobre outros pontos que já havíamos conversado nos nossos encontros e chegaram a conclusão de que a melhor opção seria mudar de apartamento.

Fui conversar com eles depois dessa mudança. É claro que muito curiosa em saber se o processo reverberou de alguma maneira na ocupação dessa nova casa. Sempre começo a entrevista com os moradores pedindo que falem sobre o processo em geral. Apenas peço que contem, da maneira que quiserem, falando o que vier à mente, até mesmo para saber o que ficou mais marcado em cada caso. Quando cheguei e fiz esse pedido para o casal, Bella já começou contando sobre o processo e estabelecendo três momentos diferentes. O “pré,” que ela considerou as dinâmicas do processo, o “durante”, que ela considerou o projeto em si e sua execução no espaço e o “pós”, que começa justamente quando tomaram a decisão de alugar o novo apartamento. “Que são as coisas que a gente vai carregando até aqui né, a relação com a casa, a identidade, deixar as coisas mais com a nossa cara, isso que ficou pós-projeto, depois de ter passado por isso tudo com vocês.”

Como se mudaram, eles hoje lembram muito sobre o processo, menos preocupados com o projeto em si e mais com a relação que eles estabelecem com onde moram. Bella disse que hoje percebe que a identidade que ela buscava lá no início está sim nos detalhes, está nos móveis que escolhem, mas diz que percebe que tem mais a ver com a vida que querem ter. A vida é impermanente e, sendo assim, o espaço também é. Tendo compreendido isto, ela diz que sente que aconteceram dois movimentos na história deles: “Acho que essa relação com espaço diz muito sobre movimento de vida, e acho que as coisas vão acontecendo concomitantemente. Às vezes o espaço chega primeiro e a mudança de vida depois, às vezes a mudança de vida chega primeiro, que tem a ver com desejo e direcionamento...”

Bernardo comentou também que com mais tempo morando juntos e a partir do olhar para o espaço sob a perspectiva que o processo convidou, ele foi entendendo que precisam de uma organização que cada um consiga elaborar e manifestar no espaço suas vontades “com o mínimo de conflito”. Eles têm rotinas e atividades muito distintas e agora falam com mais clareza sobre essas diferenças. No novo apartamento têm quase o dobro de espaço e parecem se empenhar para usar isso a favor de organizar essas diferenças espacialmente. “A maneira como agora a gente se organiza no apartamento é de uma maneira para harmonizar a nossa relação, dentro das nossas demandas e das nossas necessidades que a gente aprendeu a reconhecer”.

Dá pra ver que, se antes eram inseguros para fazer qualquer intervenção, no novo apartamento dizem que chegaram “se coçando” para ocupar os ambientes. Contam, por exemplo, que ficaram um tempo experimentando as posições dos móveis e das plantas. Falam convictos da realização de comprar novos móveis para substituir alguns que haviam ganhado quando se juntaram. “A gente finalmente escolheu um sofá, compramos um sofá que é mais a nossa cara... que a gente pode escolher cor, escolher tamanho...”.

Nessa conversa eles pontuaram como, mesmo aproveitando tão pouco tempo, não se arrependem de terem feito a pintura das paredes do apartamento (que sim, quando saíram o proprietário pediu para que repintassem no tom rosado-encardido). Contam que foi importante porque foi o primeiro investimento que decidiram juntos para casa e que foi muito satisfatório ver a pintura pronta e como ela de fato refletiu nas demandas que tomamos como ponto de partida para planejá-las.

Da mesma forma, não se arrependem de terem contratado nosso serviço mesmo que o projeto final tenha sido feito para um apartamento que não moram mais. Não sentem que saíram com as “mãos abanando” porque agora há uma conexão com a casa que permanece e um entusiasmo que não querem perder que, segundo Bella, sente que vai além de mudar o espaço e mudar a rotina. “Eu fiquei muito marcada assim: que cara eu quero dar mesmo que seja em casas temporárias? Acho que isso foi o mais importante assim, não só de rotina mas também de percepção, de reforço do que que é casa pra mim, que não tem a ver com a

morada física, né? Mas tem a ver com o que eu levo meu né... Porque nessas mudanças não são só as coisas, você continua sendo, entre aspas, a mesma pessoa, então, como você transfere isso para outro espaço é importante.”

onde fica a geladeira?

Bella e Bernardo, tinham se mudado a pouco mais de um mês quando contrataram nosso serviço. Haviam ganhado alguns móveis e preencheram os cômodos do apartamento alugado a partir do direcionamento do programa fixo ao que estão acostumados. Isto é, fizeram o básico, aquilo que está no script que todos nós conhecemos, que diz o que deve ter em cada cômodo ou qual é a moda, “o que se está usando” no momento.

Tão acostumados a lidar com essa pré-definição que um cômodo incomum no apartamento (uma espécie de hall de entrada que chamam de ‘salinha’), ainda que tenha um tamanho considerável e que pudesse abrir margem para apropriação mais inventiva, permanece subutilizado. O casal utiliza-o quase que apenas para passagem e praticamente não comentam espontaneamente sobre ele nas nossas conversas, ainda que tenham nos contratado para fazer o projeto de todo o apartamento.

Nos primeiros contatos, as atividades que colocam mais em evidência estão relacionadas aos momentos de lazer e convivência dos dois. Comentam principalmente sobre o momento de fazer as refeições juntos, que aparece como “ponto alto” do dia-a-dia estressante de trabalho e que Bella descreve como “algo que deixa o coração quentinho, para além da comida apenas”.

Embora tenham o hábito de cozinhar diariamente em casa, inicialmente não chegam a comentar sobre a cozinha do apartamento que depois veio a se tornar um ponto crucial para o projeto. A cozinha é muito pequena, muito pequena mesmo: menos de três metros quadrados. É mal iluminada, tem poucos armários e quase nenhum espaço de bancada. Tenho que admitir que particularmente fiquei bastante assustada quando conheci pessoalmente (o que aconteceu apenas na última etapa do processo, no dia da visita para o levantamento, visto que o processo aconteceu praticamente todo online por conta da pandemia).

Foi durante a dinâmica de expressão corporal a primeira vez que a questão da cozinha aparece mais claramente como um incômodo. Eles precisavam imaginar e representar, com o corpo, situações (cotidianas e desejadas) para a combinação de palavras ‘meio-dia’ e ‘pressa’. A primeira cena real (que representa a situação atual), montada por Bernardo, fez transparecer mais um momento caótico do que necessariamente um momento tranquilo como haviam trazido inicialmente. Ao explicar, Bernardo falou sobre a sensação do momento das refeições ser “sempre desorganizado desde a hora de preparar a comida” por conta do tamanho da cozinha. Disse que os dois não conseguem ficar juntos no ambiente e nem preparar as refeições com a tranquilidade e a organização necessárias. Embora sentar-se à mesa e comer seja agradável, não conseguem ter conforto para as demais atividades que se conectam diretamente com esse momento. É como se fizessem uma abstração do momento caótico que antecede (cozinhar) e sucede (limpar a cozinha) as refeições, como se fizessem essas atividades com pressa para o desconforto passar rápido e poderem ir para sala comer, que é o ambiente mais espaçoso e que conseguem se articular melhor.

Vale aqui fazer uma observação sobre Bernardo ser quem prepara as refeições com mais frequência. Assim, o momento é percebido de maneira bem diferente por cada um deles, e a dinâmica com o corpo deixou isso claro. Tanto é, que depois que Bernardo montou sua cena apontando para uma sensação de desconforto, Bella quis propor a sua própria versão da mesma cena para mostrar a sensação reconfortante de comer e conversar olhando para vista da janela da sala.

Nesse caso, o processo foi importante para trazer à tona um assunto que havia sido velado. Se as demandas fossem rapidamente enumeradas, acredito que o tema não teria sido discutido com a devida atenção. A dinâmica de expressão corporal impulsionou a reflexão sobre uma situação que antes tinha o foco reduzido em apenas uma atividade. Ao privar a fala e colocar o corpo em jogo, guiado pela combinação aleatória de palavras, Bernardo representou a situação de um ponto de vista que estava sendo negligenciado e até então

discutido com distanciamento. Foi importante para trazer para a roda um “inconveniente” que eles estavam tentando “aprender a conviver”, como disse Bella.

Nesse processo, eles olharam para as atividades a partir de outros referenciais, foram mais capazes de manifestar individualmente necessidades e expectativas e de estabelecer uma relação entre elas para formular (ou reformular) mais conscientemente a demanda para o espaço.

Pulando para a segunda etapa do processo, já na troca de referências espaciais, por conta da falta de espaço na cozinha, apresentamos ideias que mostravam a possibilidade da geladeira estar mais próxima às áreas de convivência e não necessariamente dentro do cômodo. Ao ver as imagens, Bernardo diz se lembrar que já haviam pensado na possibilidade de colocar a geladeira na “salinha” mas que não tinham feito porque, segundo Bella, “não é muito normal né? colocar a geladeira na sala, na entrada assim...”.

Veja como eles já tinham, antes mesmo das nossas conversas passado pelo processo de entender o incômodo e por meio de alguma consciência crítica pensado em uma maneira de amenizá-lo. Mas não chegaram a concretizar de fato a mudança no espaço mesmo que, vale dizer, a cozinha tenha aparecido algumas vezes durante as dinâmicas como um incômodo que, inclusive, chegava a gerar conflitos no dia-a-dia. Tirar a geladeira da cozinha abriria espaço que possibilitaria atividades cotidianas desejadas pelo casal, como cozinhar juntos e trabalhar com um pouco mais de conforto em encomendas de confeitaria.

Quando Bella diz que não mudaram porque “não é muito normal” escancara uma certa subordinação a uma determinação externa que os constrange a fazer uma mudança no espaço que eles mesmos já tinham percebido que faria sentido para suas necessidades.

E, no caso de Bella e Bernardo, essas determinações externas os atingem a partir do próprio espaço formal do apartamento ou de outros que eles conhecem e reconhecem como “normais”, numa padronização tanto das demandas quanto da maneira de solucioná-las. Como se tivessem a obrigação de seguir um programa que indica não somente quais são os cômodos que o casal precisa ter, mas também quais são os móveis, eletrodomésticos e, inclusive, como esses objetos devem ser distribuídos.

Eles estão tão constrangidos por esse programa que, mesmo depois de terem pensado em algo para amenizar a situação, dispensaram rapidamente o pensamento e seguiram encarando como se a falta de espaço na cozinha fosse um problema absolutamente sem solução. Bella chegou a dizer: “Se fosse pra sonhar eu queria mesmo era jogar tudo no chão e fazer uma cozinha nova... mas não tem jeito né, o apartamento não é meu, é alugado, então a gente tem que conviver com esse inconveniente”.

Bom, mas é justamente o caso de sonhar, de desejar. A proposta das dinâmicas em direcionar o olhar dos moradores para o próprio cotidiano tem a ver com uma mediação para que fiquem um pouco mais esclarecidos das próprias necessidades e vontades para que não sejam suprimidos ou “abafados” por convenções externas, como nesse caso.

Na troca de referências para o espaço, por exemplo, orientamos que não devem deixar de selecionar um exemplo por julgarem que seria impossível de colocar em prática por limitações físicas ou financeiras. Explicamos que é importante, antes de se limitar, se atentar para características, elementos e sensações que acreditam que seriam importantes para que desempenhem suas atividades cotidianas. Acredito que esse também é um movimento importante na direção de aprofundar um pouco mais nas próprias vontades e trazê-las mais claramente para discussão entre eles e conosco. Assim, nós enquanto arquitetas, também temos mais informações para pensar em possibilidades para tornar o espaço mais adequado. Pode acontecer, inclusive, que tenhamos conhecimento de soluções, materiais ou técnicas possíveis que talvez o morador desconheça.

Um exemplo simples que acontece com frequência é em relação a pintura das paredes, recurso que usamos bastante nos projetos. Quem mora de aluguel sabe que, quando devolver o imóvel, precisará repintá-lo. Por conta disso, em muitos casos, não consideravam fazer o investimento. Às vezes, por julgarem que seria mais caro do que de fato é, às vezes por desconhecerem os efeitos (além de estéticos) que têm o potencial de provocar.

Para Bernardo, foi uma novidade. “Essa questão de ter um sentido na maneira como ia ser feita a pintura do apartamento né... foi algo que eu nunca nem tinha cogitado assim... foi o primeiro contato que tive em relação a isso.” Bella já tinha trazido a questão da pintura

mais relacionada a uma questão estética, e, durante a troca de referências, apresentamos exemplos para mostrar que poderia ser um meio de lidar com algumas demandas que surgiram nas primeiras dinâmicas. A pintura se tornou, por fim, uma solução de projeto que antes desconheciam para demandas como limitar algumas áreas para funções diferentes nos cômodos, dar destaque para vista e diminuir a sensação de desconforto que Bella sentia por conta do pé-direito muito alto.

Após a execução, o casal conta como ficaram encantados com o resultado, com a influência que fez no dia-a-dia e, Bernardo, ressalta como o processo foi importante para essa percepção. “A maneira como foi pintado, a divisão de ambientes dentro do mesmo cômodo... ressaltou partes do apartamento que eu nunca tinha nem pensado a respeito. E veio muito essa percepção a partir das dinâmicas que vocês fizeram né, que foi quando de fato eu comecei a pensar a respeito.”

Por isso é importante que a construção das perguntas para o projeto partam principalmente dos moradores e que eles participem, também, da construção das respostas. As dinâmicas cumprem um papel fundamental de fazer essa mediação entre informações que cada um deles trazem e informações que nós, arquitetas, trazemos. Com essa colaboração é possível que os moradores tenham uma compreensão mais clara das implicações e intenções das alterações espaciais e, acredito, que assim vivenciam o espaço reformado com mais completude.

No caso de Bella e Bernardo é perceptível como ficam mais conscientes do espaço que ocupam, não apenas por compreender melhor a demanda em si como também por reconhecerem que têm capacidade de atuar criativamente no espaço formal para além das convencionalidades. Durante o processo eles mesmos perceberam que a forma como um ambiente é não precisa ser definitiva, pode estar em constante mudança para abrigar diferentes demandas em diferentes momentos. Isso aconteceu, por exemplo, quando ficou evidente que eles já adaptam o ambiente da sala para diferentes atividades, mas que antes, consideravam uma situação de improviso. “Final de semana a gente acaba trazendo o colchão lá do quarto, arrasta essa mesa e coloca ele aqui na sala.” Durante o processo

perceberam a potencialidade desse movimento e, inclusive, para troca de referências levaram soluções mais inventivas para essa flexibilidade.

Sobre a questão da falta de espaço na cozinha, antes mesmo de finalizado o processo, eles já fizeram a mudança da geladeira. A “salinha”, que antes não tinha muito uso, passou a ser como um anexo da cozinha, onde colocaram geladeira, microondas e um armário de dispensa. Quando perguntei sobre esse episódio para o casal, Bernardo respondeu: “Bom, o padrão é manter a geladeira dentro da cozinha, então parece ser mais funcional até a gente descobrir que de fato não era, né? Ela ficou lá até que a gente viu que não tinha espaço sequer pra mover dentro da cozinha. Não tava funcionando daquela maneira.” Tinham convivido com a cozinha assim por mais ou menos três meses, até que o assunto surgiu nas dinâmicas e impulsionou a constatação de que a mudança precisaria ser feita.

Vale pontuar que é óbvio que tirar a geladeira da cozinha não resolve todos os problemas. Idealmente seria maravilhoso derrubar paredes e fazer uma grande cozinha integrada com a sala, como é o sonho de Bella. E eles sabem disto, é importante que saibam e reconheçam esse desejo. Mas é importante também uma inquietude em relação ao que está dado, ao espaço que têm hoje para lidar, para que não sejam tão conformados e limitados por ele.

Em consequência dos nossos encontros, eles começaram a se arriscar mais em experimentar o espaço. Além das mudanças da cozinha, antes do fim do processo e antes do projeto de fato ser entregue, o casal, que antes não tinha batido sequer um prego na parede, instalaram prateleiras que estavam guardadas desde a mudança, penduraram plantas nas paredes e fizeram alterações nas posições dos móveis. Bella conta que quando passaram a “pensar nos móveis de uma maneira mais descontraída e sair do óbvio” impactou não só na rotina como “na funcionalidade da casa e até na identidade com ela”.

Assim, torna-se possível olhar para diferentes elementos para dar conta de abarcar a complexidade da vida e não cair na armadilha de limitar atividades, comportamentos e experiências por conta de como um espaço se apresenta. Entendendo que morar bem tem muito a ver com espaço, é claro, mas não com um espaço definitivo e limitante, mas com um

espaço que permita o desenrolar da vida ali e acompanhe, na medida do possível, a fluidez e a impermanência da vida. Como diz Bella, estar em casa é a sensação de que “a gente não precisa se espremer pra caber aqui...”

conversas com Lefebvre

A pesquisa e o texto, até aqui, foram direcionados principalmente a partir da práxis. Obviamente que os a crítica da prática convencional de arquitetura e a formulação de possibilidades sobre a prática alternativa não eram meramente intuitivas (eram principalmente iluminadas pelas pesquisas e produções dos grupos MOM e LAGEAR¹⁴). Mas pensar, formular, criar e experimentar o processo, suas dinâmicas e instrumentos foi o que me possibilitou sistematizar o que apresentei aqui, elucidado pelas falas dos moradores.

O que quero dizer é que a práxis apresentada aqui não surgiu de articulações teóricas. No entanto, embora a prática não tenha sido enquadrada por teorias, durante o tempo do mestrado entrei em contato com autoras e autores que de alguma forma também informam a pesquisa. Não há dúvidas de que o meu olhar para as experiências práticas é influenciado pelas disciplinas, textos, vídeos, orientações e conversas ao longo destes anos.¹⁵ E não há dúvidas que isso também informa possíveis desdobramentos futuros das práticas. Por isso, ainda que as articulações teóricas não tenham sido prioridades ao longo da pesquisa, escolhi trazer na dissertação um ensaio que aponta algumas relações da prática com conceitos que estudei e que permearam minha mente durante o tempo da pesquisa.

Optei por dialogar principalmente com o autor Henri Lefebvre que acredito ser fundamental para uma compreensão crítica da arquitetura. Faço aqui uma síntese do que entendo ser crucial sobre a produção do espaço para elucidar os pressupostos e desdobramentos da prática que apresentei.

¹⁴ Laboratório Gráfico para Experimentação Arquitetônica (LAGEAR) e Morar de Outras Maneiras (MOM) são dois grupos, ambos na Escola de Arquitetura da UFMG, nos quais participei de algumas pesquisas durante minha graduação e que debruçam-se sobre a criação de interfaces como mediadoras que visam à autonomia de grupos sócio-espaciais fragilizados na produção do próprio espaço (KAPP et al., *Arquitetura como exercício crítico*, 2008)

¹⁵ Poderia mencionar mais objetivamente o contato com referências decoloniais e ameríndias, com os textos produzidos pelos grupos MOM e LAGEAR mencionados acima (sobretudo as autoras Ana Paula Baltazar e Silke Kapp), com as teorias de Marx e Lefebvre, com Michel de Certeau, com Paulo Freire, e com autoras feministas como Silvia Federici

“Alguns arquitetos ainda se veem como os senhores do espaço que concebem e realizam”. É assim que Lefebvre¹⁶ descreve a prática de arquitetura e urbanismo para fazer uma crítica precisa. Ele continua: “Eles se vêem ou se fazem ver como os demiurgos capazes de operar, na sociedade, sua concepção e sua definição de espaço”. Demiurgo, segundo o dicionário¹⁷, seria uma “entidade intermediária de Deus, que teve participação na criação do mundo; criador de algo extraordinário ou grandioso”. Extraordinário e grandioso: não são esses os adjetivos para as arquiteturas desde o Renascimento? Não é assim que, ainda hoje, são descritas obras dos grandes arquitetos e escritórios ganhadores dos prêmios de arquitetura?

Arquitetura que nasce a partir de um trabalho abstrato e intelectual, para representar, sobretudo, poder. Espaços projetados a partir da linguagem da forma que têm a pretensão de desenhar a vida mas não tem atenção às demandas mais cotidianas. Ou seja, espaços de forma pura, abstratos, como aponta Lefebvre, concebidos a partir de números e proporções. “visual, por conseguinte, desenhado, espetacular; ele se povoa tardiamente das coisas, de habitantes e de usuários.”¹⁸

O termo usuário algumas vezes é utilizado no campo da arquitetura para designar as pessoas que ocupam os espaços, sobretudo os espaços mais espetaculares. Esse termo claramente indica uma separação entre quem “usa” o espaço e quem o concebe e o produz.

Usuários são pessoas que, por definição, não produzem espaço, mas o recebem em formas determinadas por outros, mais ou menos preocupados com seu bem-estar. Arquitetos modernistas em geral presumiam conhecer as necessidades universais dos usuários melhor do que eles próprios. (...) O próprio fato de não existir nenhuma expressão melhor para designar as pessoas que vivem nos espaços produzidos com a ajuda de arquitetos é um sintoma de nossas práticas impositivas.¹⁹

¹⁶ LEFEBVRE, H. O espaço, [1972] 2016.

¹⁷ MICHAELIS: Dicionário da língua portuguesa disponível online.

¹⁸ LEFEBVRE, H. O espaço, [1972] 2016.

¹⁹ KAPP; BALTAZAR; MORADO. Arquitetura como exercício crítico, 2008

A forma como referir às pessoas que participaram dessa pesquisa foi uma questão. Pelos motivos mencionados acima, não gostaria de chamá-las de usuárias, uma vez que a prática proposta tenta justamente reverter essa lógica e reconhecê-las como produtoras do próprio espaço e convidá-las para esse processo. Pelo mesmo motivo, também não gostaria de chamá-las de “clientes”, uma vez que significaria referir a elas a partir de um pressuposto essencialmente capitalista. O termo escolhido foi “moradores”. Moradores porque é o termo que indica simplesmente a função que se colocam no espaço: morar. E morar, como indica o título desta pesquisa, pode contemplar vários sentidos, inclusive posições mais ativas e não passivas, por assim dizer.

Mesmo porque, ainda que projetados e concebidos a partir da forma e da abstração, os espaços não se mantêm apenas como uma moldura, um enquadramento para vida. O espaço abstrato não consegue afastar completamente as contradições da realidade prática e sensível, nem tampouco os conflitos pertencentes à própria lógica política e econômica. O que Lefebvre constrói com seu raciocínio é o reconhecimento do que ele chama de espaço vivido: o cotidiano e a experiência que são um resíduo do próprio sistema, inevitável e que dificilmente é reprimido. O espaço se apresenta como mediador, intermediário, como uma articulação que torna possível as relações sociais. Ele é simultaneamente produto e produtor da sociedade, isto é, nem somente ponto de partida, nem somente produto social.²⁰ Espaço que molda e que é moldado.

A dialética entre o espaço abstrato e o espaço vivido se materializa no momento em que as temporalidades e as espacialidades se fazem presente na apropriação. A obra de Lefebvre parte do cotidiano para mostrar que a maneira como construímos nossa vida tem uma relação muito direta com a maneira como construímos nosso espaço. “O espaço é conhecido ao ser reconhecido”²¹, ou seja, espaço não é descrição, ele é experiência, ele é também aquilo que o que o desenho e a técnica não controlam.

²⁰ LEFEBVRE, H. O espaço, [1972] 2016.

²¹ LEFEBVRE, H. O espaço, [1972] 2016.

Nesse momento, acredito que cabe trazer para discussão também a proposta de Silke Kapp (2005) de entender arquitetura como “todo espaço modificado pelo trabalho humano”²² e não apenas a pequena parcela de construção projetada e reconhecida por arquitetos. Ou seja, a “arquitetura inclui o espaço comum, cotidiano, ‘ordinário’, para além das obras que se pretendem extraordinárias ou são eleitas como tais pelos historiadores”.²³

A discussão fundamental aqui é que o concebido (abstrato) não deveria substituir ou reprimir a realidade, isto é, o vivido. Se por um lado a prática convencional tem o potencial de, como já dito, criar espacialidades abstratas para “usuários” indiferenciados, uma prática alternativa (ou uma reelaboração da prática) seria justamente ressaltar o espaço vivido que Lefebvre apresenta.

Antes de aprofundar nessa proposta, também é importante sublinhar que essa discussão é tangenciada, como esclarece Lefebvre em vários momentos de sua obra, pela questão do consumo. Segundo ele, a espacialização seria configurada a partir de uma alienação que tem a ver com uma supervalorização das coisas em detrimento das relações e da práxis.²⁴ Em consequência, acabamos experienciando o espaço principalmente no nível do consumo. Por exemplo, uma pessoa pode dizer que deseja morar em uma casa com piscina não porque refletiu e entendeu que uma piscina é importante para ela, nem tampouco compreende e deseja o que a piscina poderia lhe oferecer, e sequer sabe se gosta tanto assim de nadar. Mas deseja morar em uma casa com piscina porque a piscina é um objeto de consumo, artigo de luxo. O que ela consome, aqui, é uma necessidade delineada pelo sistema, e não elaborada por ela mesma.

Assim, podemos dizer que o ato de consumir é como uma ficção, algo do plano imaginário, como uma realidade paralela ditada pela mercadoria e que vai sendo reproduzida na vida. Somos ensinados a desejar e vamos nos acomodando em uma

²² KAPP, Silke. Por que Teoria Crítica da Arquitetura? Uma explicação e uma aporia, 2005

²³ KAPP; BALTAZAR; MORADO. Arquitetura como exercício crítico, 2008

²⁴ “Esse espaço seria o lugar da reificação, um lugar fora do tempo, fora da vida e da práxis” (LEFEBVRE, 1972).

satisfação e um conforto alienantes de um cotidiano que é, na verdade, repressivamente organizado.

Se a cotidianidade se torna principalmente consumo, poderíamos dizer aqui: morar, se torna consumir. Para definir como vai ser a casa, quais seus elementos, quais móveis escolher, não se pensa na experiência, não se pensa no ato de morar de fato. A pergunta que se faz nunca é “Como eu quero morar? Como eu quero viver?”. O que parece importar mais, na lógica que estamos inseridos, é um status, é a condição social que os produtos proporcionam. Assim, a maneira que se mora é definida de uma forma mais generalizada, segundo Lefebvre, pela “aplicação de um espaço global homogêneo e quantitativo, obrigando o vivido a encerrar-se em caixas, gaiolas ou ‘máquinas de habitar’”²⁵

Com a abstração do espaço, este deixa de lidar com o real e se volta para o consumível e o padronizável. O consumo, a publicidade, a moda, são abstrações que se consolidam, passam a ser assimiladas como realidade e conseguem dominar e encobrir o potencial insurgente do cotidiano. Essa homogeneização que direciona comportamentos avança sobre as particularidades e faz com que as pessoas geralmente não tenham um entendimento claro e genuíno sobre suas necessidades espaciais.

Para nos aproximarmos de uma prática mais alinhada à crítica de Lefebvre, é necessário afirmar a recusa a essas abstrações e espaços normatizados que delimitam e suprimem o vivido. Poderíamos falar sobre encarar a arquitetura menos como espaço de trocas capitalistas e mais como o espaço dos usos; sobre dar menos evidência às coisas e mais atenção aos sujeitos, seus pensamentos, relações e desejos.

Como, então, seria olhar para o espaço como um campo de possibilidades que contempla o uso? Como superar a imposição e prescrição para pensar espacialidades que não tentem controlar esse uso, mas que se formulem e permitam ser configurados a partir dele?

²⁵ LEFEBVRE, H. O direito à cidade, [1968] 2011.

Bom, o uso, Lefebvre nos coloca, é por si só insurgente, tem a ver com resistência, é naturalmente desalienado porque diz respeito à apropriação. O momento da apropriação é o momento de reivindicação dos espaços com o corpo e, conseqüentemente, abre possibilidades para imaginação, para o afeto, o sonho e o prazer. Tudo aquilo que é incontrolável, que transborda a forma, a normatização e a racionalidade espacial.

Aqui, nos aproximamos de um terceiro conceito formulado por Lefebvre, o chamado espaço diferencial.²⁶ Se por um lado o homogêneo implica permanência, a diferença implica uma ruptura. A partir da diferença que é possível dar existência a espaços apropriados ao uso e à realização de desejos. Essa diferença se manifesta, por exemplo, quando, mesmo no caso de blocos de apartamentos com uma arquitetura homogênea que reproduz formas, acabamentos e cores, o uso de quem ali mora rompe com a uniformidade e modifica as formas ao imprimir suas singularidades cotidianas.

Mas a diferença, segundo Lefebvre, não diz respeito apenas à particularidade ou à individualidade de cada um. Lefebvre discorre sobre o que ele chama de direito à diferença que é “o direito de não ser classificado à força em categorias que foram necessariamente determinadas pelos poderes homogeneizadores”²⁷. Ou seja, tem a ver com uma negação da identidade imposta que possibilita a afirmação de si e de características e vontades antes desconsideradas. Afirmação esta que surge nas brechas, na inconformação silenciosa, como aponta o autor Michel de Certeau. Ele diz que o “homem ordinário” inventa o cotidiano a partir do que ele chega a chamar de “astúcias sutis” e “táticas de resistência” que possibilitam a apropriação (ou reapropriação) dos espaços e objetos segundo o uso e a maneira de cada um. “A massa anônima promove uma forma de liberdade, segundo a qual

²⁶ “I shall call that new space ‘differential space’, because, inasmuch as abstract space tends towards homogeneity, towards the elimination of existing differences or peculiarities, a new space cannot be born (produced) unless it accentuates differences” (LEFEBVRE, 1991)

Tradução livre: “Eu chamo esse novo espaço de ‘espaço diferencial’ porque, visto que o espaço abstrato tende para a homogeneidade, para a eliminação de diferenças ou peculiaridades existentes, um novo espaço não pode nascer (ser produzido) a não ser que acentue diferenças”

²⁷ LEFEBVRE, H. The survival of capitalism [1973] 1976. (Tradução livre feita por mim)

“...the right to be different (the right not to be classified forcibly into categories which have been determined by the necessarily homogenising powers)”

cada um procura viver, do melhor modo possível, a ordem social e a violência das coisas”.²⁸ O autor apresenta uma convicção no potencial e na inventividade do leigo, do “mais fraco”, que tem a ver com reconhecer micro-resistências dentro da dominação e olhar para o “consumo supostamente passivo dos produtos recebidos, para a criação anônima, nascida da prática”.²⁹ Esse movimento acontece espontaneamente no desenrolar da vida e contrapõe as forças homogeneizantes, mesmo que aconteça de maneira inconsciente. E é na prática, na produção cotidiana, que reside também o potencial emancipatório da tomada de consciência dessa diferença. Como diz Lefebvre, ao concluir seu Manifesto Diferencialista: “Se trata de discutir sobre a diferença? Não. Se trata de viver, não de pensar, mas de ser diferente”.³⁰

Justamente para evidenciar esse potencial que o processo apresentado neste trabalho propõe olhar para as atividades dos moradores como ponto crucial para pensar o espaço. Pode parecer simplório colocar dessa maneira, mas, trabalhar com as dinâmicas cotidianas dos moradores se mostrou uma maneira de trazer à tona esse espaço diferencial que a abstração e racionalidade do espaço não dá conta de coagir. Considerar a produção que se desdobra no cotidiano, no morar, sem a interferência de arquitetos ou outros “especializados”, rompe a estagnação do conceito de espaço. São as atividades que conectam os moradores com a realidade concreta e sobre a qual compreendem que podem questionar.

É um passo em direção à consciência da alienação do espaço de vida, de si e do quanto estamos impregnados de determinação externas. É partir do pressuposto de que são inúmeras as possibilidades de viver, logo, de morar. E é essa escolha que deveria orientar a construção e configuração do espaço cotidiano - que inclui mas que também foge à racionalidade imposta e acentua o diferente.

²⁸ CERTEAU, M. A invenção do cotidiano:, 1998.

²⁹ CERTEAU, M. A invenção do cotidiano:, 1998.

³⁰ LEFEBVRE, H. El Manifiesto Diferencialista, [1975] 1998. (Tradução livre feita por mim)

[¿Se trata de discutir acerca de la diferencia? No. Se trata de vivir, no de pensar, sino de ser diferente.]

Como evidenciado nas crônicas que antecedem esse capítulo, no processo, esse movimento é possível a partir da mediação das dinâmicas que rompem a lógica do discurso. Caso contrário, seria fácil cair novamente no programa de necessidades com a simples enumeração de demandas generalizadas. Isso porque apenas convidar as pessoas a participarem e perguntar sobre suas vontades não é suficiente para romper minimamente com a alienação a que estamos submetidos. As dinâmicas, ao se aproximarem da prática, cumprem o papel de possibilitar aos moradores que comecem a elaborar suas próprias reflexões críticas sobre o espaço para que tenham mais clareza, não apenas sobre suas necessidades e vontades, mas também sobre o potencial que têm de atuar no espaço. Dessa forma, em contraponto à alienação dos processos convencionais, é capaz de assumir um caráter mais emancipador e desmontar uma certa homogeneidade artificial do espaço. Ao invés de nós, enquanto arquitetas, deduzir supostos desejos e espaços que os atenderiam, as demandas espaciais são informadas pela reflexão que os próprios moradores são convidados a fazer sobre a produção cotidiana, o morar e tudo que ele implica e revela.

A exemplo, podemos lembrar aqui o caso de Bella e Bernardo que, para aliviar o problema de espaço na cozinha, foram impulsionados a partir do processo a mudar a geladeira de lugar e colocá-la em um cômodo “não convencional”. Mas antes mesmo da nossa intervenção, o casal, frente aos empecilhos em realizar as atividades cotidianas na cozinha, já havia começado a formular a possibilidade dessa mudança. Quando Bella disse que o motivo para não terem concretizado era que “não é muito normal a geladeira fora da cozinha”, é um exemplo do espaço abstrato e homogeneizante se sobrepondo ao vivido e constringendo a expressão da diferença. Por conta de uma imposição externa, eles atrelavam imediatamente uma situação cotidiana a um produto e a um cômodo, e isso constringia inúmeras outras possibilidades de lidar com a situação e de apropriação do espaço.

O papel das dinâmicas nesta situação foi o de iluminar esse espaço vivido, o cotidiano, enquanto potencial criativo. A partir desse reconhecimento, inicia um processo de conscientização que gera desdobramentos na relação dos moradores com os espaços que

ocupam. Aqui, a proposta de Lefebvre de assumir a cotidianidade com uma distância crítica. Questionar a forma de produção, questionar as imposições dos espaços e do consumo e para não ser aprisionado por ela, para que não ameace o uso e sua fruição.

Esse questionamento é ainda mais crucial que as propostas espaciais em si. No exemplo de Bella e Bernardo, o processo que mais simbolicamente traz à tona a inquietação com a posição da geladeira, se desdobrou inclusive na relação do casal com o espaço, mesmo em um novo apartamento. Em uma das falas da Bella sobre isso, ela disse que entendeu sobre a casa não ter a ver apenas com o espaço físico em si. “Porque nessas mudanças não são só as coisas, você continua sendo, entre aspas, a mesma pessoa, então, como você transfere isso pra outro espaço é importante.” Isso tem a ver com o reconhecimento desse outro espaço, para além das representações físicas e cristalizadas, para além de uma coleção de coisas e objetos, mas o reconhecimento do que se manifesta na apropriação e que dá existência à diferença.

Outra fala de Bella é que o processo “impactou na identidade com a casa” e penso que isso também tem a ver com o reconhecimento desse espaço outro, que quebra com o abstrato e se aproxima ao diferencial. Assim como foi também tema central dos processos de Fernanda e Janete. O anseio por ter “minha casa com a minha cara” que tanto mencionei nas crônicas e descrições, apontam para o desejo de se libertar daquilo que é posto como modelo, e, poderia dizer: pelo direito de ser diferente. Não queriam reproduzir a “loja de shopping”, como disse Janete, ou o “padrão de mercado”, como disse Fernanda. O desejo é por uma diferenciação dos espaços, de maneira que valorizem as raízes, desejos e apropriações de cada um. O que o processo faz é iluminar essa possibilidade de diferenciação ao mostrar para os moradores que suas narrativas e dinâmicas cotidianas são referenciais importantes para refletir e atuar nos espaços. Isso não significa que as forças de dominação são absolutamente rompidas e desaparecem, mas que as forças de apropriação são potencializadas ao serem reconhecidas. E é, nesse campo de tensão entre o abstrato e o diferencial, que o morar acontece, contendo contraditoriamente as duas forças. Que ora

pende para um lado, ora para o outro, mas no horizonte está a produção de um espaço outro, orientada pela apropriação e não pela dominação.

considerações finais

Não me lembro exatamente o que me fez tomar a decisão de, aos 17 anos, escolher arquitetura ao fazer a inscrição no vestibular. Não era nada muito claro, nem nada que me empolgava muito. Eu não tinha em mente planos, nem tentava me visualizar na profissão. Gostava de desenhar e ia muito bem nas aulas de matemática, tomei isso como motivos porque para construir coisas elas devem ser desenhadas e calculadas, era o que eu pensava.

Na época tinha uma história de que se você falava que queria ser arquiteta, as pessoas diziam que era melhor escolher engenharia civil, “porque dá mais dinheiro”. Bom, mas engenheira eu sabia que não queria ser e para retrucar precisei criar um argumento. “Eu não quero construir prédios”, eu dizia. Explicava que eu queria criar, desenhar, organizar, que preferia os detalhes e o lado de dentro das casas. Quando eu falava isso, sempre vinha à minha mente a casa antiga que meus avós paternos moravam no centro de Belo Horizonte e que eu visitava todos os fins de semana. No fim da minha infância, quando meus avós faleceram, essa casa foi demolida para construção de um prédio.

Guardei, na memória, um arquivo extenso de lembranças de infância que aconteceram neste lugar. E o que eu mais me lembro das situações é o espaço, de fato. Obviamente com um toque de mágica a mais que só uma criança é capaz de dar. Os azulejos amarelos na cozinha, a escada estreita e aterrorizante que levava ao escritório, a porta do banheiro disfarçada de guarda-roupas, o vitral colorido que iluminava o box com uma luz verde, a pia que tinha dentro do quarto do meu avô para ele escovar os dentes, o jeito como o quarto da minha avó era afastado de todo o resto da casa.

Comecei a dar atenção ao meu encantamento de criança por essa casa e por tantas outras que guardei na memória. Eu não era uma criança muito sociável, mas se minha mãe dizia que ia visitar uma amiga eu sempre ia junto, porque eu queria saber como era a casa da pessoa. Aquilo me fascinava, eu entrava em todos os cômodos, mesmo sem ser convidada.

Gostava de ver as coisas das pessoas e como elas estavam organizadas. Quando comecei a pensar mais nessas memórias, decidi que esse era o meu motivo.

Comecei a graduação no curso de arquitetura na UFMG sem saber muito bem o que esperar. O script dizia que eu precisava escolher um curso e passar no vestibular, foi isso que eu fiz. A pressão de ser aprovada na universidade era grande e acho que na verdade não sobrava muito tempo para ter expectativas sobre o que viria depois disto. Eu sabia que provavelmente veria algo sobre Niemeyer, sobre colunas gregas e igrejas barrocas, teria aulas de desenho. Mas eu não sabia o que eu queria com aquilo nem as possibilidades que a profissão iria de fato me dar.

Como contei um pouco ao longo deste trabalho, minha relação com a arquitetura se desenrolou de maneira que fui apresentada, desde o primeiro semestre de curso, a caminhos mais alternativos. Não foi muito difícil seguir por eles, justamente por não ter chegado com uma ideia muito convicta em relação ao campo. A possibilidade de uma postura crítica em relação à prática convencional que eu aprendia nas disciplinas de história e projeto, veio com o contato principalmente com os grupos de pesquisas LAGEAR e MOM que diversas vezes mencionei.

A história é longa mas, fato é que, quando me dei conta estava encantada novamente pelas casas, pelos detalhes, pelas relações das pessoas com seus espaços e convicta de que isso me empolgava muito mais do que desenhar, calcular e construir um grande prédio para desconhecidos. Resolvi encarar isso com seriedade e com uma certeza em relação à profissão que nunca tinha tido até então. E, resumindo muito, isso me trouxe até a criação do Ô de casa, cuja prática direcionou a pesquisa de mestrado e a escrita desta dissertação.

Estou contando isso, porque embora eu não tivesse tanta clareza no início do mestrado, com o tempo percebi que a pesquisa que me propus é sobre o desejo de entender o papel do profissional de arquitetura e imaginar outros caminhos para tal. A pesquisa foi direcionada sobretudo pela minha experimentação prática do processo que desenvolvemos no TCC e que usamos no Ô de casa, mas, hoje percebo que faz tempo que eu acredito e me encanto por essa outra-arquitetura.

Escrevi esta dissertação e cursei as disciplinas do curso ao mesmo tempo que fizemos o processo com 13 famílias. Quando, em orientação, veio a ideia inicial de fazer as descrições cruas dos casos, ficou mais claro a possibilidade e o meu desejo de construir a pesquisa a partir da prática, de deixar evidente a experiência e não sombreá-la com supostas teorias. Isso tem a ver com o movimento de dar a devida importância aos atores (com seus conhecimentos e informações), que não estamos acostumados a dar ouvidos, seja na prática de arquitetura, seja na pesquisa acadêmica. Como a pesquisa de mestrado foi pautada pela prática, com os processos se desenrolando em tempo real, a dedicação à práxis teve prioridade sobre leituras teóricas. Com dificuldades e limitações, o objetivo foi o de trazer a práxis (o processo de reflexão na prática) para o texto da dissertação sem passá-la tantas vezes pelo filtro enquadrador da formatação e da linguagem acadêmica. Por esse motivo também a opção de incluir os vídeos de entrevistas com os moradores como parte da dissertação, sem que sejam estes de importância menor que o texto.

Como já mencionei, a pesquisa não poderia ser outra coisa que não um processo, a ser continuado por mim e/ou por outros. Com o material sistematizado aqui (e que segue sendo produzido com as descrições dos demais casos e entrevistas com outros moradores), acredito ter encontrado uma maneira de elucidar a prática, não apenas com o intuito de registrá-la ou explicá-la, mas como forma de ampliá-la. Tentei, ao máximo, usar a escrita desta dissertação como maneira de sintetizar a experiência e as minhas reflexões, em vez de intimidá-las, para que o processo de pensar a prática permaneça aberto, contínuo e para que convide outros a repensar o papel da arquitetura, suas complexidades e contradições.

referências

BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro, Brasil. Civilização Brasileira. 1991.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: 1, Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17ª Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação**: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire, 1980

KAPP, Silke; BALTAZAR, Ana; MORADO, Denise. (2008). **Architecture as critical exercise: little pointers towards alternative practices in architecture**. *Field: a free journal for architecture*, vol. 2, no. 1, Oct 2008, pp. 7–30.

KAPP, Silke. **Por que Teoria Crítica da Arquitetura? Uma explicação e uma aporia**. In: Maria Lúcia Malard. (Org.). *Cinco Textos Sobre Arquitetura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, p. 115-167.

LEFEBVRE, H. **A vida cotidiana no mundo moderno**. Trad. Alcides João de Barros. São Paulo: Ática, 1991a. Título original: *La vie quotidienne dans le monde moderne*, 1968

LEFEBVRE, H. **El Manifiesto Diferencialista**, Trad. Julio Moguel e Saúl Escobar. 1998. México: Siglo Veintiuno Editores, 1975.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. Trad. Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2011. Título original: *Le droit à la ville*, 1968

LEFEBVRE, H. [1972] 2016. **O espaço**. In: *Espaço e política: o direito à cidade II*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

LEFEBVRE, H. **The survival of capitalism**. Trad. Frank Bryant. New York: St. Martin's Press, 1976. Título original: *La survie du capitalisme: la re-production des rapports de production*, 1973

LIVINGSTON, Rodolfo. **Arquitectos de Familia – El Metodo – Arquitectos de la Comunidad**. Buenos Aires: Nobuko, 2006.

LIVINGSTON, Rodolfo. **Cirurgia de casas**. Porto Alegre: Masquatro, 2014.